

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THALITA GONÇALVES FRANCISCO

AS PERSONAGENS FEMININAS EM *LEITE DERRAMADO*,
DE CHICO BUARQUE: UM RECORTE DAS
DISPARIDADES ENTRE OS GÊNEROS NA SOCIEDADE
BRASILEIRA

CURITIBA

2025

THALITA GONÇALVES FRANCISCO

AS PERSONAGENS FEMININAS EM *LEITE DERRAMADO*,
DE CHICO BUARQUE: UM RECORTE DAS
DISPARIDADES ENTRE OS GÊNEROS NA SOCIEDADE
BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração Estudos Literários, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luís Gonçalves Bueno de Camargo

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Francisco, Thalita Gonçalves

As personagens femininas em *Leite derramado*, de Chico Buarque: um recorte das disparidades entre os gêneros na sociedade brasileira. / Thalita Gonçalves Francisco. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luís Gonçalves Bueno de Camargo.

1. Buarque, Chico, 1944- 2. Literatura brasileira. 3. Personagens - Mulheres. 4. Mulheres na Literatura. I. Camargo, Luís Gonçalves Bueno de, 1963-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **THALITA GONÇALVES FRANCISCO**, intitulada: **AS PERSONAGENS FEMININAS EM LEITE DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE: UM RECORTE DAS DISPARIDADES ENTRE OS GÊNEROS NA SOCIEDADE BRASILEIRA**, sob orientação do Prof. Dr. LUIS GONÇALES BUENO DE CAMARGO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 14 de Fevereiro de 2025.

Assinatura Eletrônica

17/02/2025 10:06:08.0

LUIS GONÇALES BUENO DE CAMARGO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

14/03/2025 13:04:35.0

LÍVIA MARIA NATÁLIA DE SOUZA SANTOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA)

Assinatura Eletrônica

17/02/2025 10:03:12.0

PATRÍCIA DA SILVA CARDOSO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

À minha avó Guilhermina, que detém inúmeros e preciosos conhecimentos sobre a terra e sempre diz que devemos agir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao mestre Jesus, que me guiou pelos caminhos tortuosos desta existência e que veio em meu socorro para mostrar que eu não estava sozinha.

Ao meu avô postiço, Divaldo Pereira Franco. Nunca esquecerei das palavras dele quando eu mais precisava: "Thalita, cumi!"

Ao meu querido amigo Thiago Correia, que me avisou sobre o processo seletivo e sempre me apoiou.

À Cleia Rocha, que me ajudou muito quando eu pensava em ideias para escrever o meu projeto.

Ao professor Luís Bueno, que me acolheu como orientador e se disponibilizou a me ajudar no meu retorno ao programa. "Você vai defender!" foi a afirmação dele em nossa primeira conversa sobre o texto e me motivou muito. Ouviu os meus lamentos como profissional da educação, se mostrando muito humano e empático, além de sempre me atender com prontidão.

À professora Lívia Natália, que aceitou realizar a leitura do meu trabalho, mesmo estando na Bahia, e me auxiliou com excelentes sugestões de leitura e possibilidades de aprofundamento do meu texto.

À professora Patrícia Cardoso que, gentilmente, fez apontamentos muito importantes para que eu pudesse avançar na interpretação do livro de Chico Buarque.

Aos meus antepassados e aos estudiosos, pesquisadores, escritores, trabalhadores e ativistas negros e negras que abriram o caminho para que eu estivesse aqui hoje, refletindo, estudando, escrevendo e, acima de tudo, sentindo e sabendo da nossa relevância como indivíduos negros no mundo.

Aos meus pais, que me deram a vida e mostraram a importância de sermos pessoas íntegras, e me possibilitaram o acesso à educação e à cultura desde cedo, principalmente o contato com os livros.

À minha amada tia Cristina que fez o possível para que eu tivesse uma infância feliz e até hoje é um lar para mim.

Ao meu grande amigo, Lucas Yamamoto Ribeiro, minha família escolhida nesta jornada terrena, que sempre esteve presente com seu sorriso e bom ânimo admiráveis.

Ao amigo e irmão de jornada, Ygor Dalaqua, com quem sempre tive conversas profundas sobre a vida e partilhei momentos de dificuldade e de alegria.

Ao Renato de Azevedo Silva, que me ajudou na última semana de escrita a refletir sobre as teorias da memória, o que foi muito importante num momento em que as minhas energias estavam quase no fim. E que também me auxiliou com algumas dúvidas sobre

formatação.

À minha querida amiga Rachel Hemeterio de Souza, a Chuchu, que sempre se fez presente, mesmo à distância. Foi um oásis de luz com sua alegria, bom humor, sensatez e amizade sincera.

Aos amigos que sempre acreditaram em mim e apoiaram os meus projetos literários, mesmo estando longe: Daiana Müller e Murilo Andrade Ortiz.

Aos amigos que sempre vibram por minhas vitórias: Ani Otowicz, Carolina S. J. Araújo, Caroline Cordeiro, Dyego Bruschi, Francisco Bezerra, Priscila Hibari Takahashi, Silvana Moreira Javorouski, Taciano Berton e Vanessa Dumas.

Às professoras Angela Sarneski, Ligia Ferreira, Raquel Illescas Bueno e aos professores Evanir Pavloski e Marcelo Paiva de Souza.

Conforme bell hooks nos lembra, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens
[BELO, Fayda. Justiça para todas: o que toda mulher deve saber para garantir seus direitos]

Feminist: the person who believes in the social, political, and economic equality of the sexes
[BEYONCÉ. Flawless (Feat. Chimamanda Ngozi Adichie)]

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo analisar como as diferentes personagens femininas têm as suas trajetórias delineadas por meio da narração de um homem imbuído de arquétipos de comportamento derivados do momento histórico em que está inserido, da educação que recebeu e das experiências que vivenciou. Partimos do pressuposto de que *Leite derramado* é uma obra que ficcionaliza o passado histórico brasileiro e por este motivo avaliamos de que maneira os recursos empregados pelo autor para a construção da narrativa permitem que entendamos sua conexão com a organização da sociedade brasileira no recorte temporal demarcado no livro. Eulálio Montenegro de Assumpção, no tempo presente da narração, é um senhor de cem anos de idade com problemas de memória agudizados por sua condição física, que remora em um leito de hospital a trajetória de sua vida, a derrocada financeira de sua família, como conheceu e veio a perder sua amada Matilde e todos os dissabores advindos de suas escolhas equivocadas. Diferentes situações que envolvem o cotidiano das mulheres são apresentadas ao longo de sua narração: as maneiras distintas como mulheres negras retintas e negras de pele clara são inseridas a sociedade, a banalização da violência doméstica, o machismo e as diferentes formas em que ele limita as possibilidades de escolha das figuras femininas etc.

Palavras-chave: Leite derramado, personagens femininas, realidade brasileira, Chico Buarque.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze how the different female characters have their trajectories outlined through the narration of a man imbued with behavioral archetypes derived from the historical moment in which he is inserted, the education he received and the experiences he has lived. We assume that *Leite derramado* is a work that fictionalizes the Brazilian historical past and for this reason we evaluate how the resources used by the author to construct the narrative allow us to understand its connection with the organization of Brazilian society in the time frame demarcated in the book. Eulálio Montenegro de Assumpção, in the present tense of the narration, is a one-hundred years old man with memory problems exacerbated by his physical condition, who reminisces in a hospital bed about the trajectory of his life, the financial collapse of his family, how he met and lost his beloved Matilde and all the hardships arising from his wrong choices. Different situations involving women's daily lives are presented throughout the narrative: the different ways in which dark-skinned black women and light-skinned black women are inserted into society, the trivialization of domestic violence, machismo and the different ways in which it limits the possibilities of choice for female figures, etc.

Keywords: Leite derramado, female characters, Brazilian reality, Chico Buarque.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 VOZES MASCULINAS	16
2.1 EULÁLIO E SUAS LEMBRANÇAS	16
2.2 ESTRATÉGIAS NARRATIVAS EM <i>LEITE DERRAMADO</i>	24
2.3 OS HOMENS DA FAMÍLIA ASSUMPCÃO: UM REFLEXO DO PATRIARCADO BRASILEIRO	30
2.4 AMANTES, PROSTITUTAS E O SENADOR ASSUMPCÃO.....	37
2.5 CIÚMES E VIOLÊNCIA	43
3 A SUBALTERNIDADE FEMININA	49
3.1 O DISCURSO DO NARRADOR COMO EXPRESSÃO DA DOMINAÇÃO MASCULINA.....	53
3.2 A SUBSERVIÊNCIA DE MATILDE ANTES E DEPOIS DO CASAMENTO....	54
3.3. A MÃE DE EULÁLIO	55
3.4. MARIA EULÁLIA.....	58
4 A MULHER NEGRA	69
4.1 CORPOS NEGROS E A ESCRAVIDÃO	69
4.2 MULHERES ESCRAVIZADAS	70
4.3 AS PERSONAGENS NEGRAS EM <i>LEITE DERRAMADO</i>	72
4.4. MATILDE.....	72
4.5 BALBINA FALA OU NÃO FALA?.....	95
4.6 EULÁLIO E SUA BABÁ.....	99
4.7 MULHERES NEGRAS E OS ABUSOS.....	101
4.8. AS MULHERES NEGRAS E AS PROFISSÕES.....	102
CONCLUSÃO	105
REFERÊNCIAS	108

1 INTRODUÇÃO

As enormes discrepâncias no tratamento dispensado a homens e mulheres, nos mais diversos âmbitos e situações, além da naturalização de tais práticas, sempre se configuraram aos nossos olhos como fontes de desconforto. Quando iniciamos a nossa trajetória como leitores, recursos como o suspense ou finais inesperados, além do exercício da imaginação, indispensável para pensar cenários e personagens, eram os elementos que mais se destacavam. Fato é que, com o passar do tempo, começamos a entender como algumas obras literárias podem conter e representar muito da nossa realidade nas mais variadas medidas, inclusive no que tange às violências, desigualdades e equívocos presentes no cotidiano e nas relações humanas. Tais afirmações parecem bastante subjetivas e até mesmo pueris, no entanto, quando temos a tarefa de selecionar um objeto de pesquisa para um trabalho de fôlego como uma dissertação, é interessante, e diríamos que quase inevitável, selecionar temas que nos movem. Precisamos ainda citar que, a obra a ser estudada aqui, num primeiro momento, não nos trouxe tantos arrebatamentos, no entanto, após reparar uma segunda vez, percebemos que as relações ali existentes, o discurso construído e, mais importante, o ponto de vista sob o qual a narração se realiza, e a maneira como a realidade é representada, criam desconfortos e reflexões, como citamos no começo deste parágrafo, motivando-nos a iniciar essa análise.

O objeto de estudo do presente trabalho é o romance *Leite Derramado*, de Chico Buarque publicado em 2009. Nosso foco principal de pesquisa é analisar como as diferentes personagens femininas têm as suas trajetórias delineadas por meio da narração de um homem imbuído dos arquétipos de comportamento derivados do momento histórico em que está inserido, da educação que recebeu e das experiências que vivenciou. Partimos do pressuposto de que a obra ficcionaliza o passado histórico brasileiro e por este motivo avaliaremos de que maneira os recursos empregados pelo autor para a construção da narrativa permitem que entendamos sua conexão com a organização da sociedade brasileira no recorte temporal demarcado no livro.

György Lukács, principal referência nos estudos sobre ficção e história, situa o surgimento do romance histórico no início do século XIX e parte das narrativas do escocês Walter Scott para exemplificar sua teoria. Segundo ele, nos séculos XVII e XVIII, já existiam romances com a temática histórica, como *O castelo de Otranto*, de Walpole, porém seu trato com a história estava apenas na roupagem, no exterior, pois os costumes retratados pertenciam à época do autor, assim como a psicologia das personagens, diferente do que ocorria no momento histórico trabalhado no romance. A falta do retrato artístico efetivo de uma época

histórica impossibilitava que o texto de Walpole, assim como vários outros antes de Walter Scott, pudesse ser considerado um romance histórico nos parâmetros definidos por Lukács, pois o aspecto determinante aos olhos dele seria a presença do “elemento especificamente histórico: o fato de a particularidade dos homens ativos derivar da especificidade histórica de seu tempo” (LUKÁCS, 2011, p. 33).

Em suas análises, Lukács tratava de romances da primeira metade do século XIX e, tendo em vista que o trabalho a ser realizado será voltado para uma obra publicada no século XXI, importa citar que uma variedade de estudos foi desenvolvida ao longo do tempo sobre romances que ficcionalizam o passado histórico. Teóricos como Linda Hutcheon, Seymour Menton e Fernando Aínsa, postularam novas terminologias e abordagens analíticas. Deste modo, para que a nossa leitura se faça mais produtiva e adequada, empregaremos teorias contemporâneas. Manteremos a análise voltada para a influência dos elementos relacionados à organização de uma sociedade específica (unindo espaço, tempo, costumes e etc.) na vida e no comportamento das personagens a serem estudadas, porém utilizaremos, principalmente, as enunciações de Fredric Jameson apresentadas na conferência “O romance histórico ainda é possível?”, realizada em 2007, na qual, sinteticamente, o estudioso afirma que o romance histórico pode incluir vários aspectos:

[...] sob a condição de que eles tenham sido organizados em uma oposição entre um plano público ou histórico (definido seja por costumes, eventos, crises ou líderes) e um plano existencial ou individual representado por aquela categoria narrativa que chamamos de personagens. (JAMESON, 2007, p.192).

Leite Derramado traz como plano de fundo do enredo a sociedade brasileira entre os séculos XIX e XXI. Como leitores, podemos perceber com bastante nitidez que cada uma das personagens ocupa papéis que, de maneira geral, estão de acordo com o que de fato ocorria no Brasil àquela época, (talvez com exceção de Matilde, da qual trataremos mais adiante), ou seja, existe um tipo de observação por parte do autor sobre elementos constitutivos da história do país que se traduzem na representação do tempo, do espaço e das condições sociais, caracterizando a especificidade histórica e corroborando, nestes pontos, com algumas proposições feitas por Lukács. O Brasil é uma nação organizada sobre bases patriarcais e, para mostrar as relações entre essa realidade e o texto, podemos usar como exemplo o destaque atribuído às personagens masculinas da família Assumpção, em detrimento das femininas, quando o narrador conta a trajetória de sua vida, lembrando dos antepassados (que segundo ele foram homens memoráveis, cada um a sua maneira) e depois dos seus descendentes que, mesmo diante da decadência na “linhagem dos Eulálios”, consequência da inabilidade do narrador-

protagonista em cuidar dos negócios da família após a morte do pai, dentre outras coisas, ainda assim são colocados como figuras importantes para demarcar a continuidade da história familiar em seu pensamento. O que percebemos se relaciona com as afirmações de Regina Przybycien no prefácio de *Lentes, pincéis e páginas: discursos de mulheres* (2020), “as narrativas da História se concentraram nas ações dos homens. Eles ocuparam o centro do palco/ mundo onde foram encenados os grandes eventos [...] As mulheres permaneceram invisíveis, nos bastidores, porque suas ações não eram consideradas relevantes” (PRZYBYCIEN, 2020, p. 8). A historiadora Lilia Moritz Schwarcz nos explica, em *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019), que a presença do patriarcalismo na sociedade brasileira é antiga. Afirma que, entre os séculos XVI, XVII e XVIII, quando predominava a cultura da cana-de-açúcar no nordeste brasileiro e meados do século XIX, com o foco voltado para a produção do café:

o padrão da ‘agroindústria’ foi se modificando, e os proprietários, além de herdar, compravam terras. Já o poder de mando do senhor sobre suas terras e aqueles que nela habitavam seguiu mais ou menos o mesmo [...] Também se esmeraram em construir uma história edificante, unindo à figura do senhor aquela do ‘pai’ – bondoso e severo – e assim projetando uma sociedade patriarcal, na qual as mulheres cumpririam um papel basicamente secundário e a hierarquia teria lugar especial, jamais questionado. Aí estava o modelo dessa sociedade patriarcal brasileira; a família (do senhor) funcionando como esteio e anteparo, real e simbólico, para toda a organização social. (SCHWARCZ, 2019, p. 42 - 43).

Outra questão presente no livro de Chico Buarque, que tem relação direta com o foco desta pesquisa e pode ser usada como exemplo de especificidade histórica, é a representação de personagens femininas restritas ao ambiente do lar, como a mãe de Eulálio e Matilde, a esposa dele. Uma das passagens que nos mostra isso está no capítulo 2, quando ele se dirige a filha e diz: “Sua mãe nunca tinha visto um navio de perto, depois de casada ela mal saía de Copacabana” (BUARQUE, 2009, p. 11). Na sequência da narração, se lembra de um dia que pretendia levar Matilde ao cais do porto, onde estava atracado o Lutétia, no entanto, por considerar a maquiagem e a roupa da mulher espalhafatosas demais e tomado de uma raiva repentina, a deixa pra trás, em casa, sem qualquer explicação. Bem sabemos que no Brasil, no início do século XX, boa parte das mulheres não detinha liberdade suficiente e nem mesmo recursos materiais para determinar os rumos da própria vida, mantendo-se sob a tutela do pai, irmão, avô ou similar antes do casamento e depois sob a régia do marido. Um exemplo simples da inferiorização das mulheres nesse período é o fato de que elas só passaram a ter direito ao voto no país em 1932, com a elaboração do Código Eleitoral Provisório. De acordo com o texto, era eleitor “o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo” (FONTE - https://apps.tre-go.jus.br/memorial/?page_id=11051).

Leite Derramado é um romance que possui um narrador-protagonista masculino. Eulálio nos apresenta, por meio de suas lembranças, os principais acontecimentos de sua trajetória de vida, a derrocada de sua família e os motivos que o levaram a perder a mulher que amava. Percebemos, por meio de suas recordações, como se estabeleceram as suas relações com as diferentes mulheres com as quais teve contato. Ele foi ensinado desde a infância a ver as figuras femininas como inferiores e simples auxiliares de sua sobrevivência, o que configura, mais uma vez, a presença de reflexos socialmente estabelecidos para o comportamento masculino na narrativa. Em *Deslocamentos do feminino* (2016), Maria Rita Kehl afirma que:

Embora homens e mulheres sejam vários, diversificados quanto aos modos de inclusão nos universos ditos 'masculino' e 'feminino', o conjunto dos homens raramente esteve em questão quanto ao que os identifica. Por sua vez, o conjunto das mulheres, ao deslocar-se de uma posição construída de modo a complementar e sustentar a posição masculina, motivou uma produção de discursos e saberes extremamente prolixa, na proporção direta da perplexidade que esse deslocamento produziu. (KEHL, 2016, p. 27 - 28)

As reflexões da pesquisadora serão importantes em alguns pontos dessa análise, pois mencionam a inserção de figuras femininas e masculinas socialmente, o papel secundário e limitado ocupado pelas mulheres, as mudanças possibilitadas durante a modernidade e, principalmente, a dificuldade de encontrar equilíbrio nos papéis e relações entre os diferentes gêneros.

No capítulo “Vozes masculinas”, analisaremos como se dá a narração do texto, considerando que Eulálio, no presente da narração, é um homem que atingiu os cem anos de idade e, devido à senilidade, teve sua memória recente comprometida, por este motivo nos conta a sua história de vida, indo e voltando no tempo de acordo com o que consegue lembrar, além de se confundir, contar e recontar passagens iguais da sua vida de diferentes formas.

Historicamente as vozes e anseios femininos foram silenciados ou postos em segundo plano diante de determinações masculinas, considerando obviamente os pressupostos equivocados de superioridade e poder do homem branco e europeu, subjugando outros homens (e mulheres) de diversas etnias. Faz-se necessário ressaltar que, no caso específico da formação povo brasileiro, homens (aqui me refiro a indivíduos do sexo masculino) negros e indígenas sofreram com a desumanização. A família Assumpção é composta por uma sucessão de Eulálios, até o nascimento de Maria Eulália, filha do narrador-protagonista. Pretendemos analisar brevemente as características dos outros membros masculinos na genealogia de Eulálio d'Assumpção, sua influência na vida do narrador e como construíam suas relações com as mulheres.

No capítulo seguinte do trabalho, “A subalternidade feminina”, mostraremos as contribuições de teóricas feministas para entender as desigualdades entre homens e mulheres ao longo da história e como isso é representado no romance de Chico Buarque. Mostraremos que personagens como a mãe de Eulálio, a avó e Matilde, a esposa dele, ficaram restritas ao ambiente do lar após o casamento, tendo que se adaptar à organização social machista que lhes era imposta, passando a obedecer aos caprichos dos maridos, além de conviver com o ciúme e até mesmo com as traições.

Reservamos o terceiro capítulo do trabalho para mostrar como as mulheres negras são representadas ao longo da narrativa. Perceberemos que, por se tratar de uma ficcionalização do passado histórico, *Leite Derramado* traz personagens femininas negras ocupando espaços de subserviência, pouco prestígio e silenciamento, como realmente ocorreu e ainda ocorre na realidade brasileira. Indicaremos as diferenças de tratamento concedidas às mulheres negras de diferentes tonalidades de pele e como tal condição determinava os espaços que elas poderiam ocupar. Para isso, nos basearemos em grande parte da análise, nos estudos realizados por Adriana Devulsky, pesquisadora do colorismo.

2 VOZES MASCULINAS

2.1 EULÁLIO E SUAS LEMBRANÇAS

O tempo narrativo de *Leite Derramado* se situa entre os séculos XIX e XXI no Brasil. Eulálio, o narrador-protagonista, é um homem que atingiu os cem anos de idade e, num leito de hospital, relembra a sua trajetória de vida. Durante a leitura, percebe-se a presença marcante de vários costumes e noções representativos da organização social da época, contribuindo para que se constate a ficcionalização do passado presente no romance. Acontecimentos históricos se misturam às criações tipicamente ficcionais. Hábitos, preceitos e preconceitos relativos àquele período estão presentes na ação das personagens.

Durante a leitura, por meio das memórias de Eulálio, podemos perceber que vários aspectos da organização social patriarcal da qual ele fazia parte se manifestam em suas atitudes e também no comportamento de várias outras personagens. Sinteticamente, a história contida no livro mostra uma família da elite brasileira e seu processo de derrocada a partir do ponto de vista de um de seus membros. A figura que nos conta os acontecimentos sempre os coloca de uma perspectiva masculina, machista, egoísta, dominadora e desprovida de sensibilidade, a não ser aquela representada pela pena de si mesmo, que é um reflexo das dores morais de um homem

que perdeu todos os seus bens e, no presente da narração, está internado em um hospital sem qualquer regalia e, vez ou outra, recebe visitas da filha. No momento presente da narração, Eulálio, ainda com vários resquícios de sua petulância e superioridade equivocada, faz algumas reflexões sobre posturas inadequadas que manteve ao longo de sua trajetória de vida que lhe renderam vários dissabores e lamenta a perda da mulher amada: “[...] de repente uma lambada atroz. Quando perdi minha mulher, foi atroz. E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida.” (BUARQUE, 2009, p. 10). Eulálio se configura como uma personagem estática, ou seja, não evolui como indivíduo com o passar do tempo. Mesmo com todo o sofrimento que ele mesmo assinala, continua existindo um descompasso entre o seu íntimo e o espaço social que passou a ocupar. A maneira como ele trata as enfermeiras, com uma superioridade que lhe parece evidente e ele não nega, é um exemplo nítido disso.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é que a memória dos seres humanos em geral não é confiável, porém, no caso de Eulálio, tão idoso e em condições de saúde precárias, essa condição se agudiza, em vista da confusão mental que ele mesmo percebe e nos explica em algumas passagens do livro como em sua afirmação num trecho do capítulo 7: “Mas lembrança de velho não é confiável” (BUARQUE, 2009, p. 38). Logo no início da narrativa, no capítulo 1, Eulálio aparentemente está em um diálogo com uma moça que irá se casar com ele, ao que tudo indica de pronto. Ele afirma que, quando sair do hospital, os dois se casarão numa fazenda na raiz da serra e que a moça irá usar o vestido que pertenceu à mãe dele. Segue dizendo que ela dará ordens aos criados e irá cavalgar no cavalo de sua ex-mulher. Cita algumas de suas propriedades como um chalé em Copacabana e um casarão em Botafogo que foi construído por seu pai. Porém, na sequência da narração, percebemos que ele se refere a uma das enfermeiras do hospital e que esse casamento não passa de uma fantasia dele. A personagem se lembra que não dispõe mais dos bens que citou momentos antes:

Aliás, bem em cima do nosso próprio terreno levantaram um centro médico de dezoito andares, e com isso acabo de me lembrar que o casarão não existe mais. E mesmo a fazenda na raiz da serra, acho que desapropriaram em 1947 para passar a rodovia. (BUARQUE, 2009, p. 7).

Em meio às confusões entre o presente e o passado, Eulálio nos conta suas lembranças marcantes, muitas vezes aliando ou mesclando elementos de sua imaginação aos acontecimentos reais. Seu passado é revivido frequentemente e várias de suas recordações preenchem o presente angustiante. Percebemos, no avançar das páginas do livro, que algumas passagens da vida de Eulálio são recontadas repetidas vezes. Quando ele volta a um

acontecimento do passado, já mencionado anteriormente, geralmente acrescenta algo que não foi citado antes. Podemos usar dois trechos para exemplificar isso:

a) “Nisso não puxei ao meu pai, que só apreciava as louras e as ruivas, de preferência as sardentas. Nem à minha mãe, que ao me ver arrastando asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa do meu pai.” (BUARQUE, 2009, p. 20).

b) “Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta. Minha mãe era de outro século, em certa ocasião chegou a me perguntar se Matilde não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha de sete irmãs, filhas de um deputado correligionário de meu pai. (BUARQUE, 2009, p. 29 - 30).

As duas passagens se referem ao mesmo acontecimento, o dia da missa realizada em função da morte do pai de Eulálio. No trecho “a” ele afirma que Matilde era uma das congregadas marianas a cantar na missa. No trecho “b”, além de acrescentar que ela tivera uma educação rigorosa, afirma que sua família era distinta e ela era uma das sete filhas de um deputado. Existe um intervalo de apenas nove páginas entre os dois trechos e é como se as informações sobre Matilde fossem sendo trazidas à memória e ao discurso dele, aos poucos. É importante notar que esse recurso, que é a união da memória falha do narrador com a distribuição alternada das informações ao longo do texto, acaba retardando um pouco a maneira como a figura da mulher se forma no imaginário do leitor. Podemos acrescentar ainda que, no capítulo 15, Eulálio retoma rapidamente esse dia: “Não sei se já lhe contei como conheci Matilde na missa de sétimo dia de meu pai, quando ela falou Eulálio [...] Também acho que lhe contei como fui vigiá-la um dia depois, toda serelepe à saída da escola, era a mais moreninha da classe.” (BUARQUE, 2009, p. 96). Desta vez ele explica que era a missa de sétimo dia de seu pai. Antes, como vimos no trecho “a”, era apenas a missa de seu pai, sem mais. Outra coisa que podemos perceber é que, nessas três passagens, Eulálio compara o tom de pele da moça à diferentes grupos: a) “era a mais moreninha das congregadas marianas”; b) “era a mais moreninha de sete irmãs”; c) “era a mais moreninha da classe”. O que nos faz perceber que esse é um dos elementos que, além da vivacidade, destacavam ou diferenciavam Matilde das outras moças nos ambientes em que ela estava, já que Eulálio sempre chama atenção para essa característica em suas recordações.

No início do capítulo 3 de *Leite Derramado*, Eulálio faz menção ao fato de que suas lembranças do passado são mais nítidas do que as do presente, o que nos mostra mais uma vez a consciência dele a respeito das confusões de sua memória:

Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas da faculdade que eu já tinha esquecido, com seus respectivos salões cheios de parentes e contraparentes e penetras com suas amantes, mais as reminiscências dessa gente toda, até o tempo de Napoleão. Veja só, nesse momento olho para você, que toda noite está comigo tão amorosa, e fico até sem graça de perguntar seu nome de novo. Em compensação, recordo cada fio da barba do meu avô, que só conheci de um retrato a óleo. (BUARQUE, 2009, p. 14 - 15)

Paul Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), estrutura os seus estudos sobre a memória com base em duas perguntas fundantes: “*De que há lembrança? De quem é a memória?*” (RICOEUR, 2007, p. 23). Segundo ele, é mais produtivo se ater inicialmente na pergunta “o quê?”, uma vez que privilegiar “quem?”, poderia gerar efeitos negativos considerando que, além da existência de um “eu” específico, existe a noção de memória coletiva que poderia ficar em desvantagem. Iniciamos a nossa análise trazendo uma resposta parcial para a segunda pergunta proposta pelo estudioso, “*De quem é a memória?*”. Dizemos parcial porque sabemos que o narrador-protagonista é um homem em idade avançada que, devido à condição física, está privado de agir segundo seus atos de vontade no momento presente da narração. No entanto, só iremos saber exatamente quem foi e é essa personagem com uma riqueza maior de detalhes conhecendo o conjunto de suas lembranças e analisando o seu comportamento diante das mais diversas situações e no trato com as outras personagens com as quais conviveu, o que será o objeto dos capítulos seguintes.

Outra informação importante sobre a segunda pergunta proposta por Paul Ricoeur e o texto de Chico Buarque é que, nos três primeiros capítulos do livro, não sabemos exatamente a quem pertencem as lembranças retomadas, visto que, somente no capítulo 4 é que se faz referência ao nome de família do “eu” que inicia a narrativa (*Assumpção*, com “p” para diferenciar de *Assunção*, diverso da forma vulgar, comum, como a própria personagem afirma, e também o que o distancia do sobrenome adotado por um escravo). Seu primeiro nome só irá aparecer no capítulo 6 na seguinte passagem:

Assisti contrito ao desfecho da cerimônia, em seguida me postei com mamãe para atender à imensa fila de cumprimentos. Acolhi condolências formais, efusões de desconhecidos, mãos pegajosas e hálitos azedos, já sem grandes esperanças de Matilde. Até que a avistei ao lado dos pais [...] Chegou, me fitou com os olhos subitamente marejados, me abraçou e sussurrou no meu ouvido, coragem, Eulálio. Matilde falou Eulálio me confundiu. (BUARQUE, 2009, p. 31).

Desta forma, podemos perceber que, de acordo com o que nos explica Paul Ricoeur, a narrativa de Chico Buarque acaba privilegiando o conteúdo da primeira pergunta desde o início, “*De que há lembrança?*”.

Nos importa saber que o tempo não aparece de forma cronológica na narração, já que Eulálio vai e volta no tempo, conta e reconta alguns fatos de acordo com o que ele se lembra ou da maneira como as recordações vão ocorrendo em meio ao seu discurso. A estudiosa Aleida Assmann, em *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011), nos explica que existe uma diferença entre “memória” e “recordação”. Segundo ela:

[...] diferentemente do ato de decorar, o ato de lembrar não é deliberado: ou se recorda ou não se recorda. Na verdade seria mais correto dizer que alguém recorda alguma coisa, mas só vai tomar consciência dela posteriormente. F. G. Jünger, que fez uma das muitas propostas de diferenciação conceitual entre “memória” e “recordação”, por um lado, equiparou “memória” com “coisas pensadas” – ou seja, conhecimentos – e, por outro, associou “recordação” com experiências pessoais. Ele escreve: os conteúdos da memória, “eu tanto posso adquirir sozinho quanto eles me podem ser ministrados. Mas as recordações, não posso nem aprender por mim mesmo nem ninguém pode me ensinar”. A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento da sua recuperação. Assim, nesse intervalo de latência, a lembrança não está guardada em um repositório seguro, e sim sujeita a um processo de transformação. (ASSMANN, 2011, p. 33 - 34).

Com base nesses apontamentos podemos concluir que muito do que Eulálio nos apresenta são suas “recordações”, empregando o conceito mencionado por Assmann, que está de acordo com uma proposição apresentada por F. G. Jünger, pois está relacionado às experiências pessoais da personagem e, sendo assim, pode exigir certo esforço daquele que recorda. Retomando a citação anterior “o ato de lembrar não é deliberado”.

Esta noção pode ser complementada com uma explicação de Paul Ricoeur sobre o esquecimento e as tentativas de relembrar o passado:

Junto com todos os socráticos, designo a recordação como termo emblemático de busca [...] Assim, o esquecimento é designado obliquamente como aquilo contra o que é dirigido o esforço de recordação [...] Buscamos aquilo que temos ter esquecido, provisoriamente ou para sempre, com base na experiência ordinária da recordação sem que possamos decidir entre duas hipóteses a respeito da origem do esquecimento: trata-se de um apagamento definitivo dos rastros do que foi aprendido anteriormente, ou de um impedimento provisório, este mesmo eventualmente superável, oposto à sua reanimação? Essa incerteza quanto à natureza profunda do esquecimento dá à busca o seu colorido inquieto. Quem busca não encontra necessariamente. O esforço de recordação pode ter sucesso ou fracassar. A recordação bem-sucedida é uma das figuras daquilo que chamaremos de memória “feliz”. (RICOEUR, 2007, p. 46).

Um exemplo desse esforço para se lembrar de algo que aconteceu no passado, aparece no capítulo 19 de *Leite Derramado*. Eulálio inicia com o trecho de uma música e afirma gostar de ouvir a lavadeira lá embaixo cantando. Comenta ter recebido uma visita de seu pai, o qual nunca aparecia no quarto dele. Informações notadamente pertencentes ao passado já que em seu momento presente está no hospital e o pai já falecera. Na sequência, parece mesclar essa passagem da visita com o presente, no qual a enfermeira tomava conta dele, mas logo percebemos que ele está falando da mãe, pois relaciona a mulher que sacode o termômetro antes de colocar em seu sovaco com os sentimentos que ela expressava ao tocar piano e suas reações numa festa no casarão, recordação que Eulálio também retoma em diferentes momentos (a festa) ao longo de sua narração até chegar a uma conclusão sobre a causa da morte de seu pai. Depois disso alguém abre a persiana e ele não vê mais nada, sua mãe desaparecera. Só algumas páginas adiante perceberemos que Eulálio passara então a narrar para sua filha e diz:

De bom grado tornarei a lhe falar somente dos bons momentos que vivi com Matilde, e por favor me corrija se eu me equivocar aqui ou ali. Na velhice a gente dá para repetir casos antigos, porém jamais com a mesma precisão, porque cada lembrança já é um arremedo de lembrança anterior. A própria fisionomia de Matilde, um dia percebi que eu começava a esquecê-la, e era como se ela me largasse novamente. Era uma agonia, mais eu a puxava pela memória, mais sua imagem se desfiava. Restavam dela umas cores, um ou outro lampejo, uma lembrança fluida, meu pensamento em Matilde tinha formas vagas, era pensar num país e não numa cidade. (BUARQUE, 2009, p. 136).

Matilde é um dos objetos principais das lembranças de Eulálio, e no trecho citado ele começa a perceber que a imagem da mulher foi desaparecendo, vai dizer que até mesmo o tom de pele dela tinha dificuldade de reconhecer e aplicá-lo a outras mulheres. Foi se esquecendo de seus desejos, cansou das revistas ilustradas e perdeu a noção do corpo de mulher. Já não recebia a visita de Matilde em seus sonhos. Como Ricoeur bem explica, quem busca nem sempre acha, e o esforço da recordação pode fracassar. Porém, certo dia, quando já havia se mudado para o subúrbio com a filha, teve uma lembrança nítida de Matilde, sem que esperasse: "E foi nessas circunstâncias que tive uma tardia e talvez derradeira visão de Matilde, à maneira de uma visita da saúde." (BUARQUE, 2009, p. 137). Neste caso, a incerteza com relação ao esquecimento se tornou no que Ricoeur chama de "memória feliz", se conectando a afirmação de Aleida Assmann sobre o ato de lembrar não ser deliberado, ou seja, depende esforço. Interessa também retomar outra informação importante dita pela autora: "nesse intervalo de latência, a lembrança não está guardada em um repositório seguro, e sim sujeita a um processo de transformação". Ou seja, ainda que ocorra essa memória feliz, é possível que não seja perfeitamente igual ao ocorrido que se deseja lembrar.

Em uma primeira leitura do livro, é possível chegar-se à conclusão de que Eulálio relata o seu passado para entender a si mesmo, motivado pelas dores que o assolam, como a perda da mulher e de seu patrimônio. Embora não se trate de um discurso controlado, é o que passa pela cabeça confusa dele. Notamos que boa parte do que aconteceu em sua vida foi consequência de suas escolhas equivocadas, fossem elas resultado da educação familiar que recebeu e do espaço social ao qual pertencia, ou de seu orgulho, machismo e egoísmo. Mesmo diante de suas confusões, as passagens importantes de sua vida continuam registradas e, segundo ele: “A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas.” (BUARQUE, 2009, p. 41). É importante acrescentar que os esquecimentos, retomadas, confusões e alternâncias na apresentação dos fatos contados por ele, decorrentes do processo de senilidade que afetou a sua memória, são empregados como estratégia narrativa preponderante na construção do enredo de *Leite Derramado*.

Porém, após diferentes leituras e releituras, notamos que existem outras possibilidades para essa narração que ele constrói. Para isso, é importante estarmos atentos ao fato de que ele dialoga com diferentes pessoas, algumas vezes em situações do passado e em outras, de seu momento presente, no qual de fato acontece essa narração. Outro aspecto a se observar é que, no presente, há momentos em que ele fala com a enfermeira, com quem imaginaria se casar no futuro, e que também entende que é a pessoa que anota tudo o que ele diz; há outros em que fala com Maria Eulália, sua filha; momentos que aparentemente fala sozinho; exclamações destinadas aos funcionários em geral do hospital; e aqueles em que, mais para o final do livro, fala para que outros pacientes escutem ou pessoas que passam no corredor onde está a sua maca.

Posto isso, no momento presente da narração, boa parte da fala de Eulálio se destina à enfermeira com quem ele inicia seu discurso na página 5 e segue adiante: “Quando eu sair daqui, vamos nos casar [...] Estou pensando alto para que você me escute. E falo devagar, como quem escreve, para que você me transcreva sem ser taquigrafa, você está aí?” (BUARQUE, 2009, p. 5 - 7). Ele cuida para que a mulher escreva corretamente o que ele diz, evitando que o entendam mal, achando que ele não teria conhecimentos da Língua Portuguesa: “Antes de exhibir a alguém o que lhe dito, você me faça o favor de submeter o texto a um gramático, para que seus erros de ortografia não me sejam imputados.” (BUARQUE, 2009, p. 18). E muito próximo ao final da narrativa, questiona a enfermeira por não estar dando muita atenção a ele: “Mas você perdeu lances fundamentais da minha vida. Do jeito que anda relapsa, quando você compilar as minhas memórias vai ficar tudo desalinhavado, sem pé nem cabeça.” (BUARQUE, 2009, p. 155). Deste modo, podemos entender que Eulálio pretendia que se elaborasse um texto ou mesmo um livro com a história de sua vida, uma provável autobiografia. Ainda que não exista

indício nenhum de que a enfermeira anotasse o que ele dizia, e isso parecesse mais um fruto de sua imaginação, quem escreve uma autobiografia o faz para compartilhar experiências vividas, podendo, com isso, passar mensagens e até mesmo ser lembrado, já que o texto ficará registrado e possivelmente será acessado por um sem-número de pessoas que se interessem em ler.

Como sabemos, Eulálio estava preso ao leito do hospital e dividia o espaço com estranhos que, para ele, constituíam “pessoas do povo, sem grandes luzes” (BUARQUE, 2009, p. 50), com as quais não adiantaria conversar. Nas raras visitas de Maria Eulália, contava a ela sobre acontecimentos do passado, alguns que diziam respeito à Matilde e outros eram confidências de sua juventude, tratando dos mais diversos assuntos. Aqui entendemos que a motivação era esclarecer Maria Eulália ou manter um tipo de diálogo, somente.

Há ainda outras possibilidades para a narração que Eulálio fazia sem cessar: se manter vivo, já que em sua crença a morte aguardaria o término de seu relato; receber atenção das pessoas, pois encontrava-se sozinho no leito; porque aquelas histórias não parariam de ocorrer (em sua cabeça) até o fim de seus dias; e/ou porque as lembranças com Matilde eram muito significativas, como ele bem explica no seguinte trecho:

No início me revoltei contra os maqueiros por me largarem assim no corredor, na certa estavam em greve outra vez. Mas com os dias me convenci de que no meio deste trânsito não fico pior que na enfermaria, onde a televisão vivia ligada no futebol, **eu não conseguia me concentrar nos meus assuntos**. O ambiente ainda se degradava à medida que recebíamos os excedentes do pronto-socorro [...] Eram jovens, em geral, e malcriados, nem bem eu abria a boca e já se manifestavam: não fode, vovô, conta outra! Mas se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, **é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida**. Já aqui bem ou mal recebo alguma atenção, não há passante que não afrouxe o passo para me espiar, como a um desastre à beira da estrada. E muitos se detêm para escutar minhas palavras, mesmo que não alcancem seu sentido, mesmo quando o enfisema me sufoca e mais arquejo que falo. Aos domingos, no pico do horário de visitas, é comum acorrerem famílias inteiras a fim de apreciar meus estertores, ou quiçá a derradeira sentença de um moribundo. Muita vez de fato já invoquei a morte, mas no momento mesmo em que a vejo de perto, **confio em que ela mantenha suspensa a sua foice, enquanto eu não der por encerrado o relato da minha existência [...]** Até há pouco eu soletrava esses nomes para uma enfermeira, que me deixou depois de espremer minhas memórias até o bagaço. Mas isso é o que ela pensa, saibam os senhores que, só da minha mulher, ainda tenho na cabeça um baú repleto de reminiscências inéditas. Não sei se já lhes contei alguma vez como conheci Matilde na missa do meu pai, talvez valesse à pena providenciar uma gravação dos meus depoimentos. Se não fossem meus tremores e câimbras nas mãos, **eu preencheria de meu próprio punho, com caligrafia miúda, um caderno para cada dia vivido ao lado da minha mulher**. Já depois que ela se foi os meus dias seriam de imenso papel para pouca tinta, extensos e vazios acontecimentos. (BUARQUE, 2009, p. 183 - 185 - grifos meus).

Paul Ricoeur afirma que se lembrar de algo é o mesmo que executar uma ação, num tipo de exercício da memória, o que também pode se encaixar ao propósito das recordações e da

narração de Eulálio: “lembrar-se não é somente acolher, receber uma mensagem do passado, como também buscá-la, ‘fazer alguma coisa’. O verbo ‘lembrar-se’ faz par com o substantivo ‘lembrança’. O que esse verbo designa é o fato de que a memória é ‘exercitada’”. (RICOEUR, 2007, p. 71).

2.2 ESTRATÉGIAS NARRATIVAS EM *LEITE DERRAMADO*

Neste capítulo, como mencionado anteriormente, teremos como objetivo analisar as estratégias narrativas empregadas na representação de personagens femininas no romance *Leite Derramado*, de Chico Buarque. Deste modo, trataremos de alguns conceitos teóricos fundamentais para a nossa análise, os quais direcionarão a interpretação a ser realizada.

No livro *Seis passeios pelos bosques da ficção* (2010), Umberto Eco nos apresenta informações significativas para entender a composição e organização de textos ficcionais. Eco nos explica que toda narrativa de ficção “é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho.” (ECO, 2010, p. 9), considerando que, se todos os textos dissessem tudo o que o receptor precisa compreender, seria um problema. Para ele, o leitor exerce um papel muito importante: “numa história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só do processo de contar uma história, como também da própria história.” (ECO, 2010, p. 7).

No capítulo I, “Entrando no bosque”, o estudioso nos mostra os conceitos de leitor-modelo e autor-modelo. Sobre o leitor-modelo, o autor afirma o seguinte:

O leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico. O leitor empírico é você, eu, todos nós quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto [...]
o que eu chamo de leitor-modelo – uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar. Um texto que começa com “Era uma vez” envia um sinal que lhe permite de imediato selecionar seu próprio leitor-modelo, o qual deve ser uma criança ou pelo menos uma pessoa disposta a aceitar algo que extrapola o sensato e o razoável. (ECO, 2010, p. 14 - 15).

Na sequência, Eco nos traz o conceito de autor-modelo, que difere muito do autor-empírico. Segundo ele, leitores ingênuos podem ser levados a pensar que o “eu” que se pronuncia em textos escritos em primeira pessoa é o autor. Porém, a voz que narra é o narrador e não o autor. Para deixar essa noção bem clara, ele nos diz o seguinte: “P.G. Wodehouse certa vez escreveu na primeira pessoa as memórias de um cachorro – uma demonstração

incomparável de que a voz que narra não é necessariamente a do autor” (ECO, 2010, p. 19 - 20). Ele enfatiza ainda que, cientes disso, nos cabe percorrer o bosque da narrativa, que é o texto, "Uma vez que aceitamos essa regra do jogo" (ECO, 2010, p. 21).

O autor-modelo, por sua vez, também é parte integrante e fundamental do jogo. Eco afirma que podemos entender a noção de autor-modelo como um estilo, no entanto, para ele "estilo" traz uma carga significativa insuficiente para qualificar e delimitar esse conceito:

o autor-modelo é uma voz que nos fala afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente), que nos quer a seu lado. Essa voz se manifesta como uma **estratégia narrativa** (grifo meu), um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como o leitor-modelo. (ECO, 2010, p. 21).

Para Eco, assim como é importante a presença de um leitor-modelo adequado para cada texto, perceber as pistas e indicações deixadas pelo autor-modelo também implica na leitura: “o autor-modelo atua e se revela até no mais píffio dos romances pornográficos para nos dizer que as descrições apresentadas devem constituir um estímulo para a nossa imaginação e para as nossas reações físicas.” (ECO, 2010, p. 23).

No artigo “O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico” (2002), Norman Friedman faz explanações sobre as diferentes formas de conduzir uma narrativa. Segundo ele o ponto de vista "vem se tornando umas das distinções críticas mais úteis disponíveis hoje ao estudioso de ficção". (FRIEDMAN, 2002, p. 167). Ao longo do texto, se elucidam conceitos como Autor onisciente intruso, Narrador onisciente neutro, "Eu" como Testemunha ou Narrador-testemunha e Narrador-protagonista para que possamos entender diferentes pontos de vista e como eles implicam no desenvolvimento e compreensão de uma narrativa. Segundo ele, "o ponto de vista oferece um *modus operandi* para distinguir os possíveis graus de extinção autoral na arte da narrativa". (FRIEDMAN, 2002, p. 169).

Ele inicia seu texto chamando a atenção para o desaparecimento da figura do autor em narrativas, considerando afirmações de diferentes autores que estudaram a questão. De acordo com o estudioso, tal noção - o desaparecimento do autor - é vista como sendo de grande importância na escrita de narrativas ficcionais, o que corrobora com a afirmação de Beach: “que a estória se conte, conduzida pelas impressões dos personagens. É isso que, por fim, diferencia a ficção da história e da filosofia e da ciência.” (BEACH apud FRIEDMAN, 2002, p. 167).

Após uma síntese sobre a presença e desaparecimento da figura do autor em narrativas ao longo do tempo, Friedman nos apresenta diferentes categorias de narradores como o autor onisciente intruso, o autor onisciente e o "eu" como testemunha. Na sequência, ele trará a noção

de narrador-protagonista, a mais interessante para este trabalho, visto que Eulálio, o narrador de *Leite Derramado*, acaba se encaixando nessa categoria. Friedman nos explica que, no caso do narrador-protagonista, como a responsabilidade pela narrativa é passada para uma das personagens principais, que conta a história em primeira pessoa, algumas vantagens acabam sendo perdidas, já que esse tipo de narrador tem acesso a uma gama de informações menor que um narrador-testemunha, por exemplo, pois está envolvido centralmente na ação: “O narrador-protagonista, portanto, encontra-se quase que inteiramente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções. De maneira semelhante, o ângulo de visão é aquele do centro fixo.” (FRIEDMAN, 2002, p. 177).

Eulálio é narrador e também personagem principal do livro, portanto tudo que nos é narrado passa por seu ponto de vista, que é limitado. Limitado por sua posição de personagem, que desconhece o pensamento das outras pessoas com as quais convive, se comunica e observa, e também pela senilidade que afetou o funcionamento de sua memória, como citamos no item anterior deste capítulo. Veremos mais adiante que, da posição em que Eulálio está, diferente de um autor onisciente intruso, que sabe tudo o que se passa na mente das personagens e tem a visão completa de diferentes pontos, o narrador-protagonista sabe apenas o que pode ver e sentir, deste modo é tomado por desconfianças e conclusões precipitadas várias vezes ao longo de sua narração, o que, neste caso, é importante para o desenvolvimento e organização do texto, mais especificamente, dessa estratégia narrativa.

Em *A retórica da ficção* (1980), Wayne C. Booth também faz apontamentos interessantes a respeito das diferentes estratégias narrativas. Segundo ele, uma das formas mais artificiais de se contar uma história é “quando o autor nos diz aquilo que, na chamada vida real, ninguém poderia saber. Na vida real não nos é dado conhecer ninguém através de sinais internos inteiramente fidedignos a não ser a nós próprios” (BOOTH, 1980, p. 21). Ele acrescenta que, ainda assim, a maioria de nós possui um conhecimento parcial de si próprio. Importa-nos pensar essa noção pontuada por Booth com relação ao texto de Chico Buarque, justamente porque, durante a leitura, perceberemos que não existem interferências descabidas ou comentários que nos permitam entender que Eulálio sabe ou conhece mais do que realmente seria possível que alguém no mundo real tivesse acesso. Ele sabe o que conseguiu internalizar ao longo de sua vida e, mais especificamente, ficou guardado em sua memória. Não é dado a ele conhecer o íntimo de outras personagens, apenas o que consegue e quer observar.

Eulálio, como já dissemos, é uma personagem extremamente machista e imbuída de uma superioridade que não condiz com sua realidade no presente da narração (preso num leito de hospital e numa condição de total decadência financeira e social). Importa-nos ressaltar que

ele narra de maneira não cronológica os principais acontecimentos de sua vida e está à mercê de uma memória falha. Ele não tem qualquer relação direta com o autor, não é o autor se manifestando. É sabido que o autor empírico é quem opta por uma estratégia narrativa que inclui decidir por meio de quem sua história será contada e como. No romance de Chico Buarque que nos propusemos a analisar, temos a presença de um narrador-protagonista que, como Friedman nos explica, “encontra-se quase que inteiramente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções. De maneira semelhante, o ângulo de visão é aquele do centro fixo.” (FRIEDMAN, 2002, p. 177). Deste modo, tudo que apresenta relevância ou é ignorado (colocado em segundo plano) passa pelos juízos de valor de Eulálio, que é uma criação do autor empírico e, por este motivo, não demonstram o modo de ver o mundo ou as opiniões particulares deste último. No entanto, podemos nitidamente perceber que o romance configura-se como um tipo de leitura crítica do Brasil. No ambiente ficcional criado por Chico Buarque se encontram certas tensões, além de exemplos dos mecanismos violentos e excludentes muito fortes na sociedade brasileira.

Recentemente, a música "Com Açúcar, Com Afeto" de Chico Buarque, tem acendido uma polêmica em razão do conteúdo considerado machista e humilhante para as mulheres. Em matéria para a *Folha de S. Paulo*, a professora de literatura brasileira da Universidade de Brasília (UnB), Regina Dalcastagnè nos explica que todos os textos literários oferecem aos leitores e leitoras possibilidades de interpretação diversas e que "pouco importa se o autor ou autora estava ciente de cada uma das alternativas ao escrever" (DALCASTAGNÈ, 2022). Consta em seu texto que a canção "Com Açúcar, Com Afeto" foi composta no ano de 1967, quando o compositor contava 23 anos de idade, e foi encomenda da cantora, compositora e instrumentista Nara Leão, que precisava de uma canção sobre "uma mulher sofredora".

Na música em questão, o eu lírico feminino afirma ter feito o doce predileto para que seu interlocutor, que subentendemos ser o marido, fique em casa. Ele se diz operário e sai para buscar o salário que servirá para sustentá-la, no entanto, no caminho do trabalho (a oficina), para num bar, conversa sobre futebol com alguém que se senta à mesa e fica “olhando as saias/ De quem vive pelas praias/ Coloridas de sol”. Quando ele chega em casa, pede o perdão da mulher, que por sua vez demonstra não se ofender, o recebe em seus braços e diz: “ao lhe ver assim cansado/ Maltrapilho e maltratado/ [...] Logo vou esquentar seu prato”.

Regina Dalcastagnè pontua que a música foi composta em outra época e, provavelmente, recebida de outra forma. Ela nos diz ainda que existem leituras possíveis no presente. A primeira delas, que vem gerando polêmica, vê machismo na mulher que atura o abandono e até recompensa o marido por isso, tentando “segurar o homem em casa”. Segundo

ela, dizer que a música está endossando tal comportamento não é adequado, pois a representação presente no texto pode levar "o leitor ou leitora — ou ouvinte — à reflexão crítica, não necessariamente à adesão." A estudiosa conclui que um texto literário pode nos servir para "pensar, não necessariamente para julgar e condenar." (DALCASTAGNÈ, 2022).

Percebemos que a reflexão da estudiosa tenta afastar da canção os motivos geradores da polêmica: a representação de uma mulher submissa ao marido que o recompensa por suas atitudes inadequadas a fim de mantê-lo em casa, dentre outras coisas. De fato, a canção foi composta em outra época, porém os equívocos do passado não podem ser considerados justificáveis em função da passagem do tempo. Equívocos representados na canção, obviamente. O aspecto positivo da análise de Dalcastagnè aparece quando ela afirma que um texto literário pode nos levar a reflexões críticas, justamente o que faremos com a análise de *Leite Derramado*. Mas é impossível evitar a insatisfação e perplexidade do público, seja da música referida ou do objeto de nossa análise com relação ao machismo, sexismo e tudo que envolve a inferiorização das mulheres. Basta distinguir com nitidez que, assim como o eu lírico de uma canção não é o autor, mas uma voz que enuncia seus pensamentos, sentimentos, reflexões, Chico Buarque não quis dizer que concorda com a submissão das mulheres em sua música ou no livro que agora estudamos, mas aproveitou de recursos artísticos de expressão para representar diferentes aspectos (negativos e questionáveis) da realidade brasileira. Ou seja, Eulálio, o narrador-protagonista do livro, não representa o pensamento do autor empírico. Sintetizando, não fiquemos aborrecidos com Chico, mas com o status da sociedade que ele nos mostra em sua obra, que vai se modificando ao longo do tempo, mas está longe de ser agradável para todos.

Outro aspecto importante a ser analisado com relação às estratégias narrativas escolhidas pelo autor está na seleção de uma personagem de cem anos de idade, com uma saúde frágil e destacadas falhas de memória. Muito do que percebemos da narração de Eulálio com relação aos seus esquecimentos e confusões se parece com os relatos das dificuldades sofridas por pessoas com demência ou Alzheimer, como o esquecimento de fatos recentes, confusão, desorientação no tempo e no espaço, dentre outros sintomas, em decorrência da deterioração da função cognitiva. Entretanto, nossa função não é definir exatamente qual transtorno acomete a personagem, mas como isso influencia sua narração. Aleida Assmann, estudiosa que já citamos no item anterior, deixa claro que a memória de um ser humano não é infalível, portanto não se pode confiar com cem por cento de certeza nela, e que estratégias que se fiam em utilizá-la como único recurso para registrar acontecimentos ou informações, tendem a falhar:

Quem, por exemplo, associa o saber verdadeiro com o saber de cor tem que admitir que hoje em dia essa arte não está nada bem. O currículo de língua alemã já não prevê que se decorem sequer baladas de quatro estrofes [...] Na Antiguidade ainda se atribuía a líderes militares, homens de Estado e reis uma memória excepcional; hoje quem é um virtuoso da memória cai no ramo do entretenimento ou até do patológico: a distância que separa a arte de memorizar da doença da memória não parece mais muito grande. Afinal, por que decorar o que se pode consultar nos livros (ASSMANN, 2011, p. 15 - 16).

Porém, devido à senilidade ou a alguma patologia, percebemos que a memória de Eulálio apresenta um nível de falhas muito acima do normal, portanto, nada confiável, ou seja, tudo o que ele diz precisa ser bem analisado pelo leitor. Não podemos aceitar como verdadeiras, em um primeiro momento, todas as afirmações que ele faz. O próprio narrador tem noção disso, pois comenta em diferentes momentos sobre sua condição, seus esquecimentos e confusões:

Eu só queria convidá-las a dar um pulo em casa, quem sabe Matilde se animava a deixar o quarto onde se enfunara. Mas **aí já estou trocando as bolas, Matilde não estava mais em casa**, a casa sem ela virou um desmazelo [...] E ela se encostava na parede da cozinha, a me arregalar os olhos negros, **mas se calhar essa cena se passava quando ainda nem éramos casados, e não no tempo das coisas que eu vinha narrando**. Não é culpa minha se os acontecimentos às vezes me vêm à memória fora da ordem em que se produziram. É como se, a exemplo da correspondência do doutor Blaubaum, algumas lembranças ainda me chegassem de navio, e outras já pelo correio aéreo. (BUARQUE, 2009, p. 187 - 188 - grifos meus).

Deste modo, a leitura se torna um tipo de quebra-cabeças para o leitor, pois a cada informação nova apresentada, além de questionar se realmente é válida, nos faltam partes que, geralmente serão apresentadas páginas ou capítulos adiante. Uma única leitura do livro não se faz suficiente para que possamos dar conta da completude da obra. E, talvez, o que a torne interessante, considerando que um narrador-protagonista prostrado num leito, reclamando do passado como se fosse um rei no lugar errado seja chato, e por vezes irritante, a necessidade de compreender as passagens fragmentadas que ele narra nos motiva a seguir a leitura num tipo de busca. O próprio Eulálio, neste exercício de memória que executa, também realiza uma busca, referente aos acontecimentos de seu passado, semelhante ao que Aleida Assmann explica:

“Só se fala tanto de memória porque ela já não existe mais”, diz a citada frase de Pierre Nora. Essa frase atesta a tão conhecida lógica segundo a qual um fenômeno já precisa estar perdido, para só então se instalar em definitivo na consciência. A consciência se desenvolve normalmente “no signo acabado”. Essa lógica condiz com o caráter retrospectivo da lembrança, acionado somente quando a experiência na qual a lembrança se baseia já estiver consolidada no passado (ASSMANN, 2011, p. 15).

Tanto as considerações de Aleida Assmann quanto as de Paul Ricouer que utilizamos aqui são empregadas para uma análise da memória de um ser humano real, porém aplicamos

nesta análise do narrador de *Leite Derramado*, pois ele representa uma figura humana. Podemos concluir neste ponto que, Eulálio como uma figura fictícia, se aproxima bastante do real, ou seja, é uma criação bastante fidedigna de uma pessoa com falhas acentuadas de memória.

Com isso, esclarecemos que nossa análise das personagens e estratégias narrativas visa possibilitar uma percepção de como alguns aspectos históricos e sociais foram inseridos na tessitura do romance.

2.3 OS HOMENS DA FAMÍLIA ASSUMPÇÃO: UM REFLEXO DO PATRIARCADO BRASILEIRO

Como dissemos anteriormente, o enredo de *Leite Derramado* é apresentado por um narrador masculino. Eulálio é um dos descendentes da família Assumpção, na qual, como ele mesmo conta, antes do nascimento de sua filha Eulália, só existiam homens, uma sucessão de Eulálios. A própria mãe de Eulálio, quando soube do nascimento da neta mulher, não queria acreditar afirmando que naquela família só nasciam homens e levava roupas azuis de presente para a criança.

Interessa-nos perceber que existe um grande incômodo da parte de Eulálio com relação ao seu nome:

Tive um arrepio pelo seu sopro quente em meu ouvido, e outro arrepio a contrapelo, por ouvir um nome que quase me humilhava. Eu não queria ser Eulálio, só mesmo os padres me chamavam assim nos tempos de colégio. A me chamar Eulálio, preferia envelhecer e ser sepultado com meus apelidos infantis, Lalinho, Lalá, Lilico. O Eulálio do meu tetravô português, passando por trisavô, bisavô, avô e pai, para mim era menos um nome do que um eco. (BUARQUE, 2009, p. 31).

O AVÔ

Parece-nos contraditória essa aversão ao próprio nome, que também pertenceu aos seus antepassados, visto que, em diferentes momentos do texto, existe um tipo de orgulho da parte dele em pertencer à família Assumpção. No capítulo 3, Eulálio se refere à figura do avô que teria sido um grão-maçom e também um abolicionista radical:

Meu avô foi um figurão do Império [...] queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África, mas não deu certo. Seus próprios escravos, depois de alforriados, escolheram permanecer nas propriedades dele. Possuía cacauais na Bahia, cafezais em São Paulo, fez fortuna, morreu no exílio e está enterrado no cemitério familiar da fazenda na raiz da serra [...] Seu ex-escravo mais chegado, o Balbino, fiel como um cão, ficou sentado para sempre sobre a tumba dele. (BUARQUE, 2009, p. 15 - 16).

Podemos perceber que, mesmo que aos olhos de Eulálio seu avô tenha mantido uma conduta positiva com os pretos neste trecho, fica evidente um tipo de ironia crítica do autor-modelo, visto que, após a abolição da escravatura no Brasil os ex-escravizados não tinham para onde ir por falta de políticas públicas de acolhimento e, por esse motivo, muitos deles acabavam por permanecer trabalhando nas fazendas de seus antigos donos, já que não existiam perspectivas. Sabemos também que existiram políticas de branqueamento da população brasileira e, dentre elas, estava o incentivo à vinda de imigrantes europeus e os subsídios concedidos a eles. Quando Eulálio diz que seu avô queria mandar todos os negros de volta para a África, o leitor atento, ou leitor modelo, nos moldes de Umberto Eco pode perceber que isso não era um ato de bondade da parte dele. Como os negros deixaram de ter serventia como escravizados, deveriam ser banidos dessas terras.

No capítulo “Escravidão e racismo” de *Sobre o autoritarismo brasileiro*, encontramos o seguinte:

[...] e finalmente a Lei Áurea, de 13 de maio de 1888. Curta, ela representou uma solução de compromisso. A lei não ressarcia os senhores, que esperavam receber indenização do Estado por suas ‘perdas’. No entanto também não previu nenhuma forma de integração das populações recém-libertas, inaugurando um período chamado de pós-emancipação, que teve data precisa para começar mas não para terminar.

Foi exatamente nesse contexto que as teorias deterministas, também denominadas ‘darwinistas raciais’, pretenderam classificar a humanidade em raças, atribuindo-lhes distintas capacidades físicas, intelectuais e morais. Segundo tais modelos científicos, os homens brancos e ocidentais ocupariam o topo da pirâmide social, enquanto os demais seriam considerados inferiores e com potencialidades menores. Pior sorte teriam as populações mestiças, tidas como ‘degeneradas’ porque provenientes da mistura de raças essencialmente diversas.” (SCHWARCZ, 2019, p. 30).

Em *Nem preto nem branco, muito pelo contrário* (2013), no capítulo intitulado “O laboratório racial brasileiro”, a historiadora Lilia Moritz Schwarcz retoma o cenário brasileiro do final do século XIX e início do XX, no qual alguns estudiosos defendiam teorias deterministas raciais, que uniam grupos de pessoas de acordo com a sua origem, preestabelecendo características comportamentais, potenciais cognitivos e evolutivos, dentre outros. A autora afirma que “o termo raça se imporia como conceito no país, vinculando-se de alguma maneira aos próprios destinos da nacionalidade [...] na vertente mais negativa de finais do século XIX, a mestiçagem existente no país parecia atestar a própria falência da nação” (SCHWARCZ, 2013, p. 17). Aos olhos daqueles que defendiam teorias biologizantes para comprovar a inferioridade dos não-brancos, os mestiços eram vistos como degenerados, pois

entendiam que as raças humanas eram fixas e diversas, por esse motivo não suscetíveis a cruzamentos.

Walter Fraga, doutor em história social, no artigo "Pós-abolição; o dia seguinte" (2018), nos explica que, em meados de 1870, a população se dividiu com relação à abolição, pois alguns entendiam que ela poderia modificar a organização que alicerçava a sociedade brasileira, alterando lugares sociais e raciais. Ressalta ainda que, em todas as províncias, ocorria grande agitação social, fugas individuais e coletivas de escravizados, além de "hostilidade de populares ao escravismo e a radicalização de setores do abolicionismo". (FRAGA, 2018, p. 352). Fraga cita o trecho de uma carta do senhor de engenho e comerciante Aristides Novis, enviada ao amigo e correligionário barão de Cotegipe, na qual, de forma irônica, o comerciante comenta a abolição imediata sem indenização e as festas nas ruas com a presença de inúmeros negros vindos dos engenhos, o que demonstrava a sua insatisfação com a situação, além do medo que os libertos pudessem impactar a seguridade social: "Ainda ontem conversando com o presidente e Chefe de Polícia pedi-lhes que assim passassem estas festas, providenciasse no sentido destes trabalhadores voltarem às fazendas, se não em breve os roubos e mortes se dariam a cada momento" (FRAGA, 2018, p. 353). Fraga acrescenta que, após o 13 de maio, se observava uma situação incontrolável em diversos lugares do país, considerando que os libertos passaram a se comunicar de maneira franca com seus antigos senhores, o que lhes parecia afronta, insubordinação, desobediência e até falta de gratidão. Um ano depois da abolição, ainda ocorriam conflitos entre proprietários rurais e ex-escravizados em algumas áreas do Recôncavo baiano. Os ex-escravizados se recusavam a trabalhar cumprindo as mesmas jornadas de trabalho do período de escravidão; sem pagamento, fosse diário ou semanal e comendo a ração antes ofertada. Por fim, destaca a defesa de indenizações pelas perdas financeiras em decorrência a abolição, realizada por representantes dos fazendeiros no Parlamento, ao longo dos anos de 1888 e 1889. Com relação aos ex-escravizados, após o 13 de maio, foi necessário grande esforço para colocar a liberdade em prática, visto que um contexto de repressão se instaurou, prejudicando a população negra: "Nos anos iniciais do Brasil republicano, recrudescimento o controle sobre os candomblés, batuques, sambas, capoeiras e qualquer outra forma de manifestação identificada genericamente como 'africanismo'. Esse antiafricanismo teve implicações dramáticas para as populações negras, pois reforçou as barreiras raciais que dificultavam o acesso a melhores condições de vida e a ampliação de direitos de cidadania". (FRAGA, 2018, p. 356 - 357).

No capítulo 9, Eulálio volta a se referir ao avô como uma figura que auxiliou os negros. Segundo ele seu avô era um visionário, pois tinha a pretensão de fundar uma nação em África para os ex-escravizados e teria desenhado a próprio punho a bandeira do novo país:

Muitos de vocês, se não todos aqui, têm ascendentes escravos, por isso afirmo com orgulho que meu avô foi um grande benfeitor da raça negra. Creiam que ele visitou a África em mil oitocentos e lá vai fumaça, sonhando fundar uma nova nação para os ancestrais de vocês. [...] Encomendou o hino oficial ao grande Carlos Gomes, enquanto arquitetos britânicos projetavam a futura capital, Petróvia. Conquistou o apoio da Igreja, da maçonaria, da imprensa, de banqueiros, de fazendeiros e do próprio imperador, a todos parecia justo que os filhos de África pudessem retornar às origens, em vez de perambularem Brasil afora na miséria e na ignorância. (BUARQUE, 2009, p. 50 - 51).

É interessante pensar em quão irônico é este trecho do livro, receber apoio de tantas instituições com a finalidade de auxiliar os negros coitados que não tinham para onde ir após a abolição e enviá-los novamente para a África, de onde não haviam saído por vontade própria obviamente, mas como não tinham mais serventia alguma, seria apropriado que voltassem para seu lugar de origem “em vez de perambularem Brasil afora na miséria e na ignorância”, retomando a citação anterior. Como nos explicou Umberto Eco em *Seis passeios pelos bosques da ficção*, o texto narrativo “é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho.” (ECO, 2010, p. 9). Deste modo, o leitor atento, que talvez possamos denominar como leitor-modelo, poderia se questionar se esses mesmos negros que despertavam comiseração de toda a sociedade após abolição para que voltassem para a África, também não mereceriam um tratamento digno anos atrás? Será que ninguém percebeu antes toda a barbárie da escravidão? E por que não criar políticas públicas para que permanecessem apoiados aqui? A proposta de retornarem ou irem, uma vez que nessa altura grande parte deles já eram nascidos no Brasil, não era apenas um modo de tirar o problema das vistas dos brasileiros brancos, uma hipocrisia a mais? Talvez nisso esteja parte da crítica que livro nos proporciona.

No capítulo 16, Eulálio retoma um período de sua infância, no qual tentava intimidar os empregados, para que fizessem as suas vontades, ao dizer que seu pai tinha um chicote guardado na biblioteca. Segundo ele, o pai havia lhe mostrado a peça certo dia, a qual contava com flor-de-lis no cabo e uma correia trançada de couro de antílope. Era uma relíquia de família herdada de seu avô Eulálio. O então menino, dizia aos empregados que seu pai iria distribuir chibatadas em todos sem distinções:

Vai açoitá-los todos, não importa se homem ou mulher, vai soltar o azorrague em vocês como meu avô no velho Balbino. O Balbino nem era mais escravo, mas dizem que todo dia tirava a roupa e se abraçava num tronco de figueira, por necessidade de

apanhar no lombo. E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício. (BUARQUE, 2009, p. 102).

Mais uma vez retornamos às ironias presentes na narrativa construída por Chico Buarque, às quais cabe ao leitor-modelo perceber. Voltaremos a mencionar o avô de Eulálio no item 2.4 deste capítulo.

BISAVÔ

No capítulo 9, Eulálio comenta que, certa vez, em um passeio de carro, teve uma desavença com o chofer, que não queria ficar aguardando por trinta minutos em frente ao cemitério São João Batista. Irritado com a situação, o narrador esbravejou que era bisneto do Barão dos Arcos. Então, o chofer aborrecido o “mandou tomar no cu mais o barão” (BUARQUE, 2009, p. 50). Na sequência, Eulálio afirma que nem podia censurar o homem pelo desaforo, pois fazia muito calor no carro e ele agira de forma esnobe: “como vocês devem saber, significa indivíduo sem nobreza.” (BUARQUE, 2009, p. 50).

Eulálio faz um tipo de síntese do comportamento de seus ancestrais no capítulo 16. Segundo ele, diferente de seu avô que, supostamente tinha uma grande preocupação com o bem estar dos escravizados, o bisavô Eulálio era impiedoso com eles, pois, “quando pegava negro fujão, açoitava com grande estilo. O golpe mal estalava, era um assobio no ar o que se ouvia, meu bisavô Eulálio apenas riscava a carne do malandro com a ponta da correia, mas o vergão ficava para sempre.” (BUARQUE, 2009, p. 102).

TRISAVÔ E TETRAVÔ DE EULÁLIO

No início do capítulo 9, Eulálio aparentemente é tomado por um instante de lucidez ao perceber que sua condição atual o iguala às demais pessoas que ele mesmo inferioriza e humilha. Esse momento é passageiro, mas nos interessam as informações sobre seu trisavô. É importante lembrar que o texto de Chico Buarque ficcionaliza o passado histórico brasileiro. Deste modo, o foco central da narrativa são pessoas comuns e, em alguns momentos, personalidades e acontecimentos históricos acabam sendo citados, além das características da organização social em questão, que influenciam o comportamento das personagens, como na passagem a seguir:

Aqui não gozo privilégios, grito de dor e não me dão meus opiáceos, dormimos todos em camas rangedoras. Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço. Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi essa rainha. Hoje sou da escória igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós. Mal posso pagar meus cigarros, nem tenho trajes apropriados para sair de casa. (BUARQUE, 2009, p. 50)

Já no capítulo 16, Eulálio nos conta que seu trisavô veio para o Brasil com a frota da corte portuguesa e que subia ao convés “para dar lições a marujo indolente” (BUARQUE, 2009, p. 103) quando não estava prestando serviços à rainha louca. Em seguida, ele vai nos dizer que, talvez, seu trisavô tenha inventado tudo isso para fazer jus ao chicote de seu pai:

o célebre general Assumpção, brandiu em campanha ao lado dos castelhanos contra a França de Robespierre. Para encurtar o conto, esse meu tetravô general era filho de dom Eulálio, próspero comerciante da cidade do Porto, que comprou o chicote em Florença com o intuito de fustigar jesuítas. De sorte que, pensando melhor, papai não gastaria seu chicote histórico com um bando de cascas-grossas. (BUARQUE, 2009, p. 103).

NETOS

Sobre o neto, bisneto e os que vieram depois, Eulálio faz uma grande confusão sempre que tece comentários a respeito deles. No capítulo 2, ainda no leito de hospital, ele questiona a filha que, se o garotão (seu neto, bisneto ou tataraneto), tão rico no momento, o tivesse internado numa casa de saúde tradicional e religiosa, a sua situação estaria melhor e que ele mesmo pagaria se não tivesse sido enganado pelo genro, Amerigo Palumba.

Alguns capítulos adiante, ao retomar a figura do neto, o narrador comenta, de maneira indireta, a derrocada de sua família e como, após sua geração, a situação financeira dos Assumpção mudou:

É como se dizia antigamente, pai rico, filho nobre, neto pobre. O neto pobre calhou de estar na sua barriga, Eulálio d’Assumpção Palumba, o garotão por nós criado, que cresceu rebelde com toda a razão. Já maduro entrou nos eixos, mas você deve lembrar quando ele meteu na cabeça de ser comunista. [...] Esse seu filho engravidou outra comunista, que teve um filho na cadeia e na cadeia morreu. Você diz que ele próprio morreu nas mãos da polícia, e com efeito tenho vaga lembrança de tal assunto. (BUARQUE, 2009, p. 38).

Depois disso, Eulálio afirma estar seguro de ter visto o garotão Eulálio ainda outro dia e que havia recebido uma caixa de charutos do neto. Então chega à conclusão de que o Eulálio que morreu era outro, um bastante magro e que se parecia com Amerigo Palumba. Devido às

confusões de sua memória, percebe que o Eulálio magro é que virara comunista, pois nascera na cadeia. Esse último era rebelde, batia nas professoras, fumava maconha e foi expulso de todas as escolas por onde passou. De acordo com o nosso narrador-protagonista: “mesmo semianalfabeto e piromaniaco, arranjou trabalho e prosperou, outro dia me deu uma caixa de charutos. Visitou-me em casa com uma namoradinha de barriga de fora e brinco no umbigo.” (BUARQUE, 2009, p. 38 - 39). Ele segue dizendo:

mas quem pariu na cadeia foi outra. Não esqueço o dia em que me telefonaram para buscar o bebê no hospital do Exército, o coronel foi atencioso, disse me conhecer de outros Carnavais. Até me emocionei ao ver o pimpolho, praticamente órfão de pai e mãe, porque Amerigo Palumba estava longe e você, presa e incomunicável. Mas espere um pouco, isso não é possível porque você saiu do hospital ao meu lado, com a criança no colo. Só sei que Eulálio d’Assumpção Palumba Júnior foi batizado e criado por nós, hoje é esse garotão que a leva para andar de carro e me dá charutos cubanos. Veio aqui em casa outro dia com uma namoradinha de alfinete no umbigo, que não parece nada comunista. Nem o garotão tem jeito de quem distribui panfletos contra a ditadura. Você deve estar fazendo confusão com o outro, aquele Eulálio mais moreno, namorador, que teve um caso com uma japonesa e engravidou a prima. Mas aquele, se não me engano, era filho desse Eulálio garotão com a moça do umbigo, minha cabeça às vezes fica meio embolada. (BUARQUE, 2009, p. 39).

O capítulo 13 do livro se inicia da seguinte forma: “Eulálio Montenegro d’Assumpção, 16 de junho de 1907, viúvo. Pai, Eulálio Ribas d’Assumpção, como aquela rua atrás da estação do metrô.” (BUARQUE, 2009, p. 77). Neste ponto, o narrador nos explica que seu pai também deu nome a uma praça arborizada e um túnel. Seu avô dera nome a uma travessa e conclui que o Rio de Janeiro, se bem observado, parece uma árvore genealógica. Depois disso, lembra que suas despesas são pagas por seu tataraneto, Eulálio d’Assumpção Palumba Neto, mas que não faz ideia de onde vêm os seus rendimentos: “Sou muito grato ao garotão, mas para ganhar milhões sem instrução alguma, deve ser artista de cinema ou coisa pior, pode escrever aí.” (BUARQUE, 2009, p. 78). Essa informação nos leva a entender que o rapaz a quem Eulálio se refere no capítulo 2 é o seu tataraneto, e não o filho de Maria Eulália, seu neto. O leitor pode chegar à conclusão de que esse, pelo que ostenta e dadas as condições do momento, deve ganhar dinheiro de forma ilegal, provavelmente pelo tráfico de drogas. Eulálio complementa ainda que o dinheiro dos Assumpção, aos seus olhos, sempre foi limpo, “dinheiro de quem não precisa de dinheiro” (BUARQUE, 2009, p. 78). E na sequência traz uma explicação para o seu raciocínio:

Saiba a senhora que ao ganhar do presidente Campos Sales a concessão do porto de Manaus, meu pai era um jovem político bem-conceituado, sua fortuna de família era antiga. Não sei se alguma vez lhe contei que meu bisavô foi feito barão por dom Pedro I, pagava altos tributos à Coroa pelo comércio de mão-de-obra de Moçambique. Se hoje enfrento privações, em breve viverei à larga, são contingências de quem costuma lidar com grandes somas. (BUARQUE, 2009, p. 78 - 79).

Trataremos sobre o pai de Eulálio, de forma mais detalhada, no último capítulo deste trabalho. Após essa síntese sobre os Eulálios que compõem a família Assumpção, é interessante perceber que ela se configura como uma representação de outras famílias da elite brasileira, as quais se constituíram por uma sucessão de homens na linha genealógica, assumindo o poder desde o Brasil colônia.

2.4 AMANTES, PROSTITUTAS E O SENADOR ASSUMPÇÃO

No início do capítulo 3 de *Leite Derramado*, Eulálio faz uma de suas reflexões sobre a sua memória. Segundo ele, no momento presente, existe uma grande dificuldade em registrar os acontecimentos recentes. Não se lembra quem é a moça ao seu lado no leito acompanhando-o amorosamente e sente vergonha de perguntar o nome dela. No entanto, se recorda com grande nitidez do seu passado, inclusive de cada um dos fios da barba de seu avô, o qual só conheceu de um retrato a óleo. Interessa-nos apontar a naturalidade com a qual ele se refere às amantes dos possíveis penetras, o que nos leva a entender que esse tipo de relação era algo comum na sociedade em que ele estava inserido, assim como a iniciação sexual com prostitutas, que veremos mais adiante.

É importante ressaltar que a finalidade desta análise é observar as diferenças nas liberdades concedidas a homens e mulheres no que tange às suas relações afetivas ao longo da história e como isso aparece na obra de Chico Buarque, além é claro, de salientar que, em todos os casos, as mulheres acabavam sendo tratadas com certo desprezo ou desrespeito, tanto as esposas, que ocupavam o papel de reprodutoras e acompanhantes para eventos sociais, quanto as amantes e prostitutas, com as quais não existiam compromissos formais e serviam apenas para distrair os homens.

O SENADOR ASSUMPÇÃO

O pai de Eulálio é uma figura que aparece várias vezes em meio às recordações do filho, o narrador-personagem do romance que analisamos. Ao que parece, ele possuía grande distinção social, o que não sucedeu com o seu primogênito, em parte devido ao escândalo relacionado a sua morte violenta.

Podemos notar que o senador Assumpção teve uma influência negativa na vida do filho, apresentando-lhe todos os seus vícios, disfarçados muitas vezes em luxo e poder, e entendidos como próprios da virilidade que exalava.

Ele aparece pela primeira vez no capítulo 1, numa noite em que Eulálio se encontra num leito de hospital e percebe que está pensando alto demais. Neste momento, o narrador-personagem justifica para a sua interlocutora que só há homens adultos no local e que, se tivessem senhoras de idade presentes, seria mais discreto em sua fala. Na sequência ele narra uma lembrança:

Por exemplo, jamais falaria das putinhas que se acocoravam aos faniquitos, quando meu pai arremessava moedas de cinco francos na sua suíte do Ritz. Meu pai ali muito compenetrado, e as cocotes nuinhas em postura de sapo, empenhadas em pinçar as moedas no tapete, sem se valer dos dedos. A campeã ele mandava descer comigo ao meu quarto, e de volta ao Brasil confirmava à minha mãe que eu vinha me aperfeiçoando no idioma. (BUARQUE, 2009, p. 7).

O que nos chama a atenção num primeiro momento é a forma desprezível como aquelas mulheres estavam sendo tratadas. O pai de Eulálio jogava moedas para que as moças pegassem num tipo de “brincadeira” humilhante. Tais moedas poderiam ser entendidas como migalhas, migalhas que se jogam aos pássaros, por exemplo, e pássaros são animais. Na sociedade em que vivemos, os seres humanos ocupam o topo de uma escala, na qual as demais criaturas, inclusive as aves, são consideradas inferiores. Certamente era dessa forma que tais mulheres eram vistas. Mesmo que dentro da categoria dos seres humanos estejam homens e mulheres, era como se essas últimas, numa cena como essa, tivessem sua humanidade e dignidade desprezadas.

No capítulo 16, Eulálio conta que seu pai era muito exigente com a aparência, sempre muito bem vestido, sem uma nódoa sequer nas roupas e com barba e cabelo sempre aparados: "nunca vi meu pai com um fio de cabelo fora do lugar [...] meu pai de manhã sai do quarto tão alinhado quanto entrou de noite." p. 104. O Eulálio menino desconfiava que seu pai dormia de pé e tinha medo de ter que agir da mesma forma no futuro, sempre ereto e grave como o pai. Na sequência, ele comenta sobre uma situação inusitada de sua infância:

Por isso não esqueço o dia em que, de saída para o trabalho, ele se inclinou para beijar a minha mãe à mesa do almoço, e vi surgir a ponta do chicote na fenda traseira do seu paletó. Sensacional, era como ver papai de fantasia, com um rabo de couro pendente no paletó de tweed. Ri um bocadinho [...] mas mamãe já se contorcia para espiar as costas dele. Então papai puxou o chicote pela nuca, bateu-o na palma da mão, pensou um pouco e disse, com esses anarquistas nunca se sabe." (BUARQUE, 2009, p. 104 - 105).

Importa ao leitor, nessa passagem, perceber o valor da expressão "pensou um pouco e disse", demarcando a hesitação do pai ao encontrar alguma afirmação que justificasse o chicote escondido em sua roupa. Na mesma noite uma assessora ligou avisando que o senador não voltaria para casa, pois estaria até a manhã seguinte em assembleia permanente. Depois disso, a mãe de Eulálio passou a noite inquieta e aborrecida, como que entendendo que não havia assembleia madrugada a dentro: "mamãe ficou elétrica, começou a rodar pela casa, subiu e desceu a escada umas cinquenta vezes [...] teve um chique ao ver duas moscas acasaladas na toalha de renda valenciana." p. 105 . Podemos presumir como leitores, que a fala da assessora seria uma desculpa para mais uma das aventuras do senador com outras mulheres.

Outro aspecto significativo é que, aparentemente, a mãe do rapaz não desconfiava do que realmente acontecia nas viagens do marido para a Europa. No item “Prostitutas e cortesãs”, de *O segundo sexo* (2009), Simone de Beauvoir afirma que o casamento tem a prostituição como correlativo imediato e que, segundo os padres da Igreja, era necessário que existissem esgotos para assegurar a salubridade nos palácios. Ou seja, com as prostitutas e cortesãs os homens podiam saciar os seus desejos sem a necessidade de manter regramentos e as atitudes cavalheirescas que destinavam às esposas:

A grande diferença entre elas está em que a mulher legítima, oprimida enquanto mulher casada, é respeitada como pessoa humana; esse respeito começa a pôr seriamente em xeque a opressão. Ao passo que a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina. (BEAUVOIR, 2009, p. 425).

Importa ainda ressaltar que o narrador, naquele momento um jovem rapaz acompanhando o pai, no presente da narração se refere àquelas mulheres no diminutivo, “jamais falaria das **putinhas** que se acoravam aos faniquitos” (p. 7, grifo meu) numa demonstração clara do desprezo já internalizado por elas.

No capítulo 5 é feita uma breve menção ao pai de Eulálio. Em janeiro de 1929, o rapaz, então com vinte e dois anos incompletos, observava a chegada do navio Lutétia ao cais do porto e com ele seu futuro colega de trabalho, monsieur Dubosc:

Estou de novo olhando para a câmera, mas dessa vez contrariado por aparecer quase como um lacaio, carregando um sobretudo e uma pasta de couro alheios [...] Já estava previsto que o embaixador lhe abriria os salões na noite de sábado, para uma gala com a presença do corpo diplomático, de autoridades e figuras ilustres da sociedade local, mas Dubosc não se dava por satisfeito. Em bom francês eu me disse encantado em revê-lo, depois de nossos inolvidáveis rendez-vous em Paris, na companhia de meu finado pai, o senador Assumpção. Mas nem a menção a meu pai surtiu efeito, ele

insistia em perguntar pelo cônsul, pelo adido militar, e protestou em voz alta contra a demora na liberação da bagagem. (BUARQUE, 2009, p. 25 - 26).

No capítulo 6, Eulálio traz a sua memória a missa de sétimo dia do pai e o momento em que Matilde se referiu a ele por seu primeiro nome ao desejar-lhe força diante do ocorrido: “A me chamar Eulálio, preferia envelhecer e ser sepultado com meus apelidos infantis, Lalinho, Lalá, Lilico. O Eulálio do meu tetravô português, passando por trisavô, bisavô, avô e pai, para mim era menos um nome do que um eco” (BUARQUE, 2009, p. 31). Ao retomar esta passagem, interessa-nos nesse trecho que Eulálio demonstra grande desconforto em ouvir o próprio nome, se sentia humilhado e preferia envelhecer e ser sepultado com seus apelidos de infância. Na sequência da narração o rapaz sente um arroubo de desejo pela moça e se vê obrigado a sair apressadamente da igreja devido ao embaraço. Então ele faz menção ao potencial de desejo que seu pai expressava pelas mulheres:

E urgia compreender melhor o desejo que me descontrolara, eu nunca havia sentido coisa semelhante. Se desejo era aquilo, posso dizer que antes de Matilde eu era casto. Quem sabe se, inadvertidamente, eu não teria me apossado da volúpia do meu pai, assim como da noite para o dia herdara gravatas, charutos, negócios, bens imóveis e uma possível carreira na política. Foi meu pai quem me apresentou às mulheres em Paris, contudo mais que as próprias francesas, sempre me impressionou o seu olhar para elas. [...] Debaixo do chuveiro eu agora me olhava quase com medo, imaginando em meu corpo toda a força e a insaciedade do meu pai. Olhando meu corpo, tive a sensação de possuir um desejo potencial equivalente ao dele, por todas as **fêmeas** do mundo, porém concentrado numa só **mulher**. (BUARQUE, 2009, p. 32 - 33, grifos meus).

Torna-se relevante analisar o emprego da expressão “fêmeas” nesse trecho do texto e retomar o que dizem as teóricas feministas citadas no capítulo 2 deste trabalho. A expressão “fêmea” não configura necessariamente um equivalente à palavra “mulher” na completude de sentido. É como se “fêmea” designasse o sexo e estivesse relacionada aos aspectos biológicos e à anatomia do corpo físico, mais especificamente sobre o aparelho reprodutor, o que não prioriza a humanidade, intelectualidade e valor da mulher como indivíduo e ser humano. No trecho destacado, o narrador emprega a expressão “fêmeas” para se referir a todos os indivíduos do sexo feminino pelos quais seu pai sentia desejo e “mulher” para designar a figura de Matilde, aquela que era objeto de seu interesse particular. No entanto, devemos lembrar que Eulálio questionava em vários momentos a capacidade intelectual ou, mais propriamente, os conhecimentos adquiridos por Matilde ao longo de sua trajetória como estudante e, por esse motivo, tinha **vergonha de apresentá-la aos seus colegas de trabalho**, o que demonstra que não existia de sua parte um respeito por ela como sujeito em sua integralidade, portadora de

potenciais assim como ele, muito embora possamos dizer que Eulálio era um homem que não demonstrava manejo algum com os negócios e apenas esperava encontrar uma porta aberta anteriormente por seu pai para conseguir uma posição na companhia. Chegou a receber mesada da mãe depois de casado.

Voltando à figura do senador Assumpção, podemos entender que, usar a expressão “fêmeas” para designar o sem número de mulheres pelas quais ele sentia desejo, considerando a maneira como tratava as moças que buscava para relações fortuitas, não parece inadequado, visto que, aos olhos dele, tais mulheres eram destituídas de humanidade. Portanto, usar a palavra “fêmeas” neste caso apenas indica que elas dispõem das especificidades necessárias para a relação que se espera ter com elas, ignorando sua integralidade como seres humanos.

Mary Wollstonecraft nos diz que a civilização, até o momento da escrita de seu texto, se organizou de uma forma parcial, estabelecendo diferenças entre os seres humanos, homens e mulheres. Segundo ela, a educação era negligenciada para as mulheres e voltada apenas para transformá-las em damas, o que poderia ser considerado como uma das causas para que elas se tornassem fracas e infelizes:

Atribuo a causa desse florescimento estéril a um sistema de educação falso, extraído de livros sobre o assunto escrito por homens que, ao considerar as mulheres mais como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras [...] as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas por inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes.” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 25).

Simone de Beauvoir, na primeira metade do século XX, vai acrescentar que os homens acabam desconsiderando que, assim como as mulheres possuem especificidades biológicas e que, da maneira como conduzem a organização social, colocam a mulher como um ser inferior se comparada a eles:

O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem.” Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. (BEAUVOIR, 2009, p. 18).

No início do capítulo 7, Eulálio se queixa de acordar no leito de hospital com sua filha ao lado choramingando. Para ele não existia coisa pior. Reclama que ela não tenha trazido cigarros para ele. Nesse momento se recorda de ter ido aos Alpes suíços com o pai certa vez e, quando se preparava para dormir, foi chamado para ir ao quarto onde ele estava:

[...] sentou-se numa chaiselongue e abriu um estojo de ébano. Mas o que é isso, meu pai? É a neve, ora bolas, disse ele muito sério, papai fazia questão de nunca sair do sério. Com uma miniespátula separou o pó branquíssimo em quatro linhas, depois me passou um canudo de prata. Mas não se tratava dessa porcaria que idiota cheira por aí, era cocaína da pura, que só tomava quem podia. Não travava a boca, não tirava a fome, nem brochava, tanto é verdade que em seguida ele mandou subir as putas. (BUARQUE, 2009, p. 35 - 36).

O narrador-personagem nos diz que sente pena da mãe, já que seu pai não deu sossego a ela nem depois de morto. Segundo ele, na época corria um boato de que o senador Assumpção teria sido morto a mando de um homem que fora traído. Ele foi metralhado na entrada de sua garçonnière, apartamento destinado a encontros amorosos. A mãe de Eulálio foi interrogada pela polícia em casa, mas como lia apenas o jornal O Paiz, acreditava que o marido fora assassinado por alguém da oposição.

É importante lembrar que, inúmeras vezes, o senador deixava de voltar para casa depois do trabalho, informação que também aparece repetidas vezes nas memórias de Eulálio, como nos capítulos 12 e 16 do livro. Temos um exemplo no seguinte trecho:

E toda noite uma assessora telefonava para que mamãe não o esperasse, pois o senador ficaria retido até de manhã em assembleia permanente, ou em conferência no Estado-Maior do Exército, ou a portas fechadas com o presidente Venceslau. Mamãe já deveria estar habituada, meu pai dormia fora com frequência, bastava o país entrar em crise. Mas ela sempre ficava nervosa, andava às tontas pela casa, subia e descia as escadas à toa, do que eu me aproveitava para enervá-la um pouco mais. (BUARQUE, 2009, p. 73 - 74).

Mais adiante, no capítulo 14, ainda no leito de hospital a tagarelar com sua interlocutora, o narrador-personagem menciona as madames francesas que vendiam vestidos em casa e se recorda do dia que foi com seu pai visitar uma delas para comprar um vestido azul. Afirma que, naquele momento, o que chamou a sua atenção foi a maneira como seu pai alisou e cheirou o traje. Fato é que, tempo depois aquele mesmo vestido seria usado por uma mulher de cabelos ruivos em uma festa. O marido desconfiou da atitude suspeita dela em alisar o vestido e olhar para o senador que, depois do ocorrido, seria encontrado morto a tiros.

Quanto a Eulálio, o narrador do romance, não consta que tenha traído Matilde durante o casamento, mesmo diante dos exemplos que teve na companhia do pai. No entanto, após a perda da mulher, buscou outras companhias para, em vão, tentar substituir a ausência dela:

Não vou mentir, tive outras mulheres depois dela, levei mulheres para casa [...] Bem que tentei buscar companhia noutra parte, cheguei a visitar prostíbulos, sem me animar. Moças que eu conhecia da garçonnière também me receberam em domicílio, e fracassei seguidamente [...] Então tratei de atrair mulheres para o âmbito dos meus desejos, mas nada era assim tão simples. Não me atrevia a deitar putas no leito

conjugal, e entre as damas disponíveis, nem todas se sujeitavam a vestir as roupas da sua mãe. Mesmo as mais desvolatas, quando circulavam no quarto vestidas de Matilde, em geral se revelavam um embuste, pareciam umas ladras. As que afinal se acertavam comigo, eu as despedia num táxi o quanto antes, na ilusão de que sua mãe reapareceria sem aviso. Como essas poucas não costumavam atender a um segundo apelo, cedo me tornei um tipo de ermitão. (BUARQUE, 2009, p. 93 - 94).

De tudo isso que foi citado, podemos concluir que as personagens masculinas possuíam uma liberdade sexual totalmente ampla, se comparada às femininas. O pai de Eulálio passou a vida em encontros casuais com prostitutas e amantes; o pai de Matilde, ao que nos é dado saber, mesmo casado teve um relacionamento com a mãe biológica dela, o que resultou em seu nascimento. Este mesmo senhor deserdou a filha quando ela afirmou falsamente estar grávida de Eulálio antes de oficializar o relacionamento. Tanto a mãe de Eulálio quanto Matilde ficavam restritas ao ambiente do lar após o casamento e esta última, ao mínimo contato com outros homens (lembramos de sua dança com Dubosc após um jantar na casa da sogra e o samba com Balbino que lhe rendeu uma vitrola quebrada), despertava o ciúme e a ira do marido, fazendo-o achar que ela tinha um comportamento vulgar e inadequado.

2.5 CIÚMES E VIOLÊNCIA

Como citamos no início deste capítulo, *Leite Derramado* é uma narrativa que se constrói com base nas lembranças de Eulálio, o narrador-protagonista. É interessante para nós refletir sobre um possível significado para o título do livro, que está diretamente relacionado com as consequências das ações e escolhas desta personagem masculina. A falta da mulher que ele amava sempre se manifesta, é assunto recorrente: “Quando os reabri, Matilde se virava para mim e sorria, sentada ao órgão que não era mais um órgão, era o piano de cauda da minha mãe. Tinha os cabelos molhados sobre as costas nuas, mas acho que agora já entrei no sonho.” (BUARQUE, 2009, p. 21). É pela voz dela que conhecemos o nome de quem narra a história. A figura de Matilde sempre está presente, mesmo quando não está, até nos sonhos (ou pesadelos) de Eulálio:

gostaria sobretudo que Matilde me sobrevivesse, e não o contrário. [...] Sem Matilde, **eu andava por aí chorando alto** (grifo meu), talvez como aqueles escravos libertos de que se fala. Era como se a cada passo eu me rasgasse um pouco, porque minha pele tinha ficado presa naquela mulher. (BUARQUE, 2009, p. 55 - 56).

A pergunta que nos ocorre durante grande parte da narrativa é: o que aconteceu com Matilde? Cada uma das recordações de Eulálio se configura numa peça do quebra-cabeças que

é o seu passado. Há um ditado popular que diz: não adianta chorar pelo leite derramado. Ele nos explica que, metaforicamente, reclamar ou lamentar por algo ruim que já aconteceu não soluciona a questão ou, de outro modo, o que está feito está feito. O amor de Matilde foi o leite que Eulálio derramou de diferentes formas.

Como leitores do texto, vamos percebendo que, o que parecia brincadeira na adolescência dos dois, passou a ser violência física após o casamento. É como se houvesse uma repetição de algumas passagens da juventude na fase adulta, o destempero e a agressividade de Eulálio começam a nos chocar. A mulher é tratada como uma posse: ele manda, desmanda, determina, exige e em poucos momentos leva em consideração a alegria, os anseios e sentimentos dela. A não ser quando tomado pela culpa após seus rompantes. Podemos usar algumas passagens do livro para exemplificar bem isso. No capítulo 4, Eulálio comenta sobre a época em que conheceu Matilde. Segundo ele, a garota era uma das congregadas marianas que cantavam na missa de seu pai. Afirma ainda que já avistara a moça algumas outras vezes, mas que não conseguiu observá-la direito “porque a menina não parava quieta, falava, rodava e se perdia entre as amigas, balançando os negros cabelos cacheados.” (BUARQUE, 2009, p. 20). O rapaz se afeiçoara marcadamente por ela, como num arrebatamento:

Mas agora, no momento em que o órgão dava a introdução para o ofertório, bati sem querer os olhos nela, desviei, voltei a mirá-la e não pude mais largar. Por que assim suspensa e de cabelos presos, mais intensamente ela era ela em seu balanço guardado, seu tumulto interior, seus gestos e risos por dentro, para sempre, aí. (BUARQUE, 2009, p. 20 - 21).

É importante ressaltar que, inicialmente, a vivacidade da moça era algo que atraía Eulálio. No entanto, veremos que isso irá mudar com o passar do tempo. Na sequência da narrativa, ele tem alguns pensamentos que podem assustar o leitor atento: “Imaginei que abraçá-la de surpresa, para ela pulsar e se debater contra o meu peito, seria como abafar nas mãos o passarinho que capturei na infância.” (BUARQUE, 2009, p. 21). Abraçar alguém sem consentimento e apertar para que se debata remete nitidamente a situações de violência e abuso. Existe uma comparação entre a moça e um animal frágil, um passarinho, como se a fragilidade dela abrisse portas para a subjugação.

No capítulo 15, ele afirma que, após ter conhecido a moça durante uma missa, passou a buscá-la todos os dias na escola. Esse trecho é uma continuação de uma lembrança presente no capítulo 8, quando Eulálio conta sobre um dia em que ele e Matilde eram namorados e a moça tocou uma música no piano de sua mãe, Macumba Gegê. No dia seguinte àquela tarde, a mãe dele perguntou se os pais da moça permitiam que ela frequentasse a casa do namorado e ficasse

a sós com ele depois das aulas. Na sequência temos um trecho que nos interessa para acompanhar como tudo começou e, no futuro, se transformou em violência:

Mal sabia ela que, de noite, eu espreitava da minha janela de fundos a hora de Matilde pisar a relva do jardim na ponta dos pés, entre as amendoeiras e a casa dos empregados. Eu descia correndo e lhe abria a porta da cozinha, que Matilde apenas ultrapassava. Encostava-se na parede da cozinha, a respiração curta, e me arregalava os olhos negros. Em silêncio nos olhávamos por cinco, dez minutos, ela com as mãos na altura dos quadris, agarrando, torcendo a própria saia. [...] Enfim eu me jogava contra o corpo dela, pressionava o corpo dela contra a parede da cozinha, sem contatos de pele, e sem avanços de mãos ou de pernas, por algum acordo jamais expresso. Com meu tronco eu a esmagava, quase, até que ela dizia, eu vou, Eulálio, e seu corpo tremia inteiro, levando o meu a tremer junto. (BUARQUE, 2009, p. 45 - 46).

Neste período, ainda adolescente, Matilde visitava Eulálio por sua vontade e existia um tipo de provocação entre eles, aparentemente inofensiva. No capítulo 11, em mais uma de suas falas confusas, destinada a uma das enfermeiras do hospital, ao que parecia no momento, ele afirma que quando sair de lá irá levá-la junto por toda parte e não terá vergonha. Depois inicia uma reflexão sobre o ciúme que, segundo ele, deve ser confessado de peito aberto tão logo se apresenta, pois, depois disso “ele se fecha em repolho, e dentro dele todo o mal fermenta.” (BUARQUE, 2009, p. 62). Essa é uma conclusão à qual Eulálio chegou tardiamente, visto que o mal fermentou em sua vida, e muito.

Logo no capítulo 3, Eulálio se lembra de ter convidado Matilde para ir até o cais do porto para ver um transatlântico e receber um engenheiro francês. Quando chega o dia, ele se incomoda profundamente que a esposa esteja se arrumando, implica com a maquiagem dela e a deixa trancada em casa, num acesso do que parecia ciúme. Era o início do tormento para Matilde, que não entendeu o que aconteceu, visto que o marido nem se deu o trabalho de explicar e apenas saiu:

[...] vestiu-se como achou que era de bom-tom, com um vestido de cetim cor de laranja e um turbante de feltro mais alaranjado ainda [...] ela estava tão ansiosa que se aprontou antes de mim, ficou na porta me esperando em pé. Parecia empinada na ponta dos pés, com os sapatos de salto, e estava muito corada ou com ruge demais. E quando vi sua mãe naquele estado, falei, você não vai. (BUARQUE, 2009, p. 11 - 12)

É interessante comparar a conduta do narrador-protagonista de *Leite Derramado* com o comportamento da personagem Otelo, da peça homônima de Shakespeare. Na tragédia shakespeariana, o mouro, inicialmente, não tinha qualquer dúvida do amor de Desdêmona por ele, considerando que a moça fugiu da casa paterna para que os dois pudessem se casar. E, inclusive, se ofereceu para acompanhá-lo quando ia para uma guerra. No entanto, por conta das maquinações maliciosas de Iago, seu alferes, que acabou infundindo a suspeita em seus

pensamentos, passou a desconfiar da mulher. A desconfiança se tornou num ciúme doentio, que o levou ao terrível final.

Na referida peça, algumas personagens, assim como Eulálio, reflexionam sobre o perigo do ciúme. Na cena III do ato III, Iago, ao fingir que sabia da existência de algo errado na relação de Desdêmona e Cássio, afirma o seguinte: “Pois, confesso, detectar abuso é uma praga/ Da minha índole, e meu ciúme às vezes forja/ Crimes irreais – rogo, use o juízo” (SHAKESPEARE, 2017, p. 196). Com isso, tenta alertar Otelo que o ciúme faz as pessoas verem coisas que não existem, mesmo que a sua intenção fosse exatamente o contrário. Veremos na sequência da peça, que o ciúme vai cegando Otelo e transformando o seu amor em cólera e desvario. Ainda no ato III, Iago acrescenta: Cuidado, senhor, com o ciúme. Ele é um monstro / De olho verde que vive a escarnecer da carne / que o nutriu.” (SHAKESPEARE, 2017, p. 196). Na cena IV do mesmo ato, a personagem Emília, ao conversar com Desdêmona, a qual imaginava que Otelo pudesse estar com ciúmes devido a sua mudança de comportamento, diz o seguinte para a sua senhora: “Mas as almas ciumentas não operam assim: / O ciúme que sentem não tem motivação, / O ciúme vem do ciúme. É um monstro / Que a si mesmo gera e a si mesmo procria.” (SHAKESPEARE, 2017, p. 213). Otelo se configura como o paradigma da personagem ciumenta na cultura ocidental. Tanto ele como Eulálio sofrem transtornados por suas desconfianças, considerando suas parceiras culpadas sem elementos concretos. O que os diferencia é que os ciúmes de Otelo, se não são determinados mesmo pela fala de outros, pelo menos são insuflados. Eulálio é ciumento por conta própria, digamos. O Iago está dentro dele mesmo.

Em uma noite, após jantar na casa de sua mãe, Eulálio e Matilde saem para dançar e encontram Dubosc, um francês com quem ele tinha relações de trabalho. O homem pergunta se ele sabia dançar maxixe, ao que Eulálio responde que não, mas afirma que seria uma honra se ele tirasse sua esposa para dançar. Eulálio se surpreende ao saber que a esposa dançava tão bem naquele ritmo e começa a se incomodar com tudo e achar que sua mulher está sendo vulgar. No caminho de volta, se aborrece com o fato de Matilde estar assobiando a melodia do maxixe tocado no salão. Ao chegar em casa, tem outro assomo de ira:

Então me vi tomado de um sentimento obscuro [...] e de repente não sei o que me deu, agarrei-a com violência pelas costas. Joguei-a contra a parede e ela não entendeu, começou a emitir gemidos nasais, o rosto achatado nos ladrilhos. Prendi seus punhos na parede, ela se debatia, mas eu a controlava com meus joelhos atrás dos seus. E com meu tronco eu a apertava, eu a espremia a valer, eu quase a esmagava na parede, até que Matilde disse, eu vou, Eulálio, e seu corpo tremeu inteiro, levando o meu a tremer junto. (BUARQUE, 2009, p. 66 - 67).

A cena que mencionamos acima, que aparece nas recordações do narrador-personagem no capítulo 11, é um corresponde do que ocorria no passado, quando Matilde ia escondida à noite na casa dele (mostrado no capítulo 8). No entanto, como dissemos anteriormente, o que era apenas uma provocação de adolescentes se transformou em violência devido ao ciúme. No capítulo 17, Eulálio comenta sobre o período em que sua filha ainda era pequena e vivia nos braços da mãe. Naquela época eles moravam num chalé perto da praia de Copacabana. Certa vez convidou Dubosc, e dois conhecidos, para trocarem de roupa no chalé. Segundo ele, as visitas se tornaram habituais. Na sequência de sua narração, ele comenta ter descoberto, por uma fala da secretária do escritório, que Dubosc frequentava sua casa quando ele não estava presente. Demonstra sua inquietação pelo fato de que Matilde não havia comentado isso com ele. Quando a questiona, a mulher afirma que os franceses passavam por lá, riam bastante, mas não ficavam para o almoço, e segue cuidando da filha que acabava de aprender a firmar a cabeça. Eulálio começa a imaginar em sua mente que Matilde poderia se entusiasmar com as histórias de Dubosc sobre a participação dele na Primeira Grande Guerra, já que ela se interessava muito pelas histórias de uma vizinha que sempre encontrava na praia e falava sobre suas aventuras com o marido em outros países da América Latina. Em uma tarde, enquanto se encaminhava à Marambaia para se encontrar com o ministro da guerra e outros colegas do trabalho, se perde no caminho e em seus pensamentos perturbados pelo ciúme. Decide voltar para o chalé enquanto imagina que Matilde poderia estar com Dubosc na praia e não resistiria às suas histórias e galanteios. Dirige para casa em desespero e tem um rompante de raiva:

[...] já do portão se ouvia a música. Pensei que fosse um maxixe, mas era o tal do samba que ela deu para ouvir todo dia: jura, jura, jura de coração. A porta de casa estava escancarada, e na sala deparei com Matilde de maiô, dançando com o preto Balbino. Sim, o preto Balbino, eu não acreditei, mas era ele. Não reagiram ao me ver, os dois continuaram a dançar e a me olhar e sorrir como se nada fosse. [...] A cena foi ficando insuportável, os dois não queriam parar com aquela dança nojenta, então dei um pontapé na vitrola de Matilde. O disco voou, partiu-se em cacos no chão, voaram também o prato e o braço da vitrola. Matilde me olhou atônita, Balbino correu com passos curtos, o telefone vinha tocando havia um tempo, e era Dubosc que me chamava da caserna em Marambaia. (BUARQUE, 2009, p. 115 - 116).

Com a cena que presenciou, Eulálio percebeu que, diferente do que vinha pensando no caminho, Matilde não estava com Dubosc na praia. Na sequência, ele sai para encontrar os colegas do trabalho, mas quando chega no local da reunião, não há mais ninguém. No caminho de volta, compra uma vitrola nova para Matilde e alguns discos de samba. Segundo ele, a mulher ficou surpresa com o presente, pois “ela era leve de espírito”, algo que ele sempre repete ao longo da narrativa. Fato é que, dias depois, ela começa a ficar amuada, colocar vestidos longos que ganhou da sogra e detestava, até que sai de casa numa noite e nunca mais volta.

A principal lamentação de Eulálio é ter perdido o amor de sua vida. E que amor é esse de Otelo que mata? A Desdêmona da peça de Hamlet morre de forma trágica pelas mãos do mouro, com o qual se casou, mesmo a contragosto do pai. A cegueira toma conta de Otelo. Eulálio também é tomado por uma cegueira motivada pela desconfiança, e não existia um Iago para lhe infundir a dúvida no coração. Cria várias invenções em sua mente como se a mulher o pudesse estar traindo, mesmo sem qualquer evidência concreta. Ele ocasiona a morte de Matilde sim, não fisicamente, mas pouco a pouco, vai matando a alegria, a vivacidade e a espontaneidade da mulher que ele aparentemente gostava.

Nos cabe lembrar ainda que existe uma outra possibilidade de interpretação para o título, uma leitura literal. No capítulo 19, Eulálio conta à filha com mais detalhes sobre o período em que Matilde perdeu sua alegria e vivacidade de costume. Ficava reclusa em um quarto e não tinha horário para comer. Seu leite aparentemente havia secado: “No início da crise ainda olhava a filha, agora nem isso, creio que se magoou ao pilhar a Eulalinha agarrada no peito da ama-de-leite.” (BUARQUE, 2009, p. 134). Certo dia, enquanto ajeitava as flores que comprou para a mulher num vaso, ele escuta Matilde chorando baixo. Sem motivo concreto, se vê tomado de ciúme ao imaginar que Matilde pudesse estar com outro homem no quarto. Quando chega ao banheiro, vê a mulher debruçada na pia: Corri para a abraçar, envergonhado do meu mau juízo, mas ela aprumou o vestido bruscamente e se esquivou de mim, deixando a torneira aberta. E vi respingos de leite nas bordas da pia, o ar cheirava a leite, vazava leite no vestido da sua mãe... (BUARQUE, 2009, p. 136). Aparentemente, a tristeza havia tomado Matilde, que não tinha mais vontade de amamentar a filha e jogava seu leite na pia.

Na representação do ciúme e suas consequências devastadoras, podemos ainda citar outra narrativa, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. É sabido que Bentinho mantém grande desconfiança de Capitu, sem que necessariamente existam provas consistentes, assim como Eulálio. Voltemos ao que tão sabiamente afirma a personagem Emília em Otelo: O ciúme vem do ciúme. É um monstro / Que a si mesmo gera e a si mesmo procria.” (SHAKESPEARE, 2017, p. 213). Fato é que, no “CAPÍTULO CXXXV / Otelo”, do texto de Machado, Bentinho vai ao teatro para assistir à peça *Otelo*. Ele comenta que não havia tido qualquer contato anterior com a história, não leu ou assistiu até então. Ao observar as raivas do mouro, ele considera insignificante a "prova da traição", o lenço: não pude me furtar à observação de que um lenço bastou a acender os ciúmes de Otelo e compor a mais sublime tragédia deste mundo. Os lenços perderam-se, hoje são precisos os próprios lençóis; algumas vezes nem lençóis há, e valem só as camisas. (ASSIS, 2016, p. 386).

Bentinho carregava um vidro de veneno no bolso para o seu ato derradeiro, no entanto, no último ato da peça, chegou à conclusão de que não era ele, mas Capitu que deveria morrer. Ao ouvir as súplicas da esposa do mouro, que era inocente, e as palmas dos presentes, pensou "que faria o público, se ela devera fosse culpada, tão culpada como Capitu? [...] Um travesseiro não bastaria; era preciso sangue e fogo, um fogo intenso e vasto, que a consumisse de todo e a reduzisse a pó." (ASSIS, 2016, p. 386). É interessante perceber que o ciúme de Bentinho era tão irracional que, mesmo vendo uma peça na qual uma inocente foi assassinada pelo marido injustamente, em nenhum momento ele questiona suas desconfianças sobre Capitu, considerando-a culpada, além de julgar que, pra ela, diferente de Desdêmona, seriam necessários sangue e fogo.

Eulálio e Bentinho são personagens que se aproximam comportamentalmente, pois o ciúme se apodera de seus pensamentos, levando-os a maquinações perversas, julgamentos precipitados e desvarios.

Resta-nos ainda pontuar que o ciúme não é justificativa para agressões físicas, psicológicas e o extremo do assassinato de uma mulher. O que ocorre, e está bem representado em *Leite Derramado*, é o sentimento de posse vivenciado na relação, aliado ao fato de que, a mulher, vista como inferior ao homem, em nossa sociedade patriarcal e permeada pelo sexismo e o machismo, faz com que, de maneira equivocada e revoltante, alguns homens se sintam na posição de machucar, ofender e destratar as mulheres, somente pelo fato de serem mulheres.

3 A SUBALTERNIDADE FEMININA

Para iniciar este capítulo, é importante retomar uma informação já mencionada anteriormente. *Leite Derramado* é um romance que tem como narrador uma personagem masculina. Durante a leitura, podemos perceber que, desde cedo, Eulálio foi ensinado a ver as mulheres como figuras inferiores a ele, que cumpriam papéis de obediência e, de certo modo, auxiliares em sua vida. Notamos em vários momentos a sua insensibilidade e desprezo com relação a elas. Como já dissemos, ele é uma representação das figuras masculinas em geral na sociedade patriarcal brasileira.

Sabemos que, desde o início de sua formação, o Brasil foi conduzido por mãos masculinas (brancas) com base em suas políticas e estratégias de dominação. Devemos ressaltar que tudo isso ocorreu de forma violenta, desconsiderando toda a riqueza de outras culturas, principalmente a indígena que já estava presente aqui, a africana que os povos escravizados trouxeram em suas jornadas de horror, medo e desumanização nos navios negreiros, além é

claro da subalternização feminina de todas as classes e etnias. Precisamos acrescentar ainda que, do ponto de vista do homem branco colonizador, todos os outros indivíduos, homens e mulheres, tinham a sua humanidade, dignidade e valor questionados, colocados em segundo plano, ignorados. A existência dessas pessoas no mundo era vista como mais um recurso para subsidiar sua sobrevivência e seus caprichos, com toda a crueldade possível e inimaginável.

No último parágrafo da *Carta*, na qual Pero Vaz de Caminha registra o “achamento” ou “descobrimento” do que hoje chamamos de Brasil, disponível na página Domínio Público, se encontra o seguinte: “Deste Porto Seguro, da **Vossa** (grifó meu) Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500”. Caminha se referia às terras em que chegou como propriedade da corte portuguesa. Fato é que aquela região já era ocupada por outros povos, que foram totalmente desconsiderados. Em vários momentos do texto o autor se refere ao fato de que os indígenas não se preocupavam em cobrir as suas vergonhas: “Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.”. Será mesmo que eram as indígenas que deveriam sentir vergonha? Eles, os portugueses, que as observavam, tinham a empáfia de compará-las às mulheres de sua terra, diminuindo essas últimas em sua ignóbil avaliação: “E uma daquelas moças era [...] tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela.”. Devemos lembrar ainda que essas são pequenas demonstrações do comportamento desacertado daqueles homens, considerando o uso de mão de obra escrava indígena e negra, a imposição da religião católica àqueles que já tinham seus ritos e crenças, o uso de armas de fogo, dentre outros recursos para, por meio da violência, obrigar ameríndios e africanos a fazerem o que determinavam. É importante lembrar que os portugueses que aqui chegaram já vinham de uma construção social patriarcal e apenas replicaram hábitos e costumes de sua terra de origem.

A escritora, professora e ativista indígena Eliane Potiguara, no livro *Metade cara, metade máscara* (2019), faz um relato sobre o sofrimento que a invasão portuguesa acarretou ao povo Guarani, na terra que inicialmente os brancos denominaram Vera Cruz. Segundo ela, além do assassinato de milhões deles, várias famílias foram separadas, doenças foram propagadas e todos ficaram reféns em sua própria terra. Vários se suicidavam diante de tamanha opressão, além dos casos de alcoolismo, insegurança, baixa auto-estima e loucura. A situação se prolongou por séculos. A autora faz o relato do caso específico de Juçara, para explicar o início da solidão das mulheres indígenas:

Os exércitos português e espanhol, na batalha de 7 de fevereiro de 1756, próxima a Bagé (sudoeste do Rio Grande do Sul), assassinaram Sepé Tiaraju e mais 10 mil Guarani. Sua esposa Marina (Juçara), levaria às costas a menina recém-nascida que Sepé jamais veria. Era o início da solidão das mulheres, motivada pela violência, pelo racismo e por todas as formas de intolerância referentes inclusive à espiritualidade e à cultura indígenas. (POTIGUARA, 2019, p. 23).

No entanto, a situação de sujeição não é exclusiva das mulheres indígenas. Mary Wollstonecraft, em *Reivindicação dos direitos da mulher*, publicado originalmente em 1792, fez vários questionamentos sobre a posição de inferioridade ocupada pelas mulheres europeias. Segundo ela, a educação concedida a elas (no caso as mulheres de classe média) estava voltada para transformá-las em damas e não era suficiente para que desenvolvessem suas capacidades intelectuais em plenitude, fazendo com que continuassem vivendo sob a tutela e dependência financeira dos homens, fossem eles pais, irmãos ou maridos. Ela afirma que as mulheres da época eram tratadas como fêmeas e não propriamente como mulheres, no sentido de seres humanos dotados de intelecto e, por consequência disso, diferentes dos outros animais, assim como os homens eram vistos. Em seus estudos e proposições, considerava “as mulheres como criaturas humanas que, junto com os homens, são postas na Terra para desenvolver suas faculdades” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 26).

Para ela era óbvio constatar que os homens detinham

Certo grau de superioridade física [...] e é uma nobre prerrogativa! Mas, não contentes com tal preeminência natural, os homens se empenham em nos afundar ainda mais, apenas para converter-nos em objetos de atração momentânea; e as mulheres, inebriadas pela adoração que os homens, sob a influência dos sentidos, dedicam a elas, não procuram obter no coração deles um interesse duradouro nem se tornar amigas daqueles que encontram diversão em sua companhia. (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 26).

Uma de suas afirmações é que parte das mulheres se contentava com a vida que levava, julgando suficiente serem tratadas com condescendência, receber elogios e agradar os homens ao seu redor, como o marido, por exemplo. Seu texto foi escrito também com a finalidade de chamar a atenção para o fato de que a Constituição Francesa de 1791 não incluía as mulheres na categoria de cidadãs, impedindo que elas tivessem acesso à educação formal adequada e fazendo com que permanecessem restritas ao lar e ocupadas com afazeres da vida doméstica.

Em *Um teto todo seu*, redigido em 1928, Virgínia Woolf nos mostra algumas reflexões realizadas em função de organizar material para uma palestra sobre as mulheres e a ficção. Ao longo do texto ela vai percebendo que é difícil chegar à conclusões sobre o assunto sem pensar sobre a situação ou, mais especificamente, o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade e as

restrições impostas a elas, sobretudo no que diz respeito às posses materiais, circulação livre por todos os ambientes e o domínio pleno sobre seus destinos. Enquanto organiza o seu pensamento às margens de um rio, sem agir de maneira proposital, ela passa pela seguinte situação ilustrativa:

Por menor que fosse, esse pensamento [...] zanzava para lá e para cá, despertava um aluvião e um tumulto de ideias tal que me era impossível ficar parada. Foi assim que me vi andando extremamente rápido através de um gramado. Na mesma hora a figura de um homem surgiu para me interceptar. Não percebi de pronto que as gesticulações daquele objeto curioso, de fraque e camisa formal, eram dirigidas a mim. O rosto dele expressava horror e indignação. O instinto, em vez da razão, veio me socorrer: ele era um bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; ali estava o caminho. Somente os estudantes e os professores eram admitidos aqui; o cascalho era o meu lugar. (WOOLF, 2014, p. 10).

Nos importa perceber que, enquanto pensava sobre a desigualdade social entre homens e mulheres, ela mesma passou por uma situação que exemplifica perfeitamente o que pretendia demonstrar, ao ser impedida de adentrar um espaço destinado exclusivamente a eles.

Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*, de 1949, faz algumas afirmações em confluência com os estudos de Mary Woolstonecraft, no sentido de que as mulheres de sua época se conformavam ou, mais propriamente, não trocariam os agrados e elogios masculinos pela possibilidade de exercer em plenitude as suas capacidades intelectuais. Segundo ela, socialmente, e conforme a afirmação de vários estudiosos e intelectuais, a mulher era um ser inferior ao homem ou mesmo incompleto. Existem fêmeas na espécie humana, o que não se pode negar, no entanto, ter um útero e ovários não é o que faz de uma mulher uma mulher, nem mesmo a feminilidade, relacionada às maneiras de se portar e se vestir, por exemplo. Nada disso, segundo ela, é suficiente para determinar a subjetividade feminina. Para ela, o homem "esquece soberbamente que em sua anatomia também comporta hormônios e testículos. Encara o corpo como uma relação direta e normal com o mundo [...] ao passo que considera o corpo da mulher sobrecarregado por tudo o que o especifica" (BEAUVOIR, 2009, p. 18). Em sua percepção, as mulheres eram entendidas como inferiores devido a sua condição física, pois se achava que as ações delas eram influenciadas por hormônios.

Outro aspecto importante trabalhado por Simone de Beauvoir é que apenas nos cartórios e em registros como declarações de identidade, o espaço destinado às rubricas para os indivíduos femininos e masculinos era simétrico, pois na vida cotidiana, a relação dos dois sexos não é igual como os dois polos na eletricidade: "O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos 'os homens' para designar os seres humanos" (BEAUVOIR, 2009, p. 18). Deste modo, Simone de Beauvoir conclui que:

A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. A categoria do Outro é tão original quanto a própria consciência. Nas mais primitivas sociedades, nas mais antigas mitologias encontra-se sempre uma dualidade que é a do Mesmo e do Outro. (BEAUVOIR, 2009, p. 18 - 19).

Nesses termos, sendo a mulher entendida como o Outro do ser masculino, a posição a ser ocupada por ela era é, inevitavelmente, a de inferioridade como se constata ao longo da história. E, motivadas por esses desníveis, injustiças e falta de direitos, é que surgiram as lutas feministas.

Ao analisar a organização da sociedade brasileira durante o período de colonização, a historiadora Beatriz Nascimento diz o seguinte:

Por estar assim definida, a sociedade colonial se reveste de um caráter patriarcal que permeia toda sua estrutura, refletindo-se de maneira extrema sobre a mulher. Devido ao caráter patriarcal e paternalista, atribui-se à mulher branca o papel de esposa e mãe, com a vida dedicada ao seu marido e filhos. Deste modo, seu papel é assinalado pelo ócio, mantendo-se amada, respeitada e idealizada naquilo que o ócio lhe representava (NASCIMENTO, p. 49, 2019).

3.1 O DISCURSO DO NARRADOR COMO EXPRESSÃO DA DOMINAÇÃO MASCULINA

Além das recordações de Eulálio, quando ele mesmo nos traz algumas passagens de sua vida nas quais, inúmeras vezes, agiu de forma egoísta, machista e até violenta, é por meio do seu discurso no tempo presente da narrativa, enquanto fala para as enfermeiras, a filha e quem mais puder ouvir suas afirmações, que percebemos a sua maneira de pensar sobre como se comportar com as mulheres, neste caso uma pretendente que só ocupa essa posição na mente dele. É importante lembrar que no momento presente ele já perdeu Matilde, por isso, em sua fala atual ele sempre afirma que evitará fazer coisas que afastaram a primeira mulher, mas é claro que existem falhas, já que essa vontade de mudar só parte de um tipo de precaução para não perder a pessoa com quem dialoga, não se trata da maneira como ele agiria originalmente.

Separamos um trecho da fala de Eulálio que aparece no capítulo 11 para analisar:

Pensei que você hoje não viesse mais, que estivesse de folga [...] Daí, se amanhã você sair de férias, por favor me previna. Percebo que anda arisca, receio que se canse de tudo e vá embora de novo para sempre [...] Esteja tranquila porque nunca lhe perguntarei onde você passava as tardes, nem quero saber se vai ao cinema com esses médicos. Quando sair daqui, vou levá-la comigo a toda parte, não terei vergonha de você. Não vou criticar seus vestidos, seus modos, seu linguajar, nem mesmo seus

assobios. Com o tempo aprendi que o ciúme é um sentimento para proclamar de peito aberto, no instante mesmo de sua origem. (BUARQUE, 2009, p. 61).

Para iniciar é importante ressaltar que o narrador não tem qualquer relacionamento com quem quer que seja no hospital, no entanto, ele entende, em suas confusões mentais, que uma das moças é a sua pretendente. Partindo desse pressuposto, ele passa a analisar o comportamento dela e fazer exigências: “Daí, se amanhã você sair de férias, por favor me previna”. Neste breve trecho, percebemos que, se ela realmente fosse sua futura esposa, deveria deixá-lo informado de seus passos. Na sequência, ele recua, considerando que até o momento estava exigindo satisfações da moça, e afirma que ela pode ficar tranquila, pois não perguntará com quem passava as suas tardes. Vale lembrar que, como mostramos no primeiro capítulo deste trabalho, o Eulálio de décadas atrás, casado com Matilde, criou desconfianças em sua mente em vários momentos. Sua desconfiança se transformou em ciúme e fez com ele mostrasse uma faceta agressiva. O narrador ainda afirma no trecho acima, que não terá vergonha da mulher, o que nos faz lembrar que, em vários momentos, Eulálio subestimava a inteligência de Matilde e, por mais que existisse um tipo de etiqueta social na qual se esperava a presença da esposa em eventos para fazer companhia ao marido, ele acreditava que ela não tinha conhecimento suficiente para dialogar com seus colegas. Sobre isso, podemos fazer dois apontamentos: que tipo de educação era oferecida para as mulheres e será que, se tivessem oportunidade de aprender sobre política ou finanças, por exemplo, não conseguiriam atingir o domínio de tais conteúdos apenas por serem mulheres? No capítulo 8, Eulálio nos dá uma amostra de como vê a esposa intelectualmente:

Política não lhe interessava, negócios, muito menos, amava fitas de caubói, mas não sustentaria uma conversação sobre literatura. Pouco sabia de ciências, geografia e história, apesar de ter estudado no Sacré-Couer. Aos dezesseis anos, quando deixou o colégio para casar comigo, não tinha completado o ginásio. Estudara piano, como todas as meninas do seu gabarito, mas tampouco brilhava nessa matéria. (BUARQUE, 2009, p. 45).

3.2 A SUBSERVIÊNCIA DE MATILDE ANTES E DEPOIS DO CASAMENTO

Sabemos que, desde cedo, Matilde sempre foi alegre e espontânea, como na missa de sétimo dia do pai de Eulálio. O narrador-personagem afirma que já tinha visto a garota antes, mas nunca conseguia observá-la com minúcias, visto que ela nunca parava no lugar. Ao longo do texto, percebemos que a Matilde adulta gostava de andar a cavalo, ouvir discos de samba e dançar, conversar com as senhoras na cozinha de sua casa, além de escolher cores alegres para se vestir, como o laranja. O principal sofrimento do narrador no momento presente da narração

é ter perdido sua mulher, mas fato é que, como pássaro aprisionado, após o casamento Matilde passou a ser impedida expressar a sua vivacidade, mesmo que o marido já soubesse dessa sua característica desde que a conheceu.

Na sequência deste subcapítulo pretendemos analisar as personagens femininas restritas ao lar, a presença acessória das mulheres socialmente, algumas profissões ocupadas por personagens femininas ao longo da narrativa e o machismo em alguns discursos femininos.

3.3 A MÃE DE EULÁLIO

Assim como outras personagens femininas apresentadas ao longo da narração, a mãe de Eulálio vivia restrita ao ambiente do lar. Pode-se perceber facilmente que a personagem era uma mulher amarga (o próprio filho diz que os tons escuros para vestimentas lhe caíam bem), possivelmente devido a sua condição como mulher e também pelo fato de ser traída pelo marido. Era religiosa, como vemos nas passagens que mostram sua presença em missas e no casamento de Eulálio e Matilde, realizado às pressas. No entanto, era muito preconceituosa com as pessoas de pele negra. Aparentemente, a única distração que possuía era o seu piano Pleyel. A primeira menção feita a ela ocorre logo no início do primeiro capítulo. Em seu diálogo fantasioso com uma das enfermeiras do hospital, com a qual pretendia se casar (apenas em sua imaginação), o narrador diz que a moça usaria o vestido de sua mãe na suposta cerimônia e compara sua genitora com a sua ex-mulher: "Minha mulher, sim, suave bastante, mas ela já era de uma nova geração e não tinha a austeridade da minha mãe" (BUARQUE, 2009, p. 5). O narrador ainda afirma que, na casa de seus pais, assim como em todas as boas casas, os assuntos familiares eram tratados em francês, mas que sua mãe sempre usava metáforas, mesmo para as coisas mais simples, pois até as "enfermeirinhas", expressão que ele mesmo utiliza, detinham conhecimento desse idioma. A mãe de Eulálio era muito influenciada pela cultura francesa e se orgulhava. Até os seus trinta anos de idade, acompanhava o marido à Europa e comprava roupas para as estações seguintes. Depois disso "desistiu de viajar com ele, contentava-se em lhe fazer encomendas" (BUARQUE, 2009, p. 83 - 84). Caso surgissem situações de necessidade, recorriam às madames francesas que negociavam trajes importados. Em uma passagem na qual recebem Dubosc, colega de trabalho de seu filho para um jantar, ela questiona a pronúncia dele: "Como um espanhol, dizia mamãe, o sujeito fala francês como um espanhol, ela não tinha aprovado o acento do engenheiro" (BUARQUE, 2009, p. 89 - 90)

A mulher não entendia o motivo do interesse de Eulálio por Matilde. Em diferentes pontos da narração, ele comenta que a mãe enxergava a diferença de tonalidade de pele existente

entre a moça e suas irmãs, apontando como uma forma de inferioridade nela por isso. Retomaremos uma passagem em que isso ocorre para exemplificar: “ao me ver arrastando a asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa do meu pai” (BUARQUE, 2009, p. 20)

Eulálio explica que a família de sua mãe tinha mais posses que os Assumpção, o que poderia lhe ser útil para manter o padrão de vida com o passar dos anos:

Quanto ao dinheiro, querendo ou não, mamãe para mim seria sempre uma salvaguarda. Sua família era talvez mais abastada que os Assumpção, só em pastagens os Montenegro possuíam metade do estado de Minas Gerais. É certo que a prole era grande, mamãe tinha cerca de vinte irmãos, mas uma única fazenda de gado leiteiro me bastaria para tocar a vida, ainda que eu vivesse cem anos. Minha pequena filha crescerá cercada do bom e do melhor, e mais bonança teria minha mulher, se algum dia voltasse para casa. (BUARQUE, 2009, p. 59)

Depois que Eulálio perdera Matilde, sua mãe o chamou para uma conversa e, sem tocar no nome da nora, ofereceu ao filho uma viagem para a Europa, para animá-lo, e também para que ele tentasse solucionar algumas questões na companhia onde seu finado marido trabalhara. De acordo com o narrador, “parecia algo desapontada por descobrir alguém mais infeliz que ela” (BUARQUE, 2009, p. 56). Eulálio acrescenta que, se ele não tivesse ido nessa viagem, ela mesma viajaria para falar com os agentes financeiros do marido, “seria ela o homem da família” (BUARQUE, 2009, p. 56), e ele o marmanjo que recebia mesada.

Em sua narração, Eulálio nos conta que, certa vez, quando seu pai presidia a comissão de assuntos agrários, passava várias noites fora de casa. Segundo ele, toda noite ligava uma assessora para avisar que o senador não voltaria, por isso não precisavam esperá-lo: “Mamãe já deveria estar habituada, meu pai dormia fora com frequência, bastava o país entrar em crise. Mas ela sempre ficava nervosa, andava às tontas pela casa, subia e descia as escadas à toa” (BUARQUE, 2009, p. 73 - 75). A mãe ficava aflita com o sumiço do marido e o menino se aproveitava de momentos como esses para deixá-la mais nervosa, fazendo traquinagens, malcriações e perturbando as empregadas:

Depois de me repreender duas, três vezes, mamãe me mandou terminar o almoço na cozinha. Então eu a afrontei, com a boca escancarada exibi-lhe minha maçaroca de arroz, feijão, bife e batata, acho que já estava mesmo a fim de levar uns tapas na cara [...] E quando mamãe se levantou da cabeceira, marchando na minha direção, antecipei-me ao golpe e desatei a chorar e a me mijar. Ela ergueu a mão aberta, mas na hora H mudou de ideia. Olhou-me bem de perto e disse que, entre os Montenegro de Minas Gerais, ninguém tinha beiços grossos como os meus. A comida, cuspi no prato, mas fiquei com a ofensa engasgada esses anos todos. E agora lhe perguntei em

passant, ao sair da biblioteca, por que ela nunca me contara que tio Badeco Montenegro tinha cabelo pixaim." (BUARQUE, 2009, p. 73 - 75)

Podemos inferir que, se o tio de Eulálio tinha cabelo crespo, era sinal/ fato que sua ascendência era também negra. A mãe havia omitido isso porque, muito provavelmente, deveria entender como algo que desqualificava a sua família ou por ser uma informação polêmica (que deveria ser mantida escondida). Diferente de Eulálio, que afirmava não ter preconceitos de cor, em parte por sua convivência com Balbino, seu colega de infância, mesmo mostrando o contrário com seus comportamentos, a mãe de Eulálio não escondia sua repulsa pelas pessoas negras.

Importa-nos comentar que a mãe de Eulálio também apresentava comportamentos machistas, principalmente com relação às vestimentas de sua nora, à qual presenteava com vestidos de manga longa, bem fechados e à neta menina, independente dos sofrimentos pelos quais passava na condição de mulher. De acordo com o narrador, Matilde iria feliz para qualquer lugar, menos na casa da sogra, que lhe desagradava com seus comportamentos:

Também me lembro de como Matilde, sem falar nada, se aborreceu com minha mãe, que só presenteou a neném com roupinhas azuis, de menino. Como desculpa, mamãe me disse que as tinha mandado bordar com grande antecedência, porque os Assumpção só fazem filho homem. E disse que os Assumpção têm sempre um filho só, é maldição de família, antes de mim ela própria perdera cinco, e cinco vezes por pouco não morria de eclampsia [...] De birra, nunca levou a menina para ver a avó, esperava que a avó viesse, e nas poucas vezes que ela veio, Matilde lhe mostrava a Eulalinha pelada. Matilde tampouco usava os vestidos de manga comprida que mamãe lhe deu, o que era injusto com os vestidos... (BUARQUE, 2009, p. 63 - 64)

Deste modo, a mãe de Eulálio acabava demonstrando que não aceitava que o bebê (sua neta) fosse uma menina e, com isso, algo que remetia a um desrespeito ou desamor pela pequena Maria Eulália. Eulálio vê como negativos os comportamentos de Matilde diante das “provocações” da sogra - presentear a neta com roupinhas azuis propositalmente e a nora com vestidos de manga comprida -, nos dando a entender que ela deveria aceitar tais coisas como se nada fossem, não para ignorar, mas por entender que não era algo sério ou mesmo que os comportamentos de sua mãe seriam corretos, deixando de compreender o incômodo da esposa, que provavelmente percebia tudo aquilo como ofensas. Matilde não estava fazendo birra, tampouco sendo injusta com vestidos, apenas se recusava a ser tratada de tal forma e que sua bebê fosse inferiorizada por ser menina.

Após a morte do marido, a mãe de Eulálio teve que receber o chefe de polícia e suportar comentários sobre a possibilidade de que ele fora morto a mando de um corno. Sobre isso, o

narrador-protagonista diz o seguinte: "Às vezes sinto pena da minha mãe, porque papai não lhe deu sossego nem depois de morto" (BUARQUE, 2009, p. 36).

Nos anos finais de sua vida, a mãe de Eulálio já não o reconhecia. Seu distúrbio começara com um tipo de disfasia, ela falava corretamente, porém com as palavras todas trocadas. Percebendo que ninguém a compreendia, decidiu-se por falar em francês, mas nesse idioma também trocava a ordem das palavras nas frases. O único que a compreendia era o seu chofer, Auguste:

Ela o chamava de Eulalie, e ele, com avançada esclerose, atendia à vontade pelo nome do antigo patrão. E sentava-se com ela na sala, dava-lhe o braço no jardim, permitia-se chamá-la simplesmente pelo pronome, também afrancesado para Marie Violette. Quando Auguste morreu na cama dela, usando um pijama com o monograma do meu pai, mamãe enviuvou de novo, de um luto mais profundo que o primeiro. E agora já não falava língua alguma, não se locomovia, nem sequer chorava, me enternecia assisti-la assim, com sua tristeza enfim cristalizada. (BUARQUE, 2009, p. 80 - 81)

Amerigo Palumba, o marido de Maria Eulália, conseguira convencer Eulálio a vender o casarão. Nosso narrador-protagonista entendia que não seria justo se desfazer da casa em que vivia com Matilde, o chalé, além do fato de que o casarão acarretava altas despesas e sua mãe já não dispunha de muito dinheiro. Por esses motivos e também devido a sua saúde já comprometida, a mulher foi removida na traseira de uma ambulância para o chalé, onde ficaria instalada num quarto lateral com uma enfermeira, porém, já no dia seguinte, sem sobressaltos, simplesmente deixou de respirar" (BUARQUE, 2009, p. 80 - 81)

3.4 MARIA EULÁLIA

A primeira menção à Maria Eulália ocorre no capítulo 2, quando seu pai, Eulálio, a confunde com uma das enfermeiras do hospital, reclamando por não ser atendido por ela: "Mas nem assim você me dá os remédios, você é meio desumana. Acho que nem é da enfermagem [...] Claro, você é minha filha que estava na contraluz, me dê um beijo" (BUARQUE, 2009, p. 10). Neste ponto, presente da narração, Maria Eulália já é uma senhora de aproximadamente oitenta anos, informação que teremos bem mais a frente, no capítulo 13.

Ao longo da leitura de *Leite Derramado*, quando nos atemos à figura de Maria Eulália, percebemos que esta personagem enfrenta a rejeição, o abandono e um certo descaso por sua figura antes mesmo de seu nascimento. A avó materna a presenteava com roupas azuis, de menino, o que aborrecia a mãe da menina, e usava a desculpa de que havia "mandado bordar com grande antecedência, porque os Assumpção só fazem filho homem" (BUARQUE, 2009,

p. 64). Por esse motivo, Matilde nunca levava a criança para visitar a sogra, “esperava que a avó viesse, e nas poucas vezes que ela veio, Matilde lhe mostrava a Eulalinha pelada” (BUARQUE, 2009, p. 64), numa atitude de reforçar que se tratava mesmo de uma menina. Como mencionamos anteriormente, a família dos Assumpção é constituída por uma sucessão de Eulálrios: tataravô, bisavô, avô, filho... até o nascimento de Maria Eulália, o que é visto como um erro. O próprio Eulálio vai afirmar o seguinte no capítulo dezenove: “Quem sabe Maria Eulália não se culpava até mesmo por ter nascido menina, julgando que eu contava com um herdeiro. Mas ainda que assim fosse, ela já me havia recompensado com o Eulalinho, que virou um filho para mim.” (BUARQUE, 2009, p. 125). O narrador questiona se a filha não estaria se culpando por ser mulher, mas ele mesmo apresenta um tipo de recompensa para isso, que seria o neto.

O capítulo dezessete contém algumas lembranças de Eulálio sobre o tempo em que Maria Eulália era bebê. Seu colega de trabalho, Dubosc, passara a frequentar o chalé com dois outros conhecidos após a praia, interferindo na rotina da família em diferentes momentos. Matilde se mostrava alegre com a maternidade e sempre contava entusiasmada sobre cada evolução da pequena ao marido: “De noite Matilde não tocou no assunto, só fazia exultar com a filha, que começava a firmar o pescoço, me mostrou como ela já sustentava a cabecinha. Eu olhava a areia nas juntas do assoalho...” (BUARQUE, 2009, p. 111). Eulálio, por sua vez, não demonstrava muito interesse e até se incomodava com a presença da criança, parecia que a pequena Maria Eulália era filha de Matilde somente: “Mas Matilde quase não participa das nossas conversações, e ainda costuma trazer a Eulalinha à mesa de almoço, para meu desconforto.” (BUARQUE, 2009, p. 109).

No capítulo quinze, Eulálio começa lembrando dos primeiros tempos sem a presença de Matilde e de como o chalé, sua residência, outrora solar quando habitado por ela, havia passado a se deteriorar. Em meio a essas afirmações, dirigindo-se a Maria Eulália, diz: “Você, não vi crescer direito, você crescia nas sombras da casa assombrada [...] descuidei de acompanhá-la como nos primeiros tempos, logo que sua mãe nos deixou” (BUARQUE, 2009, p. 94), permitindo-nos entender que não dera muita atenção à pequena em sua infância. Na sequência, ele afirma que acordava inquieto frequentemente para ver o que restava de Matilde no rosto da menina, como uma busca desesperada por algo que lembrasse a esposa e ocupasse o vazio. Deste modo, deixava implícito que a ausência de Matilde sobrepunha a existência da filha pequena. Segundo ele, a cada dia que passava a criança apresentava menos traços da mãe: “Era como se, na calada da noite, Matilde passasse para buscar suas coisas no rosto da filha, em vez dos vestidos no armário ou dos brincos na gaveta” (BUARQUE, 2009, p. 95), Eulálio acrescenta

que, mesmo com o afeto que tinha pela menina, não saía com ela, pois todos nas redondezas sabiam que a mãe haveria partido sem deixar sequer um bilhete: “Entretanto, à parte o afeto que me ligava a você, eu não a levava a passeio por recato, **tê-la comigo parecia uma desnaturação**”. (BUARQUE, 2009, p. 95 - grifo meu). Neste trecho, mais uma vez, fica evidente que a sua preocupação maior não era a menina. O leitor atento pode perceber que a atitude de Eulálio, deixando de ter momentos alegres com a filha e ocultando-a em casa por vergonha da opinião pública, seria desnaturação maior.

A avó, Maria Violeta, que até o momento não mostrara apreço pela neta, após a morte de Matilde e, especialmente com a mudança nas feições da criança, demonstrou certo orgulho, ainda usando um tom de desdém: “Até a minha mãe que não era de dar muita atenção, se impressionou de ver como você se transfigurava. A menina está mesmo enfeitando, disse mamãe com vaidade distraída, pois você mais e mais se assemelhava a ela própria.” (BUARQUE, 2009, p. 95). Neste trecho nos perguntamos se a criança se “enfeitara” porque passava a se parecer com a avó ou porque seus traços se distanciavam das características físicas da mãe? Devemos lembrar que a figura de Matilde, desde o início de sua relação com Eulálio, despertava comentários depreciativos da sogra, fossem sobre seu tom de pele, as roupas que vestia e etc.

Eulálio levou anos para contar a verdade sobre a morte de Matilde para a filha, e deixou que ela acreditasse em uma história falsa sobre a morte da mãe, na qual a mulher teria morrido de eclâmpsia durante o parto. A menina contava e recontava a história acrescentando pormenores a seu gosto. Teve que lidar com a falta da mãe sem qualquer atenção ou suporte psicológico por muito tempo e, de certo modo, com a presença ausente do pai. Poucas páginas adiante, em meio a lembranças sobrepostas - dos tempos em que se distraía com revistas para sanar a ausência corpórea de Matilde (após sua morte) e também sobre a época em que a conheceu e se dirigia até o saguão da escola para buscá-la - Eulálio comenta que se assustou com a entrada da filha aos prantos em seu quarto:

Daí meu susto quando você entrou sem bater no meu quarto esfumado, blusa branca e saia azul-marinho, eu **não me lembrava de tê-la visto antes com o uniforme do Sacré-Couer**. Pulou sobre o meu estômago e me abraçou chorando, porque espalharam na escola que você era filha de uma mendiga [...] E soluçava sem parar porque tinha virado motivo de zombaria, disseram até que foi achada pelas irmãs de caridade numa lata de lixo. Recompus-me, recolhi as revistas e falei, ora, ora, minha filha, ora, ora, eu não sabia o que falar (BUARQUE, 2009, p. 96 - 97 - grifo meu).

Logo após, sente remorso por não ter feito a vontade da esposa, providenciando um álbum de família dos três. Porém, ainda que não existisse um registro fotográfico, passar tempo

de qualidade com a filha, retomando pormenores do passado e explicando sobre quem realmente fora Matilde evitaria tais sofrimentos à menina. Mesmo em um momento de desamparo da criança, Eulálio não sabia o que falar e, mais que isso, se tal situação não o despertasse para a realidade, é provável que mais anos passariam sem que ele se desse conta do crescimento dela e da atenção que demandava, aluna do terceiro ano primário e o pai afirmava não se recordar de tê-la visto com o uniforme escolar ainda. Fato é que essa necessidade de afeto e cuidado paternal ficou em aberto ao longo de toda a vida de Maria Eulália.

A madre superiora do Sacré-Couer “observara na hora do recreio certa timidez, para não dizer um temperamento misantrópico” (BUARQUE, 2009, p. 99) em Maria Eulália. O pai fora ao colégio com o intuito de buscar uma foto de Matilde em sua época de colegial para mostrar à filha, porém não encontraram e tampouco se lembravam da passagem da moça pela instituição.

Grande parte das observações, recordações e julgamentos do narrador sobre Maria Eulália não são positivos. No capítulo 2, após a confusão mental que motivou sua dificuldade em perceber que a filha não era uma enfermeira do hospital, Eulálio diz: “Aquela que veio me ver, ninguém acredita, é minha filha. Ficou **torta assim e destrambelhada** por causa do filho. Ou neto, agora não sei direito se o rapaz era meu neto ou tataraneto ou o quê.” (BUARQUE, 2009, p. 14 - grifo meu). No presente da narração, Eulálio sempre demonstra irritação com a postura da filha, como se entendesse que ela é quem tem problemas de memória ou entendimento das coisas. Ele afirma também que foi internado contra a sua vontade por ela:

O resto são bagatelas de que não me ocupo, aliás não pedi para estar aqui, quem me internou foi a minha filha. Convênio médico não é assunto meu, e se não estiver quite, por favor dirija-se à dona Maria Eulália. Para efeito de contabilidade, quem paga minhas despesas é o meu tataraneto, Eulálio d'Assumpção Palumba Neto [...] Disparates quem fala é a minha filha, que tem oitenta anos e olhe lá. O garotão viaja para não sei onde, anda com malas cheias de dinheiro, e ela diz, este sim é um legítimo Assumpção. Mas o dinheiro dos Assumpção sempre foi limpo, era dinheiro de quem não precisa de dinheiro (BUARQUE, 2009, p. 78 - 79).

Segundo ele, Maria Eulália é destrambelhada, mas o seu próprio discurso o coloca na mesma condição, em um momento diz não saber quem paga as despesas do hospital - se neto, bisneto, tataraneto - e mais adiante se recorda corretamente do nome do tataraneto que paga a internação, e mais, com dinheiro que considera “sujo”, pois seria proveniente da venda de entorpecentes. Para Eulálio, a filha diz absurdos porque se orgulha do trineto com alta remuneração e acredita que ele seja um verdadeiro Assumpção, mas não seria ele, Eulálio, também “destrambelhado” ao entender que o dinheiro dos Assumpção era limpo ou digno,

considerando que teve ancestrais escravistas? “Não sei se alguma vez lhe contei que meu bisavô foi feito barão por dom Pedro I, pagava altos tributos à Coroa pelo **comércio de mão-de-obra de Moçambique.**” (BUARQUE, 2009, p. 79 - grifo meu). Esse comércio de mão de obra, nada mais seria que o tráfico negreiro. Partindo deste pressuposto, condenar Maria Eulália enquanto se vangloriava por seus antepassados era ilógico, e mais que isso, demonstrava um ponto de vista deturpado e motivado por uma diferenciação entre os gêneros. Quando se tratava de uma mulher os adjetivos usados eram depreciativos, como “destrambelhada” ou “torta”, no entanto, quando se referia aos homens da família que cometeram erros gravíssimos no passado, transformava a narração de seus feitos em atos de heroísmo e maestria, basta retomar o trecho onde diz “Meu avô foi um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical, queria mandar todos os pretos de volta para a África, mas não deu certo. Seus próprios escravos depois de alforriados, escolheram permanecer nas propriedades dele.” (BUARQUE, 2009, p. 15). Sabemos que seu avô não queria fazer caridade enviando aquelas pessoas para o continente africano e que nenhum ex-escravizado ficaria feliz trabalhando para o antigo senhor se tivesse outra escolha, ainda assim, Eulálio retrata a atitude do avô como um ato glorioso de caridade.

No momentos em que se lembra da adolescência da filha, a recrimina por querer ter uma vida similar às colegas da escola:

Já na adolescência considerava meio jeca isso de casa com quintal, invejava as colegas que se mudavam para os edificios modernos do bairro, com fachada de mármore em art déco. E inclusive eu acho muito macabro, dizia ela, morar em casa onde mamãe morreu. Para mim era sempre um choque ouvi-la falar assim, embora eu mesmo tenha inventado que sua mãe morrera em nosso leito ao lhe dar a vida. (BUARQUE, 2009, p. 120 - 121).

Novamente, no julgamento que tece sobre a Maria Eulália, esquece de suas atitudes enquanto rapazote inconsequente ou quando a esposa era viva e fazia questão de contar a ela sobre os navios onde viajara, mostrando o valor que atribuía ao luxo e o conforto. Em síntese, era um jovem com tendências similares e, ao contrário da filha, que fora praticamente abandonada por um pai com o qual vivia diariamente, sem qualquer direcionamento, ele tivera a presença do comendador - que o ensinara a ser prepotente, além de outros vícios e falhas de caráter - e a mãe que o mimava e chegou a lhe dar mesada após o casamento.

Ao citar o início da relação de Maria Eulália e Amerigo Palumba, em comparação com as outras moças da escola, Eulálio a apresenta como desinteressante, digna de pena e a última que seria escolhida por um rapaz cobiçado na região. Diz o seguinte:

E a saída da escola era uma festa para suas colegas de último ano, que desfilavam de salto alto no saguão diante de namorados e pretendentes. Mas destes o mais cobiçado, por ser homem-feito, amigo de marqueses e sócio de banqueiros, foi atraído inexplicavelmente pela menina que saía de cabeça baixa, esgueirando-se rente às paredes. Amerigo Palumba passou a trazer Maria Eulália em casa de conversível, citava poetas italianos... (BUARQUE, 2009, p. 121 - 122).

O que descobrimos como leitores, antes mesmo de acessar essa passagem no capítulo 18, é que Amerigo Palumba não possuía reais atributos para ser considerado um bom partido, pois seu intuito ao se aproximar de Maria Eulália era usufruir do dinheiro que poderia conseguir negociando os bens da família da moça.

Na segunda página da narração aparece o seguinte: “Os dinamarqueses me compraram o casarão a preço de banana, por causa das trapalhadas do meu genro” (BUARQUE, 2009, p. 6). Porém, ao contrário do que poderíamos entender como uma falha ocorrida por descuido, engano ou desconhecimento, veremos mais a frente que Amerigo Palumba era um oportunista que agiu de forma deliberada até atingir seus objetivos. Enganou a esposa e o sogro, em seguida desapareceu.

Com um ar de desinteressado e demonstrando boa vontade em auxiliar, Palumba se aproximou cada vez mais e chegou a levar bebida ao sogro à noite para convencê-lo a negociar suas propriedades, mesmo que ele não estivesse em sua capacidade plena de raciocínio, aparentemente fazendo um agrado trivial, o que encontramos na seguinte passagem:

Quem me chamou a atenção para o esbulho foi meu genro, que desejou conhecer a antiga propriedade onde Maria Eulália por um fio não veio à luz. Confesso que, para mim, era um pouco melancólico ver as ruínas da sede colonial, a capela em esqueleto [...] uma lufada de vento, talvez proveniente dos lados da fábrica de celulose, nos trouxe um odor sulfuroso que provocou ânsias na minha filha grávida. Mas se a fazenda estava prejudicada para a lavoura e o lazer, seus duzentos alqueires seriam cruciais para o traçado da rodovia. Isso a perícia não levava devidamente em conta, segundo me foi dito no suntuoso escritório de advocacia contratado por Palumba. Antes de me trair a confiança, meu genro dava mostras de um tino comercial que, devo reconhecer, nunca foi meu forte. Tivemos alguns colóquios no meu chalé em Copacabana, onde ele me visitava à noite, trazendo uma garrafa de uísque em estojo acetinado. Dizia representar grupos financeiros internacionais, responsáveis por vultuosos investimentos em fundos de construção na Europa." (BUARQUE, 2009, p. 79 - 80).

Mesmo sabendo que a filha fora enganada, Eulálio não demonstra compaixão por ela em sua narração, optando por criticá-la sempre. No capítulo 7, afirma que em Maria Violeta, sua mãe, a desgraça não caía mal, por isso os trajes pretos eram adequados pra ela. Em Maria Eulália, da mesma forma, o colorido não caía bem e desde cedo sentia pena, pois a jovem, aos seus olhos, errava a mão na maquiagem. Aparentemente, entendia que a alegria também não combinava com a moça:

Você nunca me convenceu em seus dias de glória, cabelos ao vento no Bentley esporte do seu namorado. Ficou irreconhecível vestida de noiva, ou de pilequinho na recepção do Jockey Club, parecia fora de si a me acenar do convés do Conte Grande, de óculos escuros e luvas vermelhas. Da lua-de-mel voltou esfuziante [...] E eu me esforçava para partilhar os seus deslumbramentos... (BUARQUE, 2009, p. 36 - 37).

Eulálio se sentia incomodado que a filha apoiasse o marido nas tentativas de convencimento para seguir com a venda dos imóveis, o que é compreensível, porém nem ela mesma previa que estava auxiliando um farsante. O desfecho já fora anunciado, Amerigo Palumba foge com o dinheiro da negociação: “Mas apenas vendido o casarão, o carcamano escapuliu com o butim, e Maria Eulália se recusou a crer que fora descartada de maneira tão vil.” (BUARQUE, 2009, p. 122).

No presente, em sua conversa presumivelmente ilusória com a enfermeira, Eulálio alega que já avisou aos seus advogados para que ela não fique desamparada, porém Maria Eulália não sabia dos recursos que ele ainda teria, pois “se soubesse já os teria torrado como torrou o casarão, o chalé, os imóveis todos, até o jazigo da família ela passou nos cobres” (BUARQUE, 2009, p. 120). Além disso, afirma que não deixaria nada para a filha que o internou à força. Importa-nos lembrar que foi Amerigo Palumba quem ficou com o dinheiro da venda do casarão, não Maria Eulália, ou seja, a filha está recebendo a culpa por um erro de seu ex-marido, o que reforça, dentro do discurso do narrador, a visão negativa que expõe sobre a filha.

Talvez o colorido realmente não combinasse com Maria Eulália, pois as amarguras da vida se sobressaíam e praticamente definiram sua existência. Perdeu a mãe, a única que festejava seu nascimento e destinava afeto constantemente. Não recebeu a atenção necessária do pai e o afeto que ele dizia ter. Casou-se com um homem que se interessava apenas nas propriedades de sua família e, assim que alcançou seus objetivos, a deixou para trás com o filho.

No capítulo 20, Eulálio comenta que não gostava muito da ideia de morar em um apartamento, mas acabou se rendendo devido às comodidades. Segundo ele, o edifício tinha classe, o hall de entrada era bonito, os vizinhos bastante discretos e os porteiros limpos. Tudo aquilo configurava um ambiente seletos aos seus olhos, porém uma situação lhe causara estranhamento: “[...] entrar comigo no elevador um grandalhão com cara de nortista, nariz chato, pele grossa. Indiquei-lhe o elevador de serviço, mas ele me deu as costas e apertou o botão do meu oitavo andar.” (BUARQUE, 2009, p. 142). Na sequência, Maria Eulália riu do acontecido, afirmando que seu pai seria, muito provavelmente, a única pessoa do Rio de Janeiro que não conhecia o Xerxes. Até seu neto teria uma figurinha do veterano jogador do Fluminense Football Club. Neste trecho, Eulálio se lembra que não morava mais em Copacabana há bastante

tempo, mas sim na Tijuca. Pensando em dar mais privacidade para a filha, trocou o antigo apartamento por dois menores naquele bairro, com as janelas voltadas para o Maracanã. Em seguida, Xerxes afirma que passariam a estar mais próximos do trabalho dele, porém Eulálio acrescenta que Xerxes estava afastado do trabalho devido a uma lesão no joelho: "Pareceu-me de fato um tanto acima do peso, tinha o rosto inchado, mas se dizia ansioso por voltar aos treinamentos [...] mas para a Copa de 58 estava certo de ser convocado" (BUARQUE, 2009, p. 142). Depois disso, passamos a notar, por meio da narração de Eulálio, que Xerxes estaria se aproveitando da boa vontade de Maria Eulália e, além de morar no apartamento dela, com seus galanteios, fazia com que ela gastasse seu dinheiro com roupas e sapatos novos para ele constantemente, como no trecho a seguir: "Enquanto isso saía com minha filha toda noite, ela de batom vermelho e ele sempre nos trinques, cada semana Maria Eulália lhe comprava uma gravata, uns mocassins, um terno de gabardine." (BUARQUE, 2009, p. 142 - 143). Neste momento, importa-nos lembrar que Maria Eulália fora enganada décadas antes por seu primeiro marido, e estaria, aparentemente, numa relação semelhante. Porém perceberemos, no prosseguimento da narração, que a situação iria piorar, e muito:

Em Copacabana já me torciam o nariz, por dar guarida a um jogador de futebol meio caboclo, ademais eu recebia seguidas queixas do condomínio contra gritarias noturnas no meu apartamento. Porque o Xerxes, quando bebia, costumava bater na minha filha, mas em bairros mais populares cenas do gênero são corriqueiras, não escandalizam ninguém. Nessas noites turbulentas o Eulálio vinha ter comigo, e eu havia mesmo separado o outro quarto para ele, que estava grande para dormir na minha cama. Faltou-me prever que Maria Eulália também acabaria por se juntar a nós, depois que o Xerxes por pouco não lhe abriu a garganta com uma navalha. Aquele cangaceiro continuou morando porta a porta conosco, acolhia criaturas no apartamento de Maria Eulália para noitadas de aguardente, boleros e pancadaria. E quando viu chegar o oficial de justiça com a ordem de despejo, reagiu à bala. Só consentiu em entregar as chaves mediante recebimento de metade do valor do imóvel, que a minha filha vendeu para cobrir um rombo na conta bancária. (BUARQUE, 2009, p. 143 - 144).

O que nos escandaliza como leitores, considerando o passado difícil de Maria Eulália com Amerigo Palumba, é que Xerxes, além de se aproveitar da boa vontade da mulher para conseguir roupas novas, passou a bater nela. Não bastasse isso, mesmo na presença do oficial de justiça foi agressivo, se recusando a sair do apartamento. A personagem de Maria Eulália representa centenas de mulheres brasileiras em diferentes aspectos: foi enganada duas vezes por homens que ficaram com seu dinheiro e seus bens; abandonada pelo marido, se tornou mãe solo e cuidou sozinha de seu filho e, o pior de tudo, sofreu agressões físicas.

Duas coisas nos chamam a atenção, Eulálio afirma que "em bairros mais populares cenas do gênero são corriqueiras, não escandalizam ninguém", ou seja, ninguém achava estranho que

uma mulher apanhasse do companheiro ou se movia para socorrê-la. Outro fato que nos ocorre é que em nenhum momento Maria Eulália mencionou denunciar as agressões físicas que sofria para a polícia. Nem mesmo seu pai o fizera. Parecia comum para ele receber o neto nas noites em que Maria Eulália apanhava de Xerxes. A história de Maria Eulália nos faz lembrar de uma grande cantora brasileira, que também foi casada com um jogador famoso que a agredia. Seu nome é Elza Soares. Muito conhecida por sua canção “A carne”, de 2002, que ganhou um tipo de atualização com o lançamento de “Não tá mais de graça”, em 2019. A vida de Elza foi constituída por uma sucessão de sofrimentos. Na década de 1960, casou-se com Garrincha que, assim como Xerxes, jogava futebol e batia nela. Uma contribuição marcante de Elza Soares para as mulheres brasileiras foi o lançamento de sua versão para a canção “Maria de Vila Matilde”, na qual o eu lírico é uma mulher que sofria violência física do marido e se recusa a continuar na mesma situação, afirmando que vai denunciá-lo à polícia. A música é um tipo de expressão artística impressionante, pois pode chegar aos lugares mais longínquos e atingir uma infinidade de pessoas. Imaginemos como seria importante para uma mulher numa situação de violência ouvir uma canção na qual é dito o número para onde poderia ligar, caso estivesse sendo agredida:

Cadê meu celular?
Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome
E explicar meu endereço
Aqui você não entra mais
Eu digo que não te conheço
E joga água fervendo
Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
E, apontando pra você
Eu grito: péguix...
Eu quero ver
Você pular, você correr
Na frente dos vizinhos
Cê vai se arrepende de levantar a mão pra mim

A versão de Elza Soares foi lançada em 2015 e a composição é de Douglas Germano. Esta música serve como motivação e alerta para mulheres que sofrem e, muitas vezes acreditam ser culpadas de tais violências e não veem saída ou possibilidade mudança, deixando de denunciar seus agressores, assim como Maria Eulália.

A advogada criminalista e especialista em crimes de gênero, Fayda Belo, em seu livro *Justiça para todas: o que toda mulher deve saber para garantir seus direitos*, nos explica que muitas mulheres têm dificuldade em diferenciar o que é normal do que é crime numa relação,

seja familiar, de afeto ou mesmo profissional. Segundo ela, para entendermos melhor porque isso acontece, seria necessário fazer uma análise da história brasileira "para compreender o que gerou a normalização da violência contra a mulher na sociedade brasileira". (Belo, 2023, p. 10).

O primeiro aspecto importante seria o patriarcado, considerando que a sociedade brasileira foi fundada em bases patriarcais, possibilitando a dominação masculina que se institucionalizou. A autora afirma que:

No sistema patriarcal, o homem é tido como o líder, o cabeça, a peça central de toda a estrutura social, seja no campo cultural, familiar, político ou econômico, pois, nele, a mulher tem limitações em virtude da maternidade e da amamentação e, deste modo, não dispõe da mesma capacidade física e intelectual que os homens. Ou seja, devido à sua "natureza", a inteligência feminina alcançaria apenas temas relacionados à maternidade e aos cuidados domésticos, restando a ela o papel de cuidar dos filhos, da casa e do marido, necessitando assim de um elo mais forte para prover o lar e para a tomada de decisões: o homem [...] O lugar da mulher fica limitado ao mundo doméstico e de submissão, com suas funções dirigidas prioritariamente para a reprodução, sem que ela possa ter opinião ou vontade, devendo apenas ouvir, acatar e obedecer ao patriarca. (BELO, 2023, p. 10 - 11).

Outro aspecto que a autora reforça é que, como consequência do patriarcado, surgiram o sexismo e o machismo. O sexismo traria a ideia de que existe um lugar específico para cada gênero, impondo limites do que cada um pode ou não fazer. "É uma discriminação que coloca o sexo masculino como superior ao feminino e [...] sem sombra de dúvida, o que sustenta a desigualdade de gênero." (BELO, 2023, p. 11). Fayda Belo acrescenta que as mulheres foram socializadas pelo pensamento patriarcal para se enxergarem como pessoas inferiores aos homens e lutando pela aprovação patriarcal. O que se relaciona diretamente com a passagem de *Leite Derramado* em que Eulálio questiona se a filha se sentiria mal por ter nascido menina, mas que já o compensava por isso tendo lhe dado um neto. Como bem sabemos, até a avó da menina mandava roupas azuis de presente para demonstrar o quanto queria um neto menino e não o contrário.

Já o machismo seria a ideia de que, para um homem ser considerado "de verdade", deveria cumprir padrões de virilidade, ser o provedor da família, ser forte e mostrar-se, social e economicamente, superior à mulher, além de mantê-la na posição de subalternidade e submissão. Na sequência, a estudiosa toca na questão da violência novamente e diz:

Aqui podemos começar a entender os absurdos e elevados casos de violência contra a mulher, pois, em virtude do sexismo e do machismo, caso a mulher não se comporte como quer o homem, e resista a se submeter às suas vontades, ele se acha no direito de usar a força para demonstrar sua superioridade em relação a ela. [...] Decorrente do machismo, criou-se também a cultura do estupro, que, em resumo, é a normalização pela sociedade da violação do corpo das mulheres pelos homens e a

culpabilização da vítima pela violência sexual sofrida, exemplificadas por frases clássicas como: "Mas olha a roupa que você estava usando" [...] transferindo para a mulher toda a culpa sofrida pelo crime. (BELO, 2023, p. 13 - 15).

Na parte 2 de seu livro, intitulada "Crimes dos quais as mulheres são frequentemente vítimas", Fayda Belo apresenta diferentes tipos de crimes, dos quais, dois deles nos chamam a atenção por estarem relacionados com o que ocorre com Maria Eulália em *Leite Derramado*. O capítulo 5 trata dos crimes contra o patrimônio. Dentre eles aparece o estelionato sentimental:

Art. 171 - Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento.
[...] Também conhecido como golpe do amor, esse golpe é mais frequente do que se imagina. O homem seduz a mulher, finge querer uma relação afetiva de verdade, mas na verdade, o único objetivo é tirar dela dinheiro e bens. (BELO, 2023, p. 66 - 67).

Como sabemos, Amerigo Palumba se aproximou de Maria Eulália somente com a intenção de obter vantagens financeiras. Inclusive, levava bebida para o sogro com a finalidade de convencê-lo, fora de seu estado normal de consciência, a vender o casarão. Xerxes também conseguia vantagens como roupas, sapatos, moradia e até ficou com parte do dinheiro da venda do apartamento de Maria Eulália, que voltou a morar com o pai e seu neto por isso.

O capítulo 6 trata de crimes contra a saúde, a vida e a integridade física. Nele encontramos, dentre outros, o crime de lesão corporal, que é explicado da seguinte forma:

Art. 129. Ofender a integridade corporal ou a saúde de outrem:
Pena - detenção, de três meses a um ano.
[...]
Muitas mulheres se equivocam ao pensar que agressão física é apenas quando ficam hematomas visíveis, quando precisam ser hospitalizadas ou quando algum membro do corpo é quebrado.
Importante esclarecer que, além dessas condutas elencadas, o empurrão, a rasteira, o puxão de cabelo e até mesmo corte de cabelo também serão considerados crimes de lesão corporal... (BELO, 2023, p. 79 - 80).

Diante de todas essas informações, percebemos que, mesmo uma personagem como Maria Eulália, à qual não é atribuída grande importância ao longo da narração, é importantíssima por representar a realidade de um sem número de mulheres brasileiras e proporcionar reflexões sobre a necessidade de estarmos atentos e cientes dos diferentes tipos de crimes que passam impunes diariamente, além da necessidade de denunciar e buscar justiça.

4 A MULHER NEGRA

4.1 CORPOS NEGROS E A ESCRAVIDÃO

A trajetória das mulheres negras escravizadas em diferentes países da América representa um ciclo de dor, desumanização e exploração. Em *Mulheres, Raça e Classe* (2016), da filósofa, professora e ativista negra Angela Davis, encontramos referência a uma convenção de mulheres ocorrida em Akron, Ohio, em 1851, durante a qual Sojourner Truth, ex-escrava, abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres, realizou um discurso impactante. Em meio à zombaria e hostilidade de alguns agitadores que acreditavam na supremacia masculina. Ela propôs reflexões sobre a realidade dura das mulheres negras e escravas, colocadas à parte, mesmo em uma convenção que versava sobre os direitos das mulheres, visto que brancas e negras vivenciavam realidades totalmente diversas. Podemos destacar o seguinte trecho:

O líder dos provocadores afirmou que era ridículo que as mulheres desejassem votar, já que não podiam sequer pular uma poça ou embarcar em uma carruagem sem a ajuda de um homem. Com simplicidade persuasiva, Sojourner Truth apontou que ela mesma nunca havia sido ajudada a pular poças de lama ou a subir carruagens. “Não sou eu uma mulher?” Com uma voz que soava como “o eco do trovão”, ela disse: “Olhe para mim! Olhe para o meu braço”, e levantou a manga para revelar a “extraordinária força muscular” de seu braço. “Arrei a terra, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher?” (DAVIS, 2016, p. 70 - 71)

Ao longo deste capítulo pretendemos analisar de que maneira as mulheres negras são representadas em *Leite Derramado* (2009), considerando os reflexos de fatores históricos que contribuíram para a construção da narrativa. Sabemos que a obra ficcionaliza o passado histórico brasileiro, nos mostrando passagens que se ambientam entre os séculos XIX e XXI, durante os períodos de pré e pós-abolição da escravatura.

Antes de iniciar a análise do livro é conveniente apresentar alguns dados sobre o processo de escravidão no Brasil. Em seu artigo “África durante o comércio negreiro”, publicado no livro *Dicionário da Escravidão e Liberdade* (2018), organizado por Lília M. Schwarcz e Flávio Gomes, Roquinaldo Ferreira apresenta alguns dados importantes para que possamos compreender as dimensões do tráfico negreiro e afirma que:

Desde tempos imemoriais, muitos africanos foram vitimados por fluxos migratórios compulsórios que conectaram a África com diversas partes do mundo – o Oriente Médio, o Mediterrâneo e o oceano Índico. No entanto, nenhum teve um custo humano tão alto quanto o tráfico atlântico, que vitimou cerca de 12 milhões de pessoas entre

os séculos XVI e XIX, e disseminou violência e escravização. (FERREIRA, 2018, p. 51).

Segundo Jaime Rodrigues em seu artigo “Navio Negreiro”, o território brasileiro foi a parte do continente americano que recebeu o maior número de africanos a serem escravizados por um período de aproximadamente três séculos de atividades negreiras transatlânticas. E aqui devemos destacar que, para os escravizados, a travessia do Atlântico representou “desterro, separação da família, da comunidade, da língua, dos hábitos, da religião...” (RODRIGUES, 2018, p. 343). Essas pessoas foram tiradas à força de sua terra de origem, transportadas em condições degradantes em navios negreiros nos quais “A alimentação a bordo era escassa, não apenas em razão do mau planejamento das viagens. A quantidade de comida era deliberadamente diminuta, a fim de inviabilizar a resistência dos cativos” (RODRIGUES, p. 344 - 345). Os navios tumbeiros costumavam transportar grades números de indivíduos que, além do desconforto pela falta de espaço, conviviam com a disseminação de doenças e a falta de higiene adequada. Vários morriam durante a travessia e tinham seus corpos lançados ao mar.

No livro *Brasil: uma biografia* (2018), encontramos alguns relatos sobre a chegada dos escravos em terras brasileiras após as árduas travessias:

Por conta da viagem, eles aportavam magros e debilitados, com muitas feridas na pele: desde brotoejas até sarna. Crianças eram sempre desenhadas nas gravuras da época com a barriga inchada, consequência de vermes e desnutrição. Vários africanos sofriam de escorbuto e de oftalmia, inflamação nos olhos que se disseminava com frequência a bordo devido à falta de higiene e de sol. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 87).

Infelizmente, o sofrimento não se encerrava na chegada ao destino, pois nesse momento se iniciavam rotinas de trabalho forçado sol a sol, além dos inúmeros castigos sofridos. Tais pessoas perdiam a liberdade e o controle sobre seus próprios corpos, que passavam a ser propriedade de seus senhores. Como afirma a estudiosa Adriana Devulsky, em sociedades escravagistas se atribuía “a negros o mesmo status social das carruagens e dos cavalos” (DEVULSKY, 2021, p. 158), reforçando a situação de desumanização vivenciada por tais indivíduos.

4.2 MULHERES ESCRAVIZADAS

Quando falamos em seres humanos negros escravizados, é importante pontuar que homens e mulheres não configuram uma categoria única, pois no sistema de trabalho escravo,

as condições e experiências vivenciadas pelos diferentes sexos eram muito diversas. Em seu livro *Mulheres, Raça e Classe* (2016), Angela Davis apresenta uma análise apurada do processo de escravidão nos Estados Unidos com foco para as mulheres negras. Segundo ela, o sistema escravista definia as pessoas negras como sua propriedade. A estudiosa afirma que homens e mulheres, meninos e meninas trabalhavam na lavoura sob a condição de demonstrar sua força e produtividade, “mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas” (DAVIS, 2016, p. 19). Além do trabalho braçal nas lavouras colhendo algodão, tabaco ou cortando cana, ou mesmo o trabalho doméstico, a autora acrescenta que as mulheres negras escravizadas também eram vistas por seus proprietários como meros “instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava [...] ‘reprodutoras’ – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar.” (DAVIS, 2016, p. 19). Davis ainda destaca que, mesmo durante a gestação, tais mulheres tinham a obrigação de realizar o trabalho agrícola como também estavam sujeitas às chicotadas que os outros trabalhadores e trabalhadoras, que não estavam na mesma condição, recebiam. Segundo ela:

Nas lavouras e fazendas onde as grávidas eram tratadas com mais indulgência, isso raramente se devia a razões humanitárias. Simplesmente, os proprietários valorizavam uma criança escrava nascida com vida do mesmo modo que valorizavam bezerros ou potros recém-nascidos. (DAVIS, 2016, p. 22).

Sabemos que existem diversas diferenças nos processos de escravização do povo negro em diferentes países, e mesmo de região para região, no entanto é de conhecimento geral que o tratamento violento e os abusos sofridos por mulheres negras escravas também ocorreram no Brasil. No livro *Brasil: uma biografia*, encontramos as seguintes informações sobre o sistema escravocrata brasileiro: “a baixa fecundidade e a alta mortalidade infantil desaconselhavam a ‘criação de escravos’ como ocorria nos EUA.” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 90). No entanto, além de realizarem trabalhos semelhantes aos homens nas lavouras, as mulheres negras serviam “como instrumento de prazer, gozo e culpa no caso dos proprietários” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 93).

A miscigenação do povo brasileiro é muito romantizada, como se a mistura de raças fosse fruto do amor entre indivíduos diversos, mas o fato é que tudo isso se deu de maneira violenta, inúmeras indígenas foram abusadas sexualmente por europeus e, durante o período de escravidão no Brasil, as mulheres negras eram sistematicamente violentadas por seus senhores, muitas vezes gerando filhos bastardos. Segundo Adriana Devulsky, a miscigenação no Brasil

pode ser considerada como um “processo contraditório, violento e injusto” (DEVULSKY, 2021, p. 129).

4.3 AS PERSONAGENS NEGRAS EM *LEITE DERRAMADO*

Como se trata de uma narrativa que ficcionaliza o passado histórico brasileiro, as personagens femininas negras aparecem ocupando espaços de subserviência. A vida de tais mulheres está diretamente relacionada com o momento histórico que vivenciam, levando-as à fatalidade da escravidão, abusos, maus tratos, invisibilização, silenciamento e, nos momentos mais recentes do presente da narrativa, a ocupar espaços de pouco prestígio. É importante ressaltar que essas personagens raramente falam ao longo do texto, elas não têm voz.

Poucas mulheres negras que aparecem ao longo da narrativa são apresentadas nominalmente, ou seja, algumas são apenas citadas em meio às lembranças de Eulálio, narrador-personagem, por fazerem parte de uma situação memorada, porém sem qualquer característica ou informação que as individualize. Manteremos o foco desta análise também em algumas dessas personagens, que aparecem sem nomes, levando em consideração a importância de refletir sobre o que ocorreu com elas.

4.4 MATILDE

Quando iniciei a leitura de *Leite Derramado*, como qualquer leitor, fui criando imagens das personagens em minha cabeça. Eulálio abre o primeiro capítulo do livro num tipo de diálogo com uma moça que não sabemos quem é, em meio às suas confusões mentais (falamos aqui de um idoso que completou um século de vida), cita a primeira mulher em alguns momentos. Sendo ele neto de donos de escravos... A Matilde que vestia roupas alaranjadas e gostava de se pintar, a princípio ganhou em minha mente a forma de uma mulher com traços europeus. A narrativa nos leva a crer nisso até certo ponto. Fato é que, ao ser apresentada com suas características físicas, no capítulo 4 do livro, me deparei com uma Matilde com traços diversos dos imaginados a princípio. Eulálio afirma que conheceu a moça quando tinha seus dezessete ou dezoito anos, numa missa na igreja da Candelária. Menciona a atitude racista da mãe ao perceber seu interesse pela garota e então faz alusão a alguns traços dela, o que consta no seguinte trecho: “minha mãe, que ao me ver arrastando a asa para Matilde, de saída perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas” (BUARQUE, 2009, p. 20). A narrativa avança

e, setenta e cinco páginas adiante, no capítulo 15, o narrador-personagem volta a se referir às características físicas da mulher. Segundo ele, a filha ainda pequena do casal foi perdendo as características da mãe com os passar do tempo:

Na época, eu frequentemente amanhecia inquieto, ia acordá-la para verificar o que restava de Matilde no seu rosto. Não era loucura minha, a Balbina também notava que cada dia você perdia mais um traço da mãe, e nesse passo já perdera todo o desenho original da boca, fora o negro dos olhos e a tez acastanhada. (BUARQUE, 2009, p. 94 - 95).

Ainda em outra passagem, Eulálio acrescenta informações ao raciocínio iniciado na página vinte, como se recontasse a mesma passagem com mais detalhes. Afirma que conheceu Matilde na missa de sétimo dia de seu pai (anteriormente era apenas a missa de seu pai, sem qualquer acréscimo) e que passou a vigiá-la na escola. Mais uma vez chama a atenção para o tom de pele da moça e a compara com as outras colegas: “Também acho que lhe contei como fui vigiá-la um dia depois, toda serelepe à saída da escola, era a mais moreninha da classe.” (BUARQUE, 2009, p.96).

Com base nestas passagens podemos concluir que Matilde era uma mulher negra de pele clara, e sobre isso é importante propor algumas reflexões: o colorismo como conceito, sua presença no âmbito social ao longo da história e como isso aparece na obra de Chico Buarque.

Segundo a estudiosa Alessandra Devulsky, o colorismo se configura como um “processo social complexo ligado à formação de uma hierarquia racial baseada primordialmente na ideia de superioridade branca” (DEVULSKY, 2021, p. 30). Apresenta diversas nuances e, assim como o racismo, classifica, inferioriza, cerceia e exclui pessoas de pele negra. Na prática, a sua ação se baseia em distinguir negros de pele clara e negros de pele escura, criando níveis de superioridade entre eles e determinando papéis que possam ocupar. Entenda-se aqui que, dentro desse sistema, quanto mais clara for a pele do indivíduo negro, mais “vantagens” ou “superioridade” ele terá. No entanto, é necessário saber que, um negro de pele clara nunca deixa de ser visto e tratado como um negro, mesmo que de forma diferente de um negro retinto. É como se um negro de pele clara fosse mais aceitável dentro deste sistema racista, que um negro de pele escura. Devulsky acrescenta que “o reconhecimento de vantagens concedidas a negros de pele clara não faz deles sujeitos pertencentes aos espaços de poder tradicionalmente ocupados por brancos no Brasil.” (DEVULSKY, 2021, p. 19), o que é obviamente compreensível, porém não menos repulsivo, considerando que se trata de uma criação daqueles que se autointitularam donos do poder e até mesmo donos de outros seres humanos.

Podemos encontrar algumas representações do colorismo facilmente ao longo do texto de Chico Buarque. No capítulo 12, a “mãe” de Matilde afirma, em uma conversa com a mãe de Eulálio, que a moça não é sua filha legítima: “E um dia a gorda mãe de Matilde deixou escapar que a menina não era filha sua, mas fruto de uma aventura do deputado, lá para as bandas da Bahia [...] Deve ter outras, ela disse, o traidor deve ter outras famílias por lá.” (BUARQUE, 2009, p. 73). Durante a leitura, constata-se que Matilde era “aceita” somente porque seu pai tinha influências, mas não deixava de ser vista como mulher negra que era, o que se percebe pelo preconceito e desdém de sua sogra, que se repete algumas vezes em meio às lembranças de Eulálio:

Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta. Minha mãe era de outro século, em certa ocasião chegou a me perguntar se Matilde não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha de sete irmãs, filhas de um deputado correligionário do meu pai. (BUARQUE, 2009, p. 29 - 30).

Se faz necessário trazer à baila uma breve análise do comportamento da mãe de Eulálio, algo que certamente não se restringe a esta obra ficcional, e causa desconforto e perplexidade. A mãe de Eulálio questiona se a moça não teria “cheiro de corpo”, sem mesmo ter se aproximado dela ou conhecê-la. Sabemos que, historicamente, a figura do negro tem sido relacionada a toda sorte de coisas ruins (preguiça, malandragem, criminalidade, sexualidade exacerbada, animalidade). É um tipo de fofoca repassada há séculos, na qual muitos acreditam e repetem sem comprovação, sem questionar. Ao tratar do racismo recreativo nos meios de comunicação, o professor Adilson Moreira afirma o seguinte:

Essas representações variam de acordo com o sexo. Homens negros são sempre imaginados como pessoas avessas ao trabalho, com especial disposição para a bebida [...]. Mulheres negras são também retratadas como sujeitos excessivamente sexualizados e infantilizados. (MOREIRA, 2019, p. 100).

Em seu livro *Colorismo* (2021), Alessandra Devulsky afirma que “Instituições e até o próprio Estado, promoveram durante séculos uma associação da cultura negra à pobreza, ao incivilizado e ao íncio [...] maneira pela qual compreendemos a condição negra, inferiorizada e subjugada ao branco” (DEVULSKY, 2021, p. 27). Fato é que tais associações são injustas e ilógicas, e provas de que o preconceito é algo irracional e absurdo. No livro *Brasil: uma biografia*, de Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling, encontramos a seguinte informação:

Dado coerente com o regime de privações a que obedecia o cotidiano de trabalho dos escravos, a vestimenta a eles fornecida era exígua. Registros da época mencionam que os cativos andavam quase nus, ficando muito suscetíveis às mudanças de clima. Homens normalmente traziam o peito descoberto e portavam ceroulas que iam até abaixo dos joelhos. Para conter o suor da testa, punham faixas ou lenços na cabeça. As mulheres vestiam trajes mais completos – saia, anágua, blusa e corpete -, a despeito de hoje se achar que esse tipo de roupa era mais usado na ocasião da venda ou em festas. Em geral, as vestimentas eram feitas de “pano da serra”, um tecido grosseiro de fio cru que, com o uso diário, raspava a pele, e distribuídas no máximo duas vezes por ano: nos períodos da moagem e do corte da cana.” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 94).

Somente com o trecho acima, podemos chegar a algumas conclusões: se os negros escravizados recebiam poucas mudas de roupas novas para o trabalho anual e, certamente, não dispunham de sabonetes cheirosos, desodorantes, antitranspirantes, etc. (lembramos aqui que eles eram tratados como coisas e tinham uma jornada árdua de trabalho), seria humanamente possível cobrar que todos estivessem sempre aseados e com odor de flores? Convenhamos, não é algo que faça qualquer sentido, já que é normal do ser humano transpirar. Inclusive, se mãe de Eulálio fosse trabalhar na roça por um dia, sem trocar de roupa ou usar desodorantes, ou ainda, trajando uma vestimenta inadequada para a atividade em questão e a temperatura, terminaria a jornada com cheiro de corpo, como qualquer outro ser humano.

Para completar o raciocínio, podemos usar um outro trecho de *Brasil: uma biografia* e deixar mais clara a questão: “O calor das chamas, aliado ao calor do Nordeste, a falta de alimentação, os maus-tratos, a faina do dia inteiro, faziam do trabalho no engenho uma espécie de ‘inferno’ na Terra.” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 96).

Voltando ao colorismo ao longo da história, é importante mencionar que “Uma espécie de competição entre pessoas negras de pele clara e de pele escura foi estimulada pelos proprietários de escravos” (DEVULSKY, 2021, p. 19), algo que continuou após a abolição da escravatura, considerando as “vantagens” concedidas aos mestiços que mencionamos anteriormente. Abdias Nascimento nos traz um exemplo disso em seu artigo “O branqueamento da raça: uma estratégia de genocídio” e afirma:

Situado no meio do caminho entre a casa grande a senzala, o mulato prestou serviços importantes à classe dominante. Durante a escravidão, ele foi capitão-do-mato, feitor e usado noutras tarefas de confiança dos senhores, e, mais recentemente, o erigiram como símbolo da nossa “democracia racial”. Nele se concentraram as esperanças de conjurar a “ameaça racial” representada pelos africanos. E estabelecendo o tipo mulato como o primeiro degrau na escala da branquificação sistemática do povo brasileiro, ele é o marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil. (NASCIMENTO, ANO, p. 83).

O autor segue dizendo que, a despeito das “vantagens”, os negros provenientes da mestiçagem não deixavam de ser tratados com desprezo ou de serem discriminados. Podemos depreender ainda que o colorismo acabava criando ódios e conflitos entre negros de diferentes tonalidades. E aqui chegamos a um aspecto analisado no livro *Colorismo*. Esse sistema “é empregado por brancos sobre negros e por negros sobre negros” (DEVULSKY, 2021, p. 19), que acabam transferindo “a outrem o tratamento que eles recebem do branco” (DEVULSKY, 2021, p. 28).

Ainda podemos citar que “os mulatos, por exemplo, muitos deles filhos ilegítimos do seu senhor, eram geralmente escolhidos para as funções domésticas” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 95), ou seja, longe do trabalho exaustivo nas plantações. Outro dado valioso para compreender a distinção entre negros de pele clara e negros de pele escura é a obtenção de alforria “facilitada” aos mestiços: “não poucas vezes mulatos que exerciam funções especializadas podiam ter a esperança de um dia serem livres.” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 95).

No capítulo 4, Eulálio afirma que a sua convivência com Balbino, um jovem negro e seu amigo de infância, fez com que ele se tornasse “um adulto sem preconceitos de cor” (BUARQUE, 2009, p. 20), afirmação no mínimo contraditória. Fato é que tudo o que poderia conectar Matilde ao povo negro era claramente motivo de aborrecimento para ele, como se a mulher pudesse ser sua esposa, como negra de pele clara que era, desde que não deixasse nenhum outro traço de negritude perceptível, como algo que deveria ser ocultado ou limpo.

Interessa-nos saber que, para compreender o racismo, é necessário contemplar a trajetória do povo negro historicamente no Brasil. O estudioso Silvio Almeida explica que o racismo está presente na organização social brasileira, a qual foi construída para impedir a presença e a participação dos negros nos mais variados espaços. Em seu *Pequeno manual antirracista* (2019), Djamila Ribeiro no diz o seguinte: "O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo." (RIBEIRO, 2019, p. 12).

Outro aspecto importante a ser ressaltado é que, a despeito das teorias biologizantes elaboradas no século XIX, defendidas por figuras como Nina Rodrigues (racismo científico nada científico), que tinham também a finalidade de justificar a subjugação dos negros, criou-se uma falsa teoria, o mito da democracia racial, que acaba sendo um descaso com todo o sofrimento desse grupo de pessoas. Fortalecido em certa medida pelo conhecido livro *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e presente no imaginário de grande parte dos brasileiros, institui que no Brasil não existe racismo e que há uma convivência harmônica entre negros e

brancos, omitindo os horrores da escravidão, a situação atual de desigualdade social e usando como justificativa a miscigenação do povo brasileiro. Beatriz Nascimento, no artigo “Nossa democracia racial”, publicado originalmente em 1977, explica:

Grande ideólogo, a quem se atribuiu o termo “democracia racial”, Gilberto Freyre, em recentes pronunciamentos, vangloriava-se de que o Brasil fica cada vez mais moreninho. Cabe a ele não só a obra pioneira desse tipo de ideologia como grande parte da crença na tolerância racial brasileira. Sua obra influencia sobretudo estudos científicos, notadamente de cientistas estrangeiros, como Frank Tannenbaum, que garante, baseado em Freyre, que no período da escravidão no Brasil os senhores reconheciam a “pessoa moral” do escravo; ou seja, o Brasil, diferentemente dos Estados Unidos, possui uma tradição de valorização da humanidade do negro. O ponto alto desse comportamento seria o respeito aos direitos civis dos negros após a abolição, o que não sucedeu com os negros norte-americanos. (NASCIMENTO, 2021, p. 64).

Quando Eulálio afirma que a sua amizade com Balbino o tornou livre de preconceitos, acaba remetendo a essa ideia absurda do mito da democracia racial. Esta atitude se assemelha com as empresas que admitem um único funcionário negro em seu quadro para afirmar que é um ambiente livre de racismo, ou ainda àqueles comerciais de televisão que, em meio a um sem número de pessoas brancas, aparece um negro e um asiático.

Algumas passagens do livro podem nos auxiliar a compreender bem que o discurso de Eulálio não condiz com o seu comportamento. Evocaremos novamente um trecho do romance, antes mencionado, com o propósito de ilustrar outro aspecto. No capítulo 11, após um jantar na casa de sua mãe, Eulálio e a esposa encontram Dubosc, um colega de trabalho dele, em um salão de danças. Matilde parecia animada. O narrador-personagem comenta que, em certo momento, a orquestra tocou uma música que escutou algumas vezes, de longe, vindo da vitrola de sua esposa. Eis que Dubosc diz: “Le Maxixe! [...] é magnífico e ritmo dos negros!” (BUARQUE, 2009, p. 65). Na sequência, o francês pede ao casal de amigos que dançam para que ele veja, mas Eulálio afirma que só sabia dançar valsa. Diz ainda que seria uma honra que Dubosc tirasse sua esposa para dançar. Enquanto observa Matilde e Dubosc na pista, Eulálio afirma: “Era uma coreografia precisa, e me admirou que minha mulher conhecesse aqueles passos.” (BUARQUE, 2009, p. 65). Naquele instante, o homem começa a achar tudo deselegante, o lugar, as pessoas e a dança de Matilde com seu colega: “A orquestra não dava pausa, a música era repetitiva, a dança se revelou vulgar, pela primeira vez julguei meio vulgar a mulher com quem eu tinha me casado” (BUARQUE, 2009, p. 66). Ao chegar em casa, ele se aborrece com o hábito da esposa de ir à cozinha, local frequentado pelos criados: “mal entramos em casa foi para a cozinha, tinha mania de ir para a cozinha. Volta e meia levava a criança à cozinha, dava conversa às empregadas, era vezeira em almoçar ali com a babá” (BUARQUE,

2009, p. 66). Talvez Eulálio acreditasse inconscientemente (ou conscientemente) que Matilde, assim como a mãe dele, devesse ter um comportamento soberbo e desdenhoso com os empregados. Podemos usar uma passagem do primeiro capítulo como exemplo:

Lá em casa como em todas as boas casas, na presença de empregados os assuntos de família se tratavam em francês, se bem que, para mamãe, até me pedir o saleiro era assunto de família. E além do mais ela falava por metáforas, porque naquele tempo qualquer enfermeirinha tinha rudimentos de francês. (BUARQUE, 2009, p. 7 - 8)

O advogado e filósofo Silvio Almeida, em *Racismo Estrutural* (2019), faz um panorama da noção de "raça" desde meados do século XVI. Ele afirma que tal conceito não é estático e que sempre envolve conflitos, poder e decisões: "a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas." (ALMEIDA, 2019, p. 24 - 25). O autor nos explica que o projeto iluminista do século XVIII propôs um saber filosófico que tinha o homem como foco principal. Segundo ele:

A novidade do iluminismo é o conhecimento que se funda na observação do homem em suas múltiplas facetas [...] Do ponto de vista intelectual, o iluminismo constituiu as ferramentas que tornariam possível a "comparação" e, posteriormente, a "classificação", dos mais diferentes grupos humanos com base nas características **físicas e culturais** (grifo meu). Surge então a distinção filosófico-antropológica entre "civilizado" e "selvagem", que no século seguinte daria lugar para o dístico "civilizado" e "primitivo". (ALMEIDA, 2019, p. 26).

O estudioso chama a atenção para o fato de que os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade pregados na Revolução Francesa foram extremamente contraditórios, considerando que os franceses, assim como outros povos europeus, colonizaram regiões num "processo de destruição e morte, de espoliação e aviltamento" (ALMEIDA, 2019, p. 27), subjugando outros seres humanos considerados "inferiores", e ressalta ainda que, com a expansão comercial burguesa, surgiu um tipo de ideal filosófico que transformou o europeu em "homem universal". Aqui podemos destacar duas questões importantes para analisar a representação das personagens negras no livro de Chico Buarque: o tratamento desprezível conferido àqueles que eram diferentes do modelo eurocêntrico e a categorização das raças que considera características físicas e culturais. Matilde era uma mulher negra de pele clara, o que não impediu que Eulálio se sentisse atraído por ela desde a sua juventude, porém, ao perceber que os costumes, gostos, conhecimentos e modos de agir da esposa se afastavam do que ele entendia como correto e civilizado, passou a sentir incômodo e ojeriza. Deste modo, concluímos que, tanto as características físicas (fenotípicas) quanto as culturais, que constituem os indivíduos negros, são levadas em consideração para estabelecer o marcador de raça e, por

consequência disso, os tratamentos preconceituosos. É importante pontuar que o branco não é um indivíduo marcado. Em entrevista à escritora e teórica Grada Kilomba, Djamila Ribeiro pontua que “O indivíduo branco não se racializa, geralmente se coloca como universal” e pergunta para Grada o que poderia ser feito para que o branco entenda que esse comportamento é também político. Grada Kilomba esclarece: “As pessoas brancas não se veem como brancas, se veem como pessoas. E é exatamente esta equação: ‘Sou branca e por isso sou uma pessoa’. Esse ser é a norma, que mantém a estrutura colonial e o racismo. Essa centralidade do homem branco não é marcada...” (KILOMBA, 2018, p. 111). Alessandra Devulsky, em confluência com os apontamentos de Grada Kilomba, explica que “ser branco é ser a norma, posto que estar imbuído da identidade negra significa estar constituído de um ou de vários elementos desviantes daquilo que é normal.” (DEVULSKY, 2020, p. 38).

No artigo “O embranquecimento cultural: outra estratégia de genocídio”, Abdias Nascimento, ao se referir ao racismo no Brasil, afirma:

Não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o *apartheid* da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais do governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. Da classificação grosseira dos negros como selvagens e inferiores, ao enaltecimento das virtudes da mistura de sangue como tentativa de erradicação da “mancha negra”; da operatividade do “sincretismo” religioso [...] A palavra senha desse imperialismo da brancura [...] responde a apelidos bastardos como *assimilação*, *aculturação*, *miscigenação*; mas sabemos que embaixo da superfície teórica permanece intocada a crença na inferioridade do africano e seus descendentes. (NASCIMENTO, 2016, p. 111).

Matilde é uma descendente de africanos e, como podemos perceber durante a leitura do texto de Chico Buarque, além de sua “tez acastanhada”, guarda consigo alguns costumes e gostos que a aproximam de seu povo. Abdias Nascimento menciona as expressões “assimilação”, “aculturação” e “miscigenação”, das quais podemos localizar representações ao longo da narrativa:

A) Miscigenação

Matilde é filha da mestiçagem. Ela é fruto de uma relação furtiva de seu pai com uma mulher negra na Bahia, sendo ele já casado. Aqui podemos lembrar de um trecho do poema “Eles voltavam para as suas casas”, de Maya Angelou, no qual o eu lírico feminino e negro afirma:

“As bocas de todos os homens me enalteciam,
eles gostavam do meu sorriso, da minha sagacidade, dos
meus quadris,
passavam uma noite, ou duas ou três.
Mas...”
(ANGELOU, 2020, p. 23)

Historicamente no Brasil, como já citamos, as mulheres negras foram vistas como “distrações” fáceis para os homens brancos, noção que encontra resquícios até hoje em nossa sociedade: Brasil, o país do carnaval, da mulata Globeleza. Como bem sinalizou Lélia Gonzales sobre o comportamento dos portugueses com relação às mulheres negras no século XVIII: “concubinação, tudo bem; mas casamento é demais.” (GONZALEZ, 2019, p. 31). O pai de Matilde mantinha uma relação formal com a esposa branca, mas teve uma relação sem compromisso com a mãe biológica da moça.

É necessário pontuar que o recorte temporal da narrativa no qual Eulálio e Matilde vivem já não existe escravidão, muito embora, alguns descendentes de escravos ainda adotem comportamentos similares, o que podemos exemplificar com o silêncio de Balbina (que trataremos mais adiante), aos escravos de seu avô: “Seu ex-escravo mais chegado, o Balbino, fiel como um cão” (BUARQUE, 2009, p. 16); e seu amigo de infância Balbino: “E o filho deste, Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância [...] volta e meia lhe pedia um favor à-toa, mais para agradar ele mesmo, que era de índole prestativa.” (BUARQUE, 2009, p. 18 - 19). Porém, para as mulheres negras, ainda se destinava o descaso nos mais diferentes âmbitos de suas vidas.

B) Assimilação

Quando Eulálio espera que a moça execute uma composição de Mozart e ouve uma melodia com um título (apenas o título) que remete à cultura africana tocada ao piano por Matilde, é tomado por espanto e perplexidade, como se a moça estivesse cometendo um crime ao tocar aquelas notas, mostrando como todas as expressões relacionadas à cultura negra eram abominadas. E, ao contrário disso, o que vinha da Europa, como as canções de Mozart ou mesmo o idioma e a cultura francesa, bastante citados nas páginas do romance, em meio às lembranças de Eulálio, era visto com bons olhos e até certo arroubo.

No contexto social em que Eulálio vivia, era considerada normal a assimilação da cultura europeia em detrimento da cultura africana, ou seja, perceber como normal, avançado e inserir nos hábitos cotidianos elementos da cultura europeia.

C) Aculturação

Podemos notar que, ao contrário do que o marido esperava, Matilde seguia conectada com suas origens, ou seja, se desvincilhando da aculturação. A paixão pelos sambas que escutava na vitrola e sua desenvoltura ao dançar o maxixe nos servem como exemplos. Sabemos que os negros trazidos ao Brasil com o tráfico negreiro, muitas vezes foram impedidos de louvar suas divindades ou os cultos de suas religiões, o que acabou resultando numa espécie sincretismo religioso. Com seu comportamento, Matilde fugia dessas imposições sistemáticas, sem medo de ser quem era, mesmo causando estranhamento no marido.

No capítulo 16 do livro, encontramos outra passagem que exemplifica a noção de aculturação, mostrando como eram mal vistas as práticas religiosas de matriz africana:

Falo também pelo trato pessoal que mamãe lhes concede, os pequenos furtos que ela releva, as roupas que lhes doa ainda em bom estado. Ela faz questão de que vão todos bem vestidos à missa, e a cozinheira, que era dada à macumba, fez exorcizar na igreja da Candelária. Foram todos vacinados, exame médico só minha babá não fez, achou uma pouca-vergonha. (BUARQUE, 2009, p. 103).

MATILDE COMO OBJETO DE DESEJO

Em diferentes passagens, o leitor atento pode notar que Eulálio vê as pessoas com quem se relaciona (ou tem a intenção de se relacionar) como meios para obter sua satisfação, não como seres humanos valorosos, com sentimentos e vontades próprias. Seus desejos são a prioridade em detrimento do bem-estar e da dignidade do outro.

No capítulo 4, Eulálio comenta que a grafia correta de seu nome de família é "Assumpção" e não "Assunção". Segundo ele, "Assunção" com "N", a forma mais comum, foi o sobrenome adotado por um escravizado chamado Balbino e seus descendentes. O filho deste Balbino fora cavaleiro do senador Assumpção, e seu neto, amigo de infância de Eulálio. Balbino Assunção Neto crescera sem estudos. Depois que Eulálio iniciou o ginásio, só via o amigo nas férias. O narrador afirma que, no mês de julho, quando ia à fazenda, "volta e meia lhe pedia um favor à-toa, mais para agradar a ele mesmo, que era de índole prestativa. Às vezes também o chamava para ficar ali à disposição..." (BUARQUE, 2009, p. 19). Na sequência, em meio à sua costumeira conversa fantasiosa com a enfermeira, Eulálio vai afirmar que, durante um período, cismou que precisava ter uma relação sexual com Balbino. Na época, segundo ele, "estava com dezessete anos, talvez dezoito, o certo é que já conhecia mulher, inclusive as

francesas". (BUARQUE, 2009, p. 19). Segue dizendo que não tinha necessidade daquilo, mas do nada passou a desejar fortemente. Pedia que Balbino fosse catar mangas no alto e o rapaz obedecia: "suas passadas largas de galho em galho começaram de fato a me atizar [...] Fui tomando gosto por aquilo, não havia dia em que não mandava Balbino trepar nas mangueiras uma porção de vezes" (BUARQUE, 2009, p. 19 - 20). Acrescenta ainda que Balbino tinha um jeito feminino de se abaixar para recolher as mangas e, em sua visão, ele também queria aquela relação. Neste ponto, voltamos à noção de que Eulálio utilizava qualquer subterfúgio, sempre em função de suas vontades, o que fica explícito no trecho: "Só me faltava ousadia para a abordagem decisiva, e cheguei a ensaiar umas conversas de tradição senhorial, direito de primícias, ponderações tão acima de seu entendimento, que ele já cederia sem delongas" (BUARQUE, 2009, p. 20). Compreende-se que, para atingir o seu objetivo, Eulálio não considerava a necessidade crucial da vontade e do consentimento inequívoco do outro. Sabendo que Balbino não teve a oportunidade de estudar, além de se tratar de um descendente de serviçais da família, pretendia enganá-lo com um discurso falso.

Mais a frente, em outro ponto de sua narração, quando rememora uma tarde em que imaginava que Matilde o estaria traindo com Dubosc, numa sequência alucinada de pensamentos, chega em casa e encontra sua esposa a dançar com Balbino, ao som de um samba que tocava na vitrola:

A porta de casa estava escancarada, e na sala deparei com Matilde de maiô, dançando com o preto Balbino. Sim, o preto Balbino, eu não acreditei, mas era ele. Não reagiram ao me ver, os dois continuaram a dançar e a me olhar e a me sorrir como se nada fosse. Balbino vestia uma calça roxa muito justa, sua bunda maior que a da irmã, e ver minha mulher nos braços daquele crioulo foi para mim a pior infâmia. Ele dançava rebolando a bunda, ela ria que se ria, e o cantor com voz de maricas cantava: daí então dar-te eu irei o beijo puro da catedral do amor. A cena foi ficando insuportável, os dois não queriam parar com aquela dança nojenta, então dei um pontapé na vitrola de Matilde. O disco voou... (BUARQUE, 2009, p.115 - 116).

Essa é a segunda passagem do livro em que Eulálio se refere às calças que Balbino vestia, mostrando desagrado. No capítulo 14 se lê: "A mim ele já incomodava um bocado, porque estava sempre rindo à toa, e andava com umas calças roxas que eu nunca tinha visto homem usar" (BUARQUE, 2009, p. 84 - 85). Importa-nos perceber o que o narrador quer dizer com essa repetição. Além de configurar um aspecto comum de suas falas (contar, recontar, acrescentar), ele sempre nos mostra algo com elas, neste caso podemos destacar alguns pontos. Eulálio afirma que Balbino vestia calças roxas que nunca vira homem usar, depois acrescenta que eram muito justas. Cita também que ele dançava rebolando a bunda, que seria maior que a da própria irmã. Com estes aspectos apontados, podemos perceber que o incômodo do narrador

não está só e diretamente voltado para a calça, mas para figura que Balbino representava, sexualizada por ele tempos atrás. Outro ponto que nos chama a atenção são os adjetivos que o narrador usa para se referir a Balbino, à música e à dança na passagem da vitrola. Ao se deparar com os dois dançando ele diz: “[...] com o preto Balbino. Sim, o preto Balbino, eu não acreditei, mas era ele”. Momentos atrás ele imaginava que a mulher o traía com Dubosc. Se Eulálio entendesse a situação com a naturalidade que os dois demonstravam ao continuarem dançando no momento de sua chegada, perceberíamos que tal exclamação significaria alívio, mas não, ele ficou enfurecido. Talvez fosse mais aceitável uma traição de Matilde com Dubosc. O texto dá abertura para essa interpretação. Chama Balbino de “preto” por duas vezes e depois “crioulo”: “e ver minha mulher nos braços daquele crioulo foi para mim a pior infâmia”. A expressão “preto” não aparece, naquele momento, como um adjetivo para qualificar o tom de pele, mas para inferiorizá-lo, o que é reforçado com o “crioulo”, e finaliza por dizer que tal situação era uma infâmia, a pior. Dentro desse contexto de ódio e irracionalidade, desqualifica o cantor dizendo que sua voz é de “maricas” e a dança, “nojenta”. O samba (dançado e cantado), Balbino e Matilde estão diretamente ligados por sua origem, e tudo isso causa ojeriza em Eulálio, o mesmo que afirmava: “No entanto garanto que a convivência com Balbino fez de mim um adulto sem preconceitos de cor. Nisso não puxei ao meu pai, que só apreciava as louras e as ruivas, de preferência as sardentas. Nem à minha mãe...” (BUARQUE, 2009, p. 20). Existe uma negação por parte de Eulálio sobre suas atitudes racistas. Djamila Ribeiro, em seu livro *Pequeno manual antirracista*, explica que há uma resistência de grande parte da população brasileira em se aceitar como racista. Segundo ela, além de ser necessário compreender o racismo como uma organização que estrutura a sociedade brasileira e desprivilegia (prejudica de diversas formas) as pessoas negras e que, portanto, não está somente em ações individuais, “é necessário nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome [...] Não tenha medo das palavras ‘branco’, ‘negro’, ‘racismo’, ‘racista’”. (RIBEIRO, 2019, p. 21). Disso depreendemos que, enquanto um indivíduo negar as suas atitudes equivocadas, nunca poderá modificá-las, já que as considera normais e até mesmo corretas, ou joga um véu sobre elas para ocultá-las e seguir sem maiores incômodos. O mesmo se dá no tabu que envolve algumas expressões como “racista” e “negro”, pois, quando se evita tocar nestes assuntos e, mais que isso, estudar e refletir sobre eles, se contribui para a ignorância e consequente manutenção do status atual da sociedade e das relações. A autora ainda acrescenta alguns dados de uma pesquisa realizada pelo Datafolha para elucidar o tema:

Como diz Munanga, “eco, dentro de muitos brasileiros, uma voz muito forte que grita: ‘Não somos racistas! Racistas são os outros!’”. Eu considero essa voz uma inércia causada pelo mito da democracia racial. Um bom exemplo dessa atitude está numa pesquisa do Datafolha realizada em 1995, que mostrou que 89% dos brasileiros admitiam existir preconceito de cor no Brasil, mas 90% se identificavam como não racistas. Na época, a pesquisa foi considerada a maior sobre o tema, entrevistando 5081 pessoas maiores de dezesseis anos, em 121 cidades, de todas as unidades da federação. (RIBEIRO, 2019, p. 20 - 21).

O doutor em Direito Constitucional Comparado e professor de Direito, Adilson Moreira, em seu livro *Racismo recreativo*, explica os diferentes estereótipos negativos sobre pessoas negras, difundidos por meio de supostas brincadeiras e humor. Mesmo que não exista humor da parte de Eulálio, sua visão racista está em total acordo com o que o estudioso expõe. Duas de suas abordagens são interessantes para que possamos compreender o comportamento expresso por Eulálio. A primeira delas é sobre o carnaval no Brasil e o caso de um grupo de foliões e foliãs que se fantasiaram de pessoas negras:

Pintaram a cara de preto, vestiram perucas com cabelo crespo e acentuaram seus narizes, bocas e nádegas para se aproximarem da figura estereotipada de uma pessoa negra [...] Alguns faziam gestos tresloucados ou imitavam pessoas bêbadas para retratar homens negros, e outros assediavam homens brancos para representar a suposta sexualidade exacerbada da mulher negra. (MOREIRA, 2019, p. 18 - 19).

Outro aspecto abordado por Adilson Moreira são as personagens de programas humorísticos que representam estereótipos com seus modos e aparência. São citados Tião Macalé, Mussum, Vera Verão e Adelaide. Os três primeiros nos interessam para esta análise. Tião Macalé tinha a sua feiura destacada, pois aparecia em boa parte dos quadros sem os dentes da frente, além de seu tom de pele e traços fenotípicos exagerados serem mostrados como algo grotesco e muito distantes do ideal de beleza branco. Era a representação de um indivíduo que não poderia ser considerado bonito, um parceiro sexual aceitável ou "ocupar posições sociais de prestígio. Observamos na utilização de sua aparência características centrais do humor racista: a associação entre feiura e negritude, entre negritude e imoralidade, entre negritude e inferioridade." (MOREIRA, 2019, p. 103). Mais adiante o autor vai afirmar: "... a negritude de Tião Macalé operava como um meio para negar sua masculinidade, mas também a sua humanidade [...] Ele era retratado de forma infantilizada, como pessoa pouco inteligente, ou como a figura típica do malandro ou ladrão" (MOREIRA, 2019, p. 104). Mussum representava os estereótipos sobre pessoas negras pobres, aparecia em bares e tinha trejeitos de bêbado e malandro, enquanto as personagens brancas ao seu redor estavam sóbrias. "Ele criava estratégias para assediar mulheres brancas, para não pagar as contas dos bares nos quais bebia"

(MOREIRA, 2019, p. 105). Vera Verão, por sua vez, simbolizava a sexualidade exacerbada relacionada às pessoas negras (aos olhos dos brancos): "Vera Verão sempre era apresentada a diferentes homens em relação aos quais ela sempre fazia comentários bem diretos, demonstrando, assim, seu interesse sexual por eles [...] Em todas as situações ela se mostrava pronta para engajar em relações sexuais com homens que ela tinha acabado de conhecer" (MOREIRA, 2019, p. 108).

Assim como nos explica Adilson Moreira, mesmo que negue, Eulálio tem uma visão racista sobre Balbino (e também sobre Matilde), pois o vê de forma sexualizada, com caráter duvidoso e pouco inteligente, além de questionar sua masculinidade. Diferente do que ele entende, o racismo não está somente em se negar a conviver com pessoas negras, mas também no preconceito que se tem sobre elas, seus costumes, aparência, religião, manifestações artísticas etc. Semelhante ao que afirma Djamilia Ribeiro no trecho citado acima, o autor comenta sobre "o racismo sem racistas" e esclarece: "Esse conceito designa uma narrativa na qual os que reproduzem o racismo se recusam a reconhecer que suas ações ou omissões podem contribuir para a permanência de disparidades raciais na nossa sociedade." (MOREIRA, 2019, p. 31).

Além da raiva, rejeição ou o que fosse que o interesse sexual de Eulálio por Balbino no passado pudesse lhe causar naquele momento, também estão implícitas nessas passagens algumas ideias distorcidas do senso comum sobre o homem negro (que é diverso e plural como os demais seres humanos): ser o principal suspeito por atos ilícitos e manter condutas impróprias (neste caso, possivelmente flertar com Matilde ou apenas por dançar com ela); ser desprovido de potenciais e saberes intelectuais e, por consequência disso, poder desempenhar somente atividades braçais, que independem do raciocínio, sensibilidade etc. Até mesmo a masculinidade de Balbino é questionada, como se ele não fosse um homem de verdade devido à cor de suas calças. Uma interação de ordem amorosa entre Matilde e Balbino, aos olhos de Eulálio, seria inadmissível, considerando que para ele Balbino era uma pessoa inferior em diferentes aspectos, muito embora nada disso estivesse acontecendo na passagem em questão, os dois apenas se divertiam dançando um samba, coisa que Eulálio como marido nunca se esforçou por fazer e agradar Matilde. Em outros momentos de sua narração, Eulálio rememora situações similares, nas quais imagina e chega a crer que Matilde o traía com outros homens sem que isso de fato tivesse ocorrido. O caráter, a inteligência e o valor de Balbino são contestados, sendo percebido com interesse por Eulálio apenas do ponto de vista sexual.

O mesmo se dá em sua relação com a Matilde, a menina alegre de cabelos escuros e cacheados que avistou pela primeira vez em uma missa na Igreja da Candelária. Também foi a

moça que o fez esquecer seu desejo por Balbino: “Mas por esse tempo felizmente aconteceu de eu conhecer Matilde, e eliminei aquela bobagem da cabeça.”(BUARQUE, 2009, p. 20). E foi esse mesmo, o desejo, que o atraiu para Matilde e fez com que ele se casasse com ela, não o amor. No capítulo 19, Eulálio narra o que diz ser uma das últimas vezes que teve uma visão nítida de Matilde: “Olhei-me, admirado, havia em meu corpo de velho um **desejo** por Matilde semelhante ao do nosso primeiro encontro” (BUARQUE, 2009, p. 138 - grifo meu). A falta de Matilde expressa constantemente no discurso de Eulálio é física, somente. Na ausência dela (da narração sobre a saudade), o que sobra do discurso sobre a mulher, em grande parte, são críticas ao seu comportamento, desprovimento de traquejo social, desconfiança de possíveis traições etc.

Como já sabemos, Eulálio foi apresentado às mulheres por seu pai, o senador Assumpção, que tratava as prostitutas como objetos para o seu prazer, favorecia a amante (que na prática não desempenhava função diversa das demais) e traía a esposa, praticamente de forma declarada, visto que suas desculpas para as noites que ficava fora de casa após o trabalho eram totalmente esdrúxulas. Essa informação nos importa para compreender o padrão de relacionamento que Eulálio passou a estabelecer, não como justificativa, mas como um modelo que ele seguia em certa medida, mesmo afirmando o contrário.

Matilde é citada nominalmente, pela primeira vez, no capítulo 4 do livro. Antes disso, o narrador se refere a ela como sua mulher, apenas. Desta antiga mulher que Eulálio citava, se destaca a comparação com a mãe dele realizada no primeiro capítulo: “Minha mulher, sim, suave bastante, mas ela já era de uma nova geração e não tinha a austeridade da minha mãe. Minha mulher gostava de sol, voltava sempre afogueada das tardes no areal de Copacabana.” (BUARQUE, 2009, p. 5 - 6). Desse trecho podemos entender que existiam diferenças entre as duas e que talvez sua mulher não estivesse no mesmo patamar da mãe.

Observemos que a visão com Matilde que mais lhe chamou a atenção depois de anos estimulou seu desejo sexual por ela, e aqui precisamos frisar que não existia foto ou retrato da mulher e, com o tempo, Eulálio afirma que a imagem dela foi se apagando em sua memória. Tal visão será rememorada com mais detalhes no capítulo 22:

Digo aos senhores que conheci o vasto mundo, vi paisagens sublimes, obras-primas, catedrais, mas ao fim e ao cabo meus olhos não têm recordação mais vívida que a de uns cavalos-marinhos nos azulejos do meu banheiro. E ao recordá-los, pensando na menina Kim, por acaso recuperei a imagem da minha mulher, pois naquele instante se projetava nos azulejos a sombra de Matilde ensaboando os cabelos. E o semblante dela já se recompunha aos poucos na minha memória [...] Matilde em sua plenitude, seus seios brancos, seus cabelinhos negros, suas coxas com a pele perfeitamente morena, sem mancha alguma [...] O cão gania aos meus pés, enquanto eu relembrava

Matilde a me atrair para a parede de azulejos, andando para trás com seus quadris em suave balanceio [...] Pois agora também demorei a atinar comigo, demorei a acreditar que meu **desejo** pudesse se restaurar a esta altura da vida, tão forte quanto nos dias em que Matilde me olhava como se eu fosse o maior homem do mundo. (BUARQUE, 2009, p. 180 - 181- grifo meu).

É também no capítulo 4 que Eulálio relata como se sentiu ao observar Matilde durante a missa do senador Assumpção. Por meio de sua descrição podemos perceber que ela era uma moça vivaz, comunicativa e extrovertida. O narrador nos diz o seguinte: "Na verdade nunca a pude observar direito, porque a menina não parava quieta, falava rodava e se perdia entre as amigas, balançando os negros cabelos cacheados." (BUARQUE, 2009, p. 20). Em seguida, Eulálio rememora o que sentiu ao avistar Matilde:

Mas agora, no momento em que o órgão dava a introdução para o ofertório, bati sem querer os olhos nela, desviei, voltei a mirá-la e não pude mais largar [...] **Então não sei como, em plena igreja me deu grande vontade de conhecer sua quentura** [...] Estava eu com essas fantasias profanas, quando minha mãe me tomou pelo braço para a comunhão. (BUARQUE, 2009, p. 21 - grifo meu).

Interessa retomar que, também nesta passagem, Eulálio comenta que imaginou abraçá-la de surpresa, para que ela pulsasse e se debatesse contra seu peito, e que isso seria como abafar nas mãos o passarinho que capturou na infância. Observando a trajetória do relacionamento de Eulálio e Matilde, podemos notar que ele realmente tentava colocá-la em suas mãos para fazer o que quisesse e até se aprazia com o desconforto dela ou em diminuí-la. Para isto nos basta rever as passagens em que ele decidiu deixá-la em casa ao invés de levá-la ao cais do porto na chegada de Dubosc, e outra que descrevia seu retorno pra casa após o trabalho:

A) "[...] só senti que era alaranjada a **raiva cega** que tive **da alegria dela**." (BUARQUE, 2009, p. 12 - grifos meus).

B) "Já ao saltar do carro, ansiava por ouvir os discos esquisitos de Matilde, na vitrola que lhe dei de aniversário. Se não havia música, eu descia à praia a fim de **arrastá-la** para casa, e a empregada sabia que era hora de sair para o armazém, ao pressentir nosso bulício." (BUARQUE, 2009, p. 63 - grifo meu).

Na passagem "B" podemos notar que não há qualquer demonstração de interesse sobre o bem-estar de Matilde ou de como teria sido o dia dela, inclusive chama os discos que ela escutava de esquisitos. Sua única preocupação era saber, por meio da música que viria do chalé, se a mulher estaria em casa, do contrário a arrastaria da praia em função de satisfazer o seu desejo. No início do capítulo 11 encontramos a seguinte passagem: "[...] a minha pobre avó, que conhecia seu ciúme como reumatismo. Contam que ela gania de dor nas juntas, na fazenda na raiz da serra, cada vez que meu avô ia procurar as negras." (BUARQUE, 2009, p. 62).

Arrastar a esposa para casa não seria muito parecido com a atitude de seu avô ao ir “procurar as negras”? Com toda certeza, a vontade daquelas mulheres não contava e o conceito de consentimento, muito provavelmente, nem existia para aqueles homens, o que Eulálio também ignorava em suas ações.

Fica evidente na passagem “A” que Eulálio sentiu raiva ao perceber a mulher feliz em um momento que, para ela, seria um dos únicos em tempos que podia colocar uma roupa bonita, se maquiar e sair para passear. Não existia empatia da parte de Eulálio.

No capítulo 6 o narrador retoma a passagem da missa de seu pai e acrescenta mais informações. Comenta sobre a vergonha que sentiu da excitação que tomou conta dele ao ver Matilde (e o medo de que sua mãe percebesse), justamente no momento da comunhão, o que se repete quando Matilde chega para cumprimentá-lo na fila mais tarde:

Vi como ela se aproximava não em linha reta, mas em parafuso, a se entreter com meio mundo à sua volta, como se estivesse numa fila de sorveteria. Mais ela vinha, mais eu ansiava por vê-la face a face, e **mais me angustiava a possibilidade de perder outra vez a compostura**. Chegou, me fitou com os olhos subitamente marejados, me abraçou e sussurrou no meu ouvido, coragem, Eulálio. Matilde falou Eulálio, e me confundiu. **Tive um arrepio pelo seu sopro quente em meu ouvido, e outro arrepio a contrapelo [...]** Então a encarei e disse, não entendi. Matilde repetiu, coragem, Eulálio, e já agora, em sua voz ligeiramente rouca, parecia que meu nome Eulálio tinha uma textura. Falou meu nome com se o arranhasse um pouco, e **quando num volteio se retirou, tive como temia novo arrebatamento obscuro [...]** Debrucei-me, contorcei-me como em cólicas, soltei-me da minha mãe aflita e disparei pela primeira porta [...]. Entrei pelos fundos e subi direto para o banheiro, pois tinha transpirado muito e carecia de um banho fresco. E urgia compreender melhor **o desejo que me descontrolara**, eu nunca havia sentido coisa semelhante. Se desejo era aquilo, posso dizer que antes de Matilde eu era casto. Quem sabe se, inadvertidamente, eu não teria me apossado da volúpia do meu pai, assim como da noite para o dia herdara gravatas, charutos, negócios, bens imóveis e uma possível carreira política. (BUARQUE, 2009, p. 31 - 33 - grifos meus).

Esse arrebatamento, que Eulálio compara com a volúpia de seu pai e, num primeiro momento poderia até parecer juvenil, não ficou em segundo plano com o passar do tempo em que se relacionava com Matilde, mas se tornou o elo que o mantinha ligado à mulher, o mote do casamento.

No capítulo 11, Eulálio narra uma passagem em que já estava casado com Matilde e, mais uma vez, o foco de sua lembrança era o desejo por ela: “Às vezes tirávamos o domingo para passear de carro, mas no casarão da mamãe a gente mal parava, Matilde não fazia questão. Preferia ir à fazenda porque adorava montar, e **eu ficava perturbado ao trotar na sua cola, sentia quase um desejo do cavalo.**” (BUARQUE, 2009, p. 63 - grifo meu).

Após a morte de Matilde, as formas de suprir a ausência dela escolhidas por Eulálio também estão sempre relacionadas ao desejo sexual, como nas seguintes passagens:

A) Não vou mentir, tive outras mulheres depois dela, levei mulheres para casa [...] Bem que tentei buscar companhia noutra parte, cheguei a visitar prostíbulos, sem me animar. Moças que eu conhecia da garçoniêre também me receberam em domicílio, e fracassei seguidamente. **Porém meu desejo pela sua mãe permanecia vivo, sua lembrança me assaltava na cama, no banho, na escada, a cozinha eu até evitava.** Então tratei de atrair mulheres para o âmbito dos meus desejos, mas nada era assim tão simples. Não me atrevia a deitar putas no leito conjugal, e entre as damas disponíveis, nem todas se sujeitavam a vestir as roupas da sua mãe. (BUARQUE, 2009, p. 93 - grifo meu).

B) [...] cedo me tornei um tipo de ermitão. Fechava-me no quarto, fumava um cigarro atrás do outro, tinha por consolo folhear as revistas ilustradas que então entravam em grande voga. Era capaz de vislumbrar sua mãe em qualquer foto de mulher à meia distância, ora a caminhar na avenida Central, ora deitada numa praia do Nordeste, ora a cavalgar nos pampas, e recostado na cama **me satisfazia examinando tais figuras.** (BUARQUE, 2009, p. 94 - grifo meu)

Notamos, por meio dos trechos “A” e “B”, que a necessidade de Eulálio se resumia em suprir a falta da presença física de Matilde, não como uma parceira de vida que não encontraria mais, mas a mulher que atendia aos seus anseios sexuais, somente. Para tanto, recorreu a prostitutas e depois a revistas ilustradas.

Mesmo ciente da motivação de Matilde ao decidir deixar o lar, filha e marido, a tuberculose (que na época causava medo nas pessoas, por falta do tratamento adequado que existe hoje e o elevado número de óbitos resultantes dela), Eulálio pouco comenta o sofrimento da mulher e, por vezes, julga o sumiço dela e até mesmo a coloca como uma possível adúltera, ou seja, Matilde era importante apenas para satisfazer os desejos de Eulálio, como um objeto, suas dores pouco lhe importavam.

VERGONHA DA ESPOSA

Outro aspecto importante a se analisar na relação de Eulálio e Matilde é a vergonha que ele sentia da esposa. Em diferentes momentos de sua narração, Eulálio questiona o modo de agir da mulher, seus gostos e sua intelectualidade. A apresenta para o leitor como uma pessoa com pouco conhecimento e que não sabia conversar ou estava informada sobre assuntos atuais, tratados em seus grupos de colegas etc. Por isso, inclusive, evitava lavá-la a encontros sociais, se aborrecia quando ela falava francês e duvidava que ela entendesse o que os outros diziam nestas ocasiões.

A afirmação “Minha outra mulher teve uma educação rigorosa” (BUARQUE, 2009, p. 29) presente no capítulo 6, parece contraditória diante de tantos questionamentos. No capítulo 8, ao comentar sobre seu colega Dubosc, diz o seguinte:

Fora do serviço revelava outro temperamento, jactava-se de seus progressos nas aulas de tango, foxtrote, charleston, maxixe, a última novidade era o ritmo do samba [...] me perguntou por que eu nunca me fazia acompanhar da minha mulher, que todos diziam ser tão charmosa. Não sei de onde tirou isso, no seu círculo ninguém conhecia Matilde. Disse ainda que, pelo telefone, minha esposa tinha uma voz cálida e falava um excelente francês. Já isso certamente ele disse para me lisonjear, e me fez rir porque Matilde em francês era quase tatibitate. Eu cogitara mesmo em levá-la à recepção da embaixada, e para a ocasião ela havia feito as unhas e separado um vestido cor de laranja. Mas concluí que não valia a pena, Matilde ficaria encabulada naquele meio. Política não lhe interessava, negócios, muito menos, amava fitas de caubói, mas não sustentaria uma conversação sobre literatura. Pouco sabia de ciências, geografia e história, apesar de ter estudado no Sacré-Coeur. Aos dezesseis anos, quando deixou o colégio para casar comigo, não tinha completado o curso ginásial. Estudara piano, como todas as meninas do seu gabarito, mas tampouco brilhava nessa matéria. Ainda éramos namorados no dia em que ela sentou ao Pleyel de minha mãe, e me preparei para escutar alguma peça de Mozart, compositor que ela cantara, ou fingira cantar, na missa de sétimo dia do meu pai. Mas com mão pesada, ela tocou um batuque chamado Macumba Gegê, vá saber onde aprendeu aquilo. (BUARQUE, 2009, p. 44 - 45).

Percebemos que os questionamentos de Eulálio com relação ao comportamento de Matilde estão implícitos desde as suas descrições da missa, antes mesmo que ele tivesse qualquer relação com a moça. Quando pontua que não conseguia observá-la direito porque ela não parava quieta, conversava com as amigas, rodava e saía da igreja como se estivesse saindo do cinema Pathé, nos dá um indício de que o comportamento da menina não seria adequado ao ambiente ou mesmo diferente das demais. Se observarmos bem, sempre há, em seu discurso, comparações entre Matilde e outras moças ou mulheres.

Em suas narrações para a enfermeira, com a qual ilusoriamente se casaria, Eulálio demonstra ter conhecimento sobre a maneira que tratava Matilde e quer deixar claro que não faria o mesmo com a outra: "Quando sair daqui, vou levá-la comigo a toda parte, **não terei vergonha de você**. Não vou criticar seus vestidos, seus modos, seu linguajar, nem mesmo seus assobios." (BUARQUE, 2009, p. 61 - grifo meu). Muito embora, na sequência de suas falas, sempre duvide da intelectualidade da enfermeira e desconfie que ela tenha relacionamentos com médicos do hospital, o que se evidencia nas passagens abaixo:

A) "Antes de exhibir a alguém o que lhe dito, você me faça o favor de submeter o texto a um gramático, para que seus erros de ortografia não me sejam imputados" (BUARQUE, 2009, p. 18).

B) "Também acho uma delícia quando você esquece os olhos em cima dos meus, para pensar no galã da novela, nas mensagens do celular, na menstruação atrasada." (BUARQUE, 2009, p. 19).

C) "Daí, se amanhã você sair de férias, por favor me previna. Percebo que anda arisca, receio que se canse de tudo e vá embora de novo para sempre. Esteja tranquila porque nunca lhe perguntarei onde você passas as tardes, nem quero saber se vai ao cinema com esses médicos." (BUARQUE, 2009, p. 61).

Se faz necessário pontuar que Eulálio narrava seu passado para a enfermeira, acreditando que ela anotava tudo, no que podemos presumir que seria um tipo de autobiografia dele. No trecho "A" ele dá a entender que a enfermeira não sabia escrever corretamente, por isso solicita que seu texto passe por uma revisão.

Assim como faz em outros momentos, no trecho "B", Eulálio presume o que a enfermeira estaria pensando, sem que ela mesma se pronunciasse e mostra a ideia estereotipada que tinha dela, como se uma mulher só pudesse pensar em novelas ou menstruação. O narrador fala como se a moça fosse compromissada com ele e tivesse que dar explicações de sua ausência, e notamos a confusão de sua memória, bastante comum, no trecho "C", quando ele diz "receio que se canse de tudo e vá embora de novo para sempre", considerando que Matilde que foi embora para sempre e não a enfermeira. Também é importante notar que ele quer dizer que vai tentar não ser ciumento ou desconfiar dela, como fazia com Matilde. Tudo isso são criações da imaginação de Eulálio e em todas elas há um tipo de transposição da relação que tinha com sua falecida mulher. Com isso, deixa mais que clara a vergonha que sentia de Matilde enquanto viveu com ela.

PELE QUASE CASTANHA

Ao longo do texto, percebemos a repetição de uma expressão que Eulálio utiliza para se referir à cor da pele de Matilde, "pele castanha" ou "pele quase castanha". Nestes momentos existe um tipo de suavização ou tentativa de afastá-la do negro. Retomaremos alguns trechos para tornar a análise mais clara:

A) "Matilde era de **pele castanha**, era a mais **moreninha** das congregadas marianas". (BUARQUE, 2009, p. 20 - grifos meus).

B) "Só porque Matilde era de **pele quase castanha**, era a mais **moreninha** de sete irmãs". (BUARQUE, 2009, p. 29 - grifos meus).

C) "Não sei se já lhe contei como conheci Matilde na missa de sétimo dia do meu pai, quando ela falou Eulálio de tal jeito, que nem mesmo atrizes sensuais conseguiram reproduzir

na minha cama. Também acho que lhe contei como fui vigiá-la um dia depois, toda serelepe à saída da escola, era a mais **moreninha** da classe. Passei a buscá-la todo dia, só de Matilde no saguão da escola juntei recordações em série para o resto da vida." (BUARQUE, 2009, p. 96 - grifo meu).

Notamos que esse “pele quase castanha” é acompanhado pela expressão “moreninha”, que seria “morena” no diminutivo. Talvez quisesse dar a entender que se tratava de uma morena clara. Fato é que, na sociedade brasileira, podemos observar inúmeras vezes que, quando uma pessoa branca vai se referir ao tom de pele de uma pessoa negra num diálogo direto (e amistoso), há quase sempre um tipo de receio de usar a expressão “negro” ou “negra” e fazem uma substituição pela palavra “morena” ou “moreno”, como se “negro” fosse um tipo de ofensa e o “moreno” mais aceitável. Inclusive, como é de conhecimento geral, existe também, por parte dos brasileiros, uma necessidade de se afastar do negro, quando pessoas negras de pele clara, por vezes, se dizem brancas. Este comentário serve para que possamos perceber que Eulálio também tentava afastar Matilde do negro, de classificá-la como uma mulher negra de pele clara. Porém, toda vez que ela demonstrava algum comportamento ou gosto que a aproximasse de sua negritude, isso o aborrecia. Para isso, precisamos apenas lembrar da aversão que ele sentia pelos sambas que Matilde cantava e dançava, e também da passagem em que Matilde dançou maxixe com Dubosc, e seu aborrecimento se transformou em raiva e numa posterior agressão à mulher:

Nisso a orquestra atacou o tema que tantas vezes ouvi ao longe, na vitrola de Matilde. Le maxixe!, exclamou o francês, é magnífico o ritmo dos negros!, e nos pediu que dançássemos para ele ver. Mas eu só sabia dançar valsa, e respondi que ele me honraria tirando minha mulher [...] Era uma coreografia precisa, e me admirou que a minha mulher conhecesse aqueles passos [...] e foi me parecendo que também em Matilde, em seus movimentos de ombros e quadris, havia excesso. A orquestra não dava pausa, a música era repetitiva, a dança se revelou vulgar, pela primeira vez julguei meio vulgar a mulher com quem eu tinha me casado. (BUARQUE, 2009, p. 65 - 66).

Eulálio entende a dança como vulgar e também a mulher com quem havia se casado. Na sequência da narração, Dubosc pede uma carona para casa, parecendo muito cansado e não beija a mão de Matilde como fizera no início da noite, o que faz com que Eulálio imagine que, para Dubosc, após a dança, Matilde parecera uma mulher da qual não se deveria beijar a mão. Esse pensamento de Eulálio nos permite perceber que, nestes momentos, ele via em Matilde um tipo de inferioridade que o incomodava ao extremo. Outro comportamento da mulher, que o narrador apontava como inadequado, eram suas idas à cozinha. Existe uma passagem, no capítulo 14, num jantar na casa de Maria Violeta, em que acaba a luz e Eulálio se perde de

Matilde. Quando chega à cozinha, observa os empregados comendo empadinhas levadas por Dubosc, que haviam sido desprezadas pela anfitriã, e bebendo vinho estragado. Em seguida, vê Matilde conversando com o chofer: “Da cozinha vinham risos abafados, e julguei ouvir Matilde cochichando em francês, ca-ça-do-res de ca-be-ças. Ali a vi sentada no chão com o velho Auguste, partilhando uma bandeja de pâtisserie ao pé do fogão com a lenha em brasas.” (BUARQUE, 2009, p. 90). Para o leitor, esse trecho mostra que aquele ambiente e conviver com aquelas pessoas era algo comum e até mesmo agradável para ela. Na sequência da cena a luz acende, chamando a atenção de todos, o que, talvez, tenha tirado a atenção de Eulálio da situação de Matilde e silenciado um possível comentário dele sobre isso. Porém, destacaremos outra passagem em que ele expressa o que sente:

"[...] e mal entramos em casa foi para a cozinha, tinha mania de ir para a cozinha. Volta e meia levava a criança à cozinha, dava conversa às empregadas, era vezeira em almoçar ali com a babá. Então me vi tomado de um sentimento obscuro, entre a vergonha e a raiva de gostar de uma mulher que vive na cozinha." (BUARQUE, 2009, p. 66).

E quem eram as pessoas que ficavam na cozinha? Cozinheiras, empregados, a pobre Balbina (preta e retratada nas recordações de Eulálio como alguém que vivia em silêncio), ou seja, pessoas que ele considerava insignificantes e com as quais Matilde não deveria estar próxima, do contrário a faziam parecer também inferior.

Se faz necessário mencionar duas outras passagens que deixarão nítida a maneira como Matilde era vista com relação ao seu tom de pele e o que Eulálio realmente pensava sobre mulheres negras. No capítulo 20, Eulálio retoma trechos da história de seu neto, Eulálio d'Assumpção Palumba. Segundo ele, o rapaz se tornara comunista e desaparecera. Certo dia o telefone tocou e um tal de coronel Althier queria confirmar seu parentesco com o neto. O coronel então o cumprimentou pelo nascimento do bisneto de Eulálio, no hospital do exército. A criança seria confiada aos parentes mais próximos, pois a mãe falecera no parto. O menino foi nomeado Eulálio d'Assumpção Palumba Júnior. Maria Eulália não se interessava pela criança, sua preocupação era o filho que desaparecera. Mais adiante, Eulálio faz uma descrição do menino:

Da noite para o dia os cabelos dele se encrespavam, o nariz de batata engrossou mais ainda, e quanto mais o menino escurecia, mais me perturbava a sensação de conhecer sua cara de algum lugar. Era curioso porque, tirante o preto Balbino e um ou outro criado, eu não tinha muita gente da raça nas minhas relações, nem nunca avistei a mãe do menino, a dos nomes fictícios. E a cor do menino provinha dela, logicamente, eu não poderia esperar de um neto comunista que se juntasse com uma **moça de pedigree**. Mas ora, ora, papai, disse Maria Eulália, está na cara que esse aí puxou a

minha mãe mulata. Não sei quem abastecia minha filha com tantas **maledicências**, Matilde tinha a **pele quase castanha**, mas **nunca foi mulata**. (BUARQUE, 2009, p. 148 - 149 - grifos meus).

Eulálio via a mãe de seu bisneto como uma moça sem pedigree, apenas porque era negra e os traços do menino vinham dela. Outra informação importante nesta passagem aparece quando Maria Eulália se refere à mãe como uma mulher mulata e Eulálio entende isso como uma maledicência, ou seja, um tipo de injúria, já que mulheres negras para ele seriam sem classe e, neste caso, Matilde faria parte deste grupo. Segundo ele, de Matilde, o menino só herdara o gosto por música barata. No capítulo 23, Eulálio rememora uma ocasião, tempos atrás, em que encontrou o pai de Matilde, e diz a ele que gostaria de reestudar uma velha proposta, que se referia ao trabalho no senado. Antes que concluísse o homem apontou para Eulalinha:

[...] é filha sua? É a neta do senhor, Maria Eulália Vidal d'Assumpção é filha de Matilde. Mas que flor de criança, disse o doutor Vidal, e lhe deu um saquinho de açúcar-cande que tinha no bolso. Só que, Matilde, Matilde, ele falou, e eu via nele o mesmo ar de desentendido que tinha visto na madre superiora, como quem procura uns óculos esquecidos no próprio cocuruto. Ah, sim, Matilde, uma escurinha que criamos como se fosse da família, dito isso o doutor Vidal deu meia-volta para subir a escada, e um dos seus puxa-sacos me barrou o caminho. (BUARQUE, 2009, p. 191 - 192).

Percebemos neste trecho, que existe um tipo de descaso e até desprezo por Matilde da parte de seu pai. Ainda que tenha deserdado a moça quando se decidiu por casar-se com Eulálio, ela era filha dele e a frase “uma escurinha que criamos como se fosse da família” nos dá a entender que, para ele, Matilde era insignificante.

Quando o bisneto de Eulálio era criança, como já dissemos, Maria Eulália não se interessava pelo menino, e era o bisavô quem cuidava dele. Certa vez, Eulálio decidiu procurar uma escola para a criança:

Criança esperta, consegui-lhe uma bolsa de estudos no meu antigo colégio de padres. Porém no dia em que o levei para a matrícula, deu-se um zunzum na secretaria e um padrego meio bicha veio se desculpar comigo, não havia mais vaga para o Eulalinho. Inscrevi-o numa escola pública... (BUARQUE, 2009, p. 149).

Fica nítido nesta passagem que o menino não fora aceito na escola de padres por ser negro, e não por falta de vaga como justificou o padre. Da mesma forma, Matilde também sofria com o preconceito. Há uma dúvida que o texto deixa em aberto ao leitor, se Matilde realmente estudara no Sacré-Coeur ou não. Em diferentes passagens Eulálio afirma que ia buscar Matilde na saída da escola, assim como outros momentos de sua vida que conta e reconta de variadas

maneiras ao longo da narração. Esta é uma das passagens: “Passei a buscá-la todo dia, só de Matilde no saguão da escola juntei recordações em série para o resto da vida.” (BUARQUE, 2009, p. 96). No entanto, quando vai ao colégio em busca de uma foto de Matilde para mostrar à filha, a madre superiora afirma não se lembrar da moça. Mostra uma fotografia em que Matilde não aparecia, apenas suas amigas que Eulálio afirmava reconhecer. Depois disso, o narrador conclui que, provavelmente, ela estaria suspensa naquele dia por ter descido o corrimão da escola. Uma das possibilidades é que a madre superiora tinha vergonha de terem aceitado uma aluna negra no colégio, assim como Eulálio também sentia vergonha de Matilde, muito embora nada disso fique muito claro no texto.

4.5 BALBINA FALA OU NÃO FALA?

“Não sou eu uma mulher?”, esse foi o questionamento de Sojourner Truth, ex-escrava e defensora dos direitos das mulheres, na convenção de Akron, conforme citamos anteriormente 1851. Se, naquela época, homens faziam objeções irônicas e cruéis à necessidade de mulheres votarem - e aqui devemos entender mulheres brancas - usando como justificativa a fragilidade e “dependência” delas, o que podemos dizer das mulheres negras, até pouquíssimo tempo escravizadas? É importante retomar a citação apresentada no início deste capítulo para que possamos refletir sobre a diferença de tratamento destinado às mulheres negras historicamente. Considerando que, durante a escravidão negras e negros sofreram com o esvaziamento de sua humanidade, a reflexão de Sojourner Truth é no mínimo necessária para iniciar a análise da trajetória da personagem Balbina em *Leite Derramado*. Sabemos que Brasil e Estados Unidos conduziram a escravidão de maneiras diversas, no entanto existe uma semelhança inegável com relação à desumanização e subalternização dos indivíduos negros, o que conecta as dores dessas pessoas.

Balbina é a babá de Maria Eulália ou Eulalinha, como era chamada durante a infância. Nas poucas vezes em que essa personagem aparece ao longo da narrativa, percebemos que ela sempre está em silêncio. Até mesmo quando é questionada sobre alguma coisa, Balbina se expressa por meio de gestos: “Mais um pouco e enxerguei a Balbina, que me olhou assustada, e a Eulalinha, que pegou a chorar. Perguntei por Matilde, Balbina me apontou o chalé, e já do portão se ouvia música.” (BUARQUE, 2009, p. 115).

Em seu livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), bell hooks emprega as expressões “sujeito” e “objeto” para se referir ao colonizador e o oprimido. Segundo ela:

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta. (HOOKS, 2019, p. 38 - 39).

Balbina não ocupa a posição de sujeito e sim de objeto, pois Eulálio pressupõe o que a moça pensa sem que ela mesma enuncie. Retomaremos um trecho do romance para elucidar essa afirmação:

Na época, eu frequentemente amanhecia inquieto, ia acordá-la para verificar o que restava de Matilde no seu rosto. Não era loucura minha, a Balbina também notava que cada dia você perdia mais um traço da mãe, e nesse passo já perdera todo o desenho original da boca, fora o negro dos olhos e a tez acastanhada. Era como se, na calada da noite, Matilde passasse para buscar suas coisas no rosto da filha, em vez dos vestidos no armário ou dos brincos na gaveta. (BUARQUE, 2009, p. 94 - 95).

Não é a Balbina que fala ter percebido que Eulalinha perdia, com o passar dos dias, os traços que a assemelhavam à figura da mãe, Eulálio afirma que ela também percebeu, mas até que ponto isso é verdadeiro ou algo que ele imaginou?

Balbina não é escravizada, mas age como se fosse. O seu comportamento é um reflexo de tudo que foi internalizado por seus antepassados. Como afirma Beatriz Nascimento, no artigo “A mulher negra no mercado de trabalho”, de 1976: “O efeito continuado da discriminação praticada pelo branco tem também como consequência a internalização, pelo grupo negro, dos lugares inferiores que lhes são atribuídos” (NASCIMENTO, 2021, p. 57).

A personagem vem de uma “linhagem” de Balbinos, seu avô, seu pai e seu irmão têm o mesmo nome, Balbino. Assim como, na família de Eulálio, todos têm o mesmo nome, avô, pai, filho e neta – Eulálrios e Eulália. Dentro dessa organização é possível concluir que cada um dos Eulálrios tinha um Balbino, um escravo no caso dos antepassados de Eulálio, narrador-personagem, e um amigo, acompanhante ou serviçal, depois da abolição:

E não se esqueça que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de constar até aí no prontuário. Assunção, na forma assim mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou, como a pedir licença para entrar na família sem sapatos. Curioso é que seu filho, também Balbino, foi cavalição do meu pai. E o filho deste, Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância. (BUARQUE, 2009, p. 18).

Balbina e Balbino, seu irmão, não são escravizados, mas mantém em seus comportamentos a subserviência, é como se eles estivessem presos por correntes invisíveis,

correntes mentais. Isso remete ao questionamento de Lélia Gonzalez, filósofa e antropóloga, em seu artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, no qual a autora diz: “...por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar?” (GONZALEZ, 2020, p. 27). Ao falar sobre a importância de sua escrita (também como um ato de resistência, pois implica no uso de palavras, assim como a fala) e, mais especificamente que os negros falem por si próprios, a estudiosa acrescenta:

O risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (*infans* é aquele que não tem fala própria, é a criança que fala de si na terceira pessoa, porque é falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. (GONZALEZ, 2020, p. 27).

Após a abolição da escravatura no Brasil, não foram criadas políticas públicas que auxiliassem os negros a construírem uma jornada de vida digna e, além disso, com uma perspectiva diversa do trabalho realizado nas fazendas. Balbina está acorrentada mentalmente, mas até que ponto foi oportunizada a ela outra maneira de direcionar sua vida? Inicialmente a liberdade foi tolhida de seus antepassados, agora, os “livres”, continuam presos.

No capítulo 16, Eulálio comenta que seu pai tinha um chicote guardado na biblioteca atrás de uma enciclopédia. Esse artefato era um tipo de “reliquia” da família e afirma que um dos antepassados de Balbina, provavelmente devido a senilidade e suas complicações, achava que deveria ser chicoteado, quando já não era escravizado. Encontramos as seguintes informações sobre a relação de lealdade entre ex-escravizados e senhores no livro *Brasil: uma biografia*:

Os escravizados eram em geral conhecidos pelo nome de batismo e identificados adicionalmente por sua cor e local de nascimento. [...] Em caso de libertação e alforria, não era raro que o liberto levasse consigo o sobrenome de seu ex-proprietário – Félix Maciel foi escravo de Belchior Maciel. Por outro lado, ao adotar esse sobrenome, estendiam-se os laços de dependência, que não se esgotavam no momento em que se recebia a liberdade via alforria. Tido como uma modalidade da arraigada prática do compadrio, tal sistema criava vínculos de parentesco espiritual entre o afilhado e a afilhada, o padrinho e a madrinha. Ele significava, assim, que **a lealdade e subserviência deveriam ser mantidas** (grifo meu), como se escravidão fosse, no Brasil, uma espécie de destino eterno e sem volta. (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.90-91).

Grada Kilomba explica que a boca “simboliza a fala e a enunciação” (KILOMBA, 2019, p. 33) e que, historicamente, pode ser vista como uma representação da opressão do povo negro. Ela cita a figura da escrava Anastácia com a máscara de flandres para exemplificar o silenciamento. “Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do

sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa.” (KILOMBA, 2019, p. 33).

Anastácia é uma santa popular, cultuada pela igreja da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Rio de Janeiro. Encontramos algumas informações sobre ela na *Enciclopédia Negra*, onde se diz o seguinte:

Há versões de que seria uma princesa africana, escravizada a partir dos portos da África Central e que fora trazida para a Bahia e passado por Minas Gerais até chegar no Rio de Janeiro. Outras teorias afirmam que sua mãe, Delminda, desembarcou no Brasil, no dia 9 de abril de 1740, do navio negreiro Madalena, que viera da África com 112 negros escravizados, originários do Congo. [...] Sua imagem ficou associada a uma gravura executada pelo artista francês Jacques Étienne Arago (1790 - 1854). [...] a máscara de flandres – instrumento utilizado para evitar que os cativos comessem terra e assim tirassem a própria vida, bem como para sevícias. (GOMES; LAURIANO; SCHWARCZ, 2021, p. 50).

Os africanos que chegavam ao Brasil por meio do tráfico negreiro tinham que aprender a língua do colonizador nas fazendas. A língua materna é um dos melhores recursos que aprendemos e empregamos para nos comunicar, expressar quem somos e o que pensamos. Impedir um ser humano de falar a sua própria língua é uma forma de silenciamento.

Dentro da lógica colonial e escravista, o negro não era visto como um ser humano, estava mais próximo dos animais, como cavalos que puxavam carroças. Animais não falam as línguas humanas, por que um negro falaria, ou melhor, por que línguas de origem africana deveriam ser consideradas importantes, assim como a cultura e a religião, por exemplo? Também é necessário salientar que o colonizador se via como foco, o protagonista da vida, dono e senhor de todas as coisas, sendo assim, a sua língua e o seu discurso eram os únicos a serem considerados. O que vemos em *Leite Derramado*, na figura de Balbina, é uma representação dos vários silenciamentos do povo negro.

Em sua carta à edição brasileira de *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, Grada Kilomba cita algumas expressões da língua portuguesa que apresentam íntima conexão com a colonização, estereótipos racistas e sexistas. Segundo ela “parece obrigatório esclarecer o significado de uma série de terminologias que, quando escritas em português, revelam uma profunda falta de reflexão e teorização da história e herança coloniais e patriarcais” (KILOMBA, 2019, p. 14). A autora faz uma reflexão sobre as expressões "mestiça/o", "mulata/o" e "cabrita/o", substituídos por "m.", "m." e "c." respectivamente em seu texto, e diz:

Quanto a esta, confrontamo-nos com uma longa lista de termos, frequentemente usados ainda hoje na língua portuguesa, que têm a função de afirmar a inferioridade de uma identidade através da condição colonial [...] Os termos mais comuns são: *m.* (mestiça/o), palavra que tem sua origem na reprodução canina, para definir o cruzamento de duas raças diferentes, que dá origem a uma cadela ou um cão rafeira/o, isto é, um animal considerado impuro e inferior; *m.* ("mulata/o"), palavra originalmente usada para definir o cruzamento entre um cavalo e uma mula, isto é, entre duas espécies animais diferentes, que dá origem a um terceiro animal, considerado impuro e inferior; *c.* (cabrita/o), palavra comumente usada para definir as pessoas de pele mais clara, quase próximas da *branquitude*, sublinhando porém a sua *negritude*, e definindo-as como animais. (KILOMBA, 2019, p. 19 - 20).

Resta ainda lembrar que Matilde e Balbina são negras, mas estão em situações totalmente diversas. Como já dissemos anteriormente e, de acordo com os estudos de Adriana Devulsky, o colorismo define lugares que os negros de diferentes gradientes de pele podem ocupar socialmente. Retomando a noção de que *Leite Derramado* é uma narrativa que ficcionaliza a história brasileira, a personagem de Balbina está restrita a uma posição de subserviência e trabalha como babá, aparentemente sem qualquer outra perspectiva. Já Matilde, mesmo diante dos preconceitos enfrentados ao longo da narrativa, obteve mais oportunidades, neste caso possibilitadas pela influência de seu pai, e teve acesso a uma educação de qualidade, ainda que tenha deixado os estudos cedo para se casar.

Para concluir a análise sobre o silêncio da personagem Balbina, é importante lembrar que ela é tão inferiorizada que, pelo que podemos perceber, não tem direito à palavra ou, nos momentos em que essa possibilidade se apresenta, não se permite falar.

A doutora em psicologia social e do trabalho Jaqueline Gomes de Jesus, faz alguns apontamentos sobre o silenciamento das mulheres negras no prefácio do livro *Heroínas Negras Brasileiras*, de Jarid Arraes. Segundo ela:

No Brasil, mulheres, principalmente as negras, nem sempre puderam falar, escrever e quanto mais publicar sobre si mesmas. Tampouco tiveram suas vozes plenamente respeitadas por aqueles que delas falaram, escreveram e publicaram; na maioria, homens brancos. (JESUS, 2020, p. 9).

4.6 EULÁLIO E SUA BABÁ

Como dissemos anteriormente, a presença de figuras negras na vida dos Assumpção é uma constante, antes e depois da abolição. Assim como Maria Eulália tinha Balbina na posição de babá, além de seu amigo e serviçal Balbino (uma combinação que não parece fazer sentido), Eulálio teve uma babá negra. No início do capítulo 16 ele se mostra bastante aborrecido porque, segundo o que diz, deixam que ele passe fome no hospital. Apenas uma tal moça, cujo nome

ele não se recorda, não age dessa forma. Nesse momento ele começa a confundir o comportamento de criança mimada e arqueira que tinha na infância, ligando o fato de ter derrubado o prato de comida no chão, e mistura o presente com o passado:

Tenho fome. Os enfermeiros aqui são rancorosos, com exceção daquela moça [...] Tragam-me por obséquio a minha goiabada, tenho fome. Virei o prato no chão, mas não nego, e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo. Sem falar que a comida cheira a alho, deixem minha mãe saber. (BUARQUE, 2009, p. 101).

No presente da narrativa, a mãe de Eulálio já faleceu, por isso fica evidente a confusão de sua memória. Ele também pede goiabada, algo que gostava de comer em sua infância. A figura da babá passa a ser lembrada, já que existia um tipo de relação entre comida, castigo e atenção na época. O pequeno Eulálio fazia traquinagens, era mandado para o castigo por sua mãe, mas não ficava com fome porque a babá sempre vinha em seu auxílio. Deste modo, percebemos que, aparentemente, ele sentia carinho por ela quando criança:

Porque quando a babá sai de folga é sempre o tal negócio, ninguém tem paciência comigo. Mas estou com fome e sou capaz de ficar batendo com a cabeça na parede até me servirem sobremesa. E quando meu pai perguntar que galo é esse na minha testa, vou lhe contar que nesta casa me dão porrada quase todo dia. (BUARQUE, 2009, p. 101 - 102).

Ele segue dizendo que, para seu pai, em cabeça de criança não se encosta, e que somente os pais podem bater no filho, mesmo que tire sangue. Afirma em tom de ameaça que, caso seu pai veja o machucado em sua cabeça, iria fustigar a todos: “Saibam vocês que papai tem um chicote guardado ali na biblioteca, atrás da enciclopédia Larousse [...] Vai açoitá-los todos, não importa se homem ou mulher” (BUARQUE, 2009, p. 102). Na sequência ele cita a babá que, juntamente com a lavadeira, deveria ser poupada dos maus tratos ou de ser mandada embora, não porque gostasse dela, mas porque a mulher o salvava de passar fome durante os castigos da mãe:

Mas a minha babá vou pedir para papai não mandar embora porque dá pena, a negona nunca vai gostar de outra criança como gosta de mim. Nem vai deixar outro menino fazer festinha naquelas suas tetas gordas como me deixa, dá tapa na mão mas deixa. De nada adiantou mamãe contratar a governanta alemã, quando achou que eu estava muito crescido para ter babá. A Fräulein era cheia de não-me-toques... (BUARQUE, 2009, p.103-104).

É interessante perceber que, neste caso, a babá não é chamada por seu primeiro nome, o narrador-personagem se refere a ela como babá apenas. Difícil saber se ele não recorda o

primeiro nome da mulher, refere-se a ela de acordo com a função que possui em sua vida, como pai e mãe, por exemplo, que boa parte das crianças não costuma chamar pelo nome, ou entende que o nome é menos importante do que citar como era tratado por ela.

No artigo "Racismo e sexismo na cultura brasileira", Lélia Gonzalez afirma que a "mãe preta" ou "bá" acabou cumprindo, muitas vezes, o papel de mãe das crianças brancas ao longo da história:

Ela, simplesmente, é a mãe. É isso mesmo, é a mãe. Porque a branca, na verdade, é a outra. Se assim não é, a gente pergunta: quem é que amamenta, que dá banho, que limpa cocô, que põe pra dormir, que acorda de noite pra cuidar, que ensina a falar, que conta história e por aí afora? É a mãe, não é? Pois então. Ela é a mãe nesse barato doido da cultura brasileira. Como mucama, é a mulher; então a "bá" é a mãe. A branca, a chamada legítima esposa, é justamente a outra que, por impossível que pareça, só serve para parir os filhos do senhor. Não exerce a função materna. Essa é efetuada pela negra. Por isso, a "mãe preta" é a mãe. (GONZALEZ, 2019, p. 38).

4.7 MULHERES NEGRAS E OS ABUSOS

Comentamos no primeiro capítulo deste trabalho que Eulálio, no presente da narrativa, por mais que tivesse a faculdade da memória afetada devido ao processo de senilidade, trazia à tona algumas recordações que permitiam que ele entendesse sua trajetória de vida e, principalmente, o resultado de suas más escolhas. Em alguns momentos da narrativa, ao se lembrar de atitudes violentas que teve com Matilde, ele faz algumas reflexões sobre o ciúme e seus malefícios. No início do capítulo 11, o narrador-personagem usa a situação de sua avó como exemplo para explorar como o ciúme se manifesta nas pessoas. Diferente dele que tinha rompantes de raiva, nela o ciúme se traduzia em dores físicas infindáveis:

O ciúme é então a espécie mais introvertida das invejas, e mordendo-se todo, põe nos outros a culpa da sua feiúra. Sabendo-se desprezível, apresenta-se com nomes supostos, e como exemplo cito a minha própria avó, que conhecia seu ciúme como reumatismo. Contam que ela gania de dor nas juntas, na fazenda na raiz da serra, cada vez que meu avô ia procurar as negras. Mas se declarava indiferente às andanças dele, que sempre teve esses vícios, desde fedelho se metia entre as escravas nas propriedades do seu pai, o barão negreiro (BUARQUE, 2009, p. 62).

Segundo ele, sua avó não deixava por menos e dizia que o marido era pai dos filhos do criado Balbino. De mãos atadas com relação às atitudes do esposo, só restava à mulher continuar sentindo suas dores, físicas ou morais. O narrador nos explica que seu avô trouxe reumatologistas renomados da Europa e, por fim, construiu um chalé em Copacabana, no qual a esposa se isolou para tentar diminuir o sofrimento com banhos terapêuticos.

O que nos importa nessa passagem é a representação dos abusos sofridos por mulheres negras escravizadas, o que sabemos que ocorreu ao longo de nossa história, infelizmente. Do que podemos entender da breve narração de Eulálio, “procurar as negras” era tão habitual e constante para seu avô (e do conhecimento de todos), que transtornava profundamente sua esposa.

Sobre isso, encontramos a seguinte explicação no livro *Brasil: uma biografia* (2018):

Padecer com a arbitrariedade e o abuso dos senhores era moeda corrente, e mulheres escravizadas não poucas vezes foram vítimas do sadismo deles. Seu corpo não era apropriado apenas como produtor de riqueza, mas também como instrumento de prazer, gozo e culpa no caso dos proprietários, e do ódio, por conta dos ciúmes das senhoras. Aqui aparece pintada, e com tintas fortes, a sexualidade exercida na intimidade da alcova escravista: o autoritarismo senhorial aí se encontrava com a “aparente” passividade da mulher escravizada, a qual era antes uma rendição apavorada.” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 93).

4.8 AS MULHERES NEGRAS E AS PROFISSÕES

No desfecho deste capítulo, nos resta avaliar quais são os espaços e, mais especificamente, as profissões ocupadas por personagens negras em *Leite Derramado*.

Importa ressaltar que, historicamente, cerceadas por determinações e imposições masculinas, apenas com muita dificuldade as mulheres, de maneira geral, conseguiram alcançar espaços de poder e destaque. No Brasil, tivemos uma única presidenta da república até hoje, em meio a um sem número de homens. A proporção de mulheres no âmbito político nacional ainda não é o esperado. Todos os direitos adquiridos em prol da igualdade entre homens e mulheres, considerando que são seres humanos providos de capacidade intelectual, foram alcançados a custa de muita luta. No entanto, sobre as mulheres negras recai o peso da intersecção entre raça e gênero.

A historiadora e ativista Beatriz Nascimento, em seu artigo “A mulher negra no mercado de trabalho”, de 1976, explica que, para que possamos compreender a condição da mulher negra no mercado de trabalho, é necessário retomar a construção da sociedade brasileira desde o período de colônia, no qual se criou uma organização baseada em hierarquias “podendo-se conceituar como uma sociedade de castas, na qual os diversos grupos desempenhavam papéis rigidamente diferenciados” (NASCIMENTO, p. 49, 2019). Segundo ela, no topo dessa pirâmide social se encontravam os senhores de terras, que concentravam poder econômico e político. Considerando o caráter patriarcal da sociedade, a mulher branca desempenhava o papel de esposa e mãe. Sobre a mulher negra, a estudiosa afirma:

Contrariamente à mulher branca, sua correspondente no outro polo, a mulher negra é considerada uma mulher essencialmente produtora, papel semelhante ao do homem negro, isto é, desempenha um papel ativo. Antes de mais nada, como escrava, ela é uma trabalhadora, não apenas nos afazeres da casa-grande [...] como também no campo, desempenhando atividades subsidiárias do corte e do engenho. A sua capacidade produtiva, determinada pela condição de mulher, e, portanto, mãe em potencial de novos escravos, afirmava a sua função de reprodutora de nova mercadoria para o mercado de mão de obra interno. (NASCIMENTO, p. 49 - 50, 2019).

A historiadora nos explica que, numa sociedade hierarquizada como a brasileira e constituída por diferentes grupos étnicos, na qual um deles é dominante, na dinâmica de seleção de pessoas para ocupar diferentes espaços, o fator racial é determinante. Devido aos resíduos do escravagismo, que também podemos entender como o racismo estrutural estudado pelo professor Silvio Almeida, anteriormente citado, existe um tipo de “manutenção de privilégios por parte do grupo dominante”. (NASCIMENTO, p. 58, 2019). Segundo ela, “a mulher negra tem possibilidades menores do que qualquer um dos outros grupos. (NASCIMENTO, p. 59, 2019).

No artigo "Racismo e sexismo na cultura brasileira", Lélia Gonzalez vai reforçar a noção de que para as mulheres negras a articulação entre racismo e sexismo produz efeitos deletérios. A autora analisa três papéis que costumeiramente são atribuídos a essas mulheres: mulata, doméstica e mãe preta. Segundo ela, no processo de formação cultural brasileiro, se construiu uma imagem muito negativa do negro, seja ele homem ou mulher e o fato de que grande parte desse grupo de pessoas ocupe espaços de pouco prestígio é visto ou entendido como algo natural:

A primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e, se é malandro, é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta.” (GONZALEZ, 2019, p. 27).

Percebemos que em *Leite Derramado* existe um reflexo do que conhecemos da sociedade brasileira historicamente, e foi sintetizado por Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento em seus estudos: as mulheres negras aparecem em posições de subserviência, com uma possibilidade de ascensão quase nula. Matilde, que é uma mulher negra de pele clara, recebe o maior destaque dentro da narrativa porque foi a esposa de Eulálio, narrador-personagem.

Devido à posição social de seu pai, teve acesso a educação de qualidade. No entanto, para se casar, precisou deixar os estudos e ficar restrita ao ambiente doméstico como esposa e mãe. Temos ainda a presença de duas babás: Balbina, a babá de Maria Eulália e a senhora que foi babá de Eulálio e não sabemos o nome, apenas que agradava o menino e que ele tinha carinho por ela. Devemos lembrar ainda das mulheres escravizadas que são citadas com objetos de prazer para o avô da personagem central.

Muito embora *Leite Derramado* possa parecer uma narrativa simples e fastidiosa, pois se constrói com as idas e vindas no tempo de uma personagem idosa e acamada, repetindo trechos de sua vida e da decadência familiar, podemos perceber que a representação das mulheres negras contempla várias nuances e nos possibilita perceber o viés crítico que permeia a obra.

CONCLUSÃO

O trabalho com *Leite Derramado* nos possibilitou diferentes reflexões e, inclusive, mudou a noção inicial que fazíamos do livro. Como explicado na introdução, a primeira leitura não havia nos causado grandes arrebatamentos, no entanto percebemos a latência de questões sociais pontuadas ali para a realização desta análise.

O narrador-protagonista, que nos leva a diferentes passagens de sua vida e de outras figuras que lhe foram importantes, é um senhor de cem anos de idade que reclama de sua condição, cheio de audácia e altivez. Aos seus olhos, as demais pessoas que ocupam a enfermaria são a escória, e esse ponto de vista nos gerou muito desconforto como leitores. Porém, como Umberto Eco bem afirmou, e retomamos aqui, toda narrativa de ficção “é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho.” (ECO, 2010, p. 9). Deste modo, notamos que existia a necessidade indispensável de um trabalho de interpretação para o entendimento das críticas presentes no texto, e mais que isso, havia uma finalidade para a escolha de Eulálio como narrador, e não outra personagem. Como tudo o que lemos passa pelo filtro na narração dele, seria importante a presença de um homem branco, vindo de uma família de elite para que diferentes questões sociais problemáticas pudessem surgir. Quem melhor poderia expressar a supervalorização do dinheiro, demonstrar um sentimento de superioridade em relação aos demais por sua descendência, ter atitudes racistas declaradas (mesmo negando-as) ou ver a mulher amada como sua posse, a ponto de apagar a alegria que existia nela usando a pequena desculpa de que ela era “leve de espírito”, numa caracterização de total falta de empatia? Eulálio configura o ponto de vista perfeito para isso. A sua memória com falhas acentuadas, confusões, esquecimentos e lembranças serviram como uma excelente estratégia narrativa, não somente quando causava dúvida ao leitor sobre a veracidade das informações citadas, mas para trazer complexidade à narração e instigar o leitor a compreender melhor a história contada.

A presença da sucessão de Eulálios na configuração da família Assumpção acaba por fazer correspondência às famílias da elite brasileira que permanecem na mesma posição com o passar do tempo, assim como os Balbinos, a população negra e pobre que continua sofrendo. Essa disposição das coisas no texto representa o fato de que não existe mobilidade social no Brasil, devido às barreiras estruturais, como desigualdades raciais e de classe, e também pela dificuldade ao acesso à educação de qualidade para todos.

Outra questão relacionada ao foco da narração estar voltado para figuras masculinas é a formação da sociedade brasileira em bases patriarcais, além, é claro, da presença do sexismo e

do machismo. Uma crítica importante que o texto realiza está no fato de que essas figuras masculinas sempre são mostradas por Eulálio como magníficas, no entanto tiveram os mais diversos tipos de condutas equivocadas, desde a escravização, até a traição declarada e os abusos de poder.

O próprio Eulálio se coloca numa posição de superioridade, porém deixava de perceber que ele mesmo não se esforçava por sua própria evolução, quase não ia para a faculdade, após a morte do pai, passou a receber mesada de sua mãe e acreditava que as portas se abririam para ele somente pelo fato de que seu pai já havia passado por elas e molhado a mão de algumas pessoas. Ia para o escritório e fingia trabalhar sentado na cadeira do pai, se vangloriando de seu sobrenome, Assumpção.

No entanto, com a chegada de seu bisneto, Eulálio d'Assumpção Palumba Júnior, percebemos que só o sobrenome não seria suficiente para livrar um indivíduo das barreiras e dificuldades impostas pela cor na sociedade brasileira. O Eulálio bisneto é filho de mãe negra e desde a infância sofre com o preconceito. Não foi aceito na escola de padres onde seu bisavô estudara, por este motivo o matricularam numa escola pública. É mostrado como um rapaz mulherengo e sem compromisso, o que talvez represente um dos estereótipos relacionados à população negra. Quando começa a se relacionar com uma moça de classe elevada, seu bisavô é chamado para impedir que os dois continuassem a se ver. Acaba sendo encontrado morto num quarto de hotel, numa circunstância em que todos desconfiavam dele, primeiro os funcionários, imaginando que ele tivesse sequestrado a mulher que o acompanhava; depois dos estampidos, acreditavam que ele tivesse atirado nela e, por fim, vasculharam as coisas dele na busca de tóxicos, como se fosse de praxe um homem negro usar drogas. Talvez essas passagens nos sirvam para refletir sobre a maneira como o tempo vai transcorrendo e que, no entanto, o pensamento das pessoas permanece o mesmo, assim como os lugares socialmente ocupados.

As personagens femininas, que são o nosso foco de pesquisa, nos levaram a perceber que todas elas, sem exceção, apresentavam algum tipo de dor ou tristeza relacionada à sua condição como mulheres. A bisavó de Eulálio, que sofria quando o marido saía para procurar as negras como se fossem correto e normal; a mãe Eulálio, dona Maria Vitória, que perto dos trinta anos nem saía de casa para comprar as próprias roupas, esperava que o marido as trouxesse de suas viagens à Europa, e também era acometida pelo desespero diante da ausência do marido e suas traições. Matilde, que acaba sendo a personagem que mais se destaca, sofria com a desconfiança constante de Eulálio, que inventava diferentes histórias em sua mente nas quais a esposa o estaria traindo com outros homens, além ser vista como pouco inteligente e portadora de péssimo gosto musical. Não recebia atenção do marido, nem mesmo com o

nascimento da filha pequena que parecia só dela. Quando foi acometida pela tuberculose, a única pessoa a quem contou sobre sua situação não foi Eulálio, mas o conhecido médico que frequentava sua casa. E o que podemos dizer de Maria Eulália, a personagem construída para ser a mais insignificante desde o início, mas que nos proporcionou reflexões sobre as diferentes violências vividas por mulheres brasileiras, como o abandono, o estelionato, a violência doméstica, além do que é mais comum em nossa sociedade, as mães solo, que precisam lutar para criarem seus filhos sozinhas, diante da irresponsabilidade do pai da criança.

A negritude das mulheres brasileiras também é representada, inicialmente de forma até sutil, mas com o decorrer da narração, nos são mostradas as nuances do racismo que atinge a vida de todas as mulheres negras, sejam as retintas ou as de pele clara, as Matildes e as Balbinas. E, por mais que saibamos de grande parte das mazelas sociais citadas no livro, a narrativa nos leva a pensar sobre elas e, mais que isso, perceber que existe uma grande dificuldade para que o estado das coisas se modifique. Porém, não podemos permanecer parados, normalizando violências e nos mantendo em silêncio, como Maria Eulália.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANGELOU, Maya. **Poesia completa**. Bauru, SP: Astral Cultural, 2020.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

BELO, Fayda. **Justiça para todas: o que toda mulher deve saber para garantir seus direitos**. São Paulo : Planeta do Brasil, 2023.

BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMINHA, Pero Vaz. **A carta**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Veto a 'Com Açúcar, com Afeto' rouba um pouco da nossa humanidade**. Folha de São Paulo, 31 de janeiro de 2022. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/01/veto-a-com-acucar-com-afeto-rouba-um-pouco-da-nossa-humanidade.shtml>>. Acesso em 03 jun. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEVULSKY, Adriana. **Colorismo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

FERREIRA, Roquinaldo. África durante o comércio negreiro. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flavio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos** – 1ªed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 51 - 56.

FRAGA, Walter. Pós-abolição; o dia seguinte. In: **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. Lilia Moritz Schwarcz; Flávio dos Santos Gomes (Orgs.). Companhia das Letras, São Paulo, 1a. Edição, 2018.

GOMES, F. S.; LAURIANO, J. SCHWARCZ, L. M. **Enciclopédia negra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Interseccionalidades: pioneiras do feminismo negro**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

JAMESON, Fredric. **O romance histórico ainda é possível?** Novos estudos. São Paulo, p. 185-203, n. 77, mar. 2007.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Prefácio. In: ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Seguinte, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **A unicórnica preta**. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. O branqueamento da raça: uma estratégia de genocídio. In: NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. - 3. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. O embranquecimento cultural: outra estratégia de genocídio. In: NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. - 3. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher no mercado de trabalho. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Interseccionalidades: pioneiras do feminismo negro**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. In: NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. organização Alex Ratts. - 1a ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. Nossa democracia racial. In: NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. organização Alex Ratts. - 1a ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro: Grumin, 2019.

PUTTI, Alexandre. **Marca de móveis tira a palavra "criado-mudo" de seu catálogo**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/marca-de-moveis-tira-a-palavra-criado-mudo-de-seu-catalogo/>>. Acesso em: 03 jan. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. O racismo é uma problemática branca, diz Grada Kilomba. In: RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Jaime. Navio Negreiro. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flavio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos** – 1ªed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 343 - 348.

SCHWARCZ, L.M.; STARLING, H.M. **Brasil: uma biografia**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SHAKESPEARE, William. **Otelo, o mouro de Veneza**. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2017.

Tribunal Regional Eleitoral de Goiás. **Primeira deputada negra do Brasil**. TRE-GO. Disponível em: <https://apps.tre-go.jus.br/memorial/?page_id=11051>. Acesso em: 03 jun. 2024.

WEINHARDT, Marilene. Filhos da geração 1960/1970: herdeiros da memória. In.: _____. org. **Ficções contemporâneas: história e memória [online]**. Ponta Grossa: Editora UEPG, p. 237 - 258. 2015.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.